

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO
TERÇA-FEIRA, 19 DE AGOSTO DE 1969

DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
N.º 16 762 ANO 49.º UM ESCUDO

ATENÇÃO

A MOSCA
PICA AOS SÁBADOS



UM POLÍCIA FERIDO durante os distúrbios em Londonderry, que, como Belfast e outras localidades, foi cenário dos choques entre protestantes e católicos da Irlanda do Norte, que se encontra á beira da guerra civil...

«DECLARAÇÃO DE GUERRA» DO EXÉRCITO REPUBLICANO IRLANDÊS

DUBLIM, 19 — (F. P.) — Apresentando-se como «Governo Provisório da República Irlandesa», o conselho militar do Exército Republicano Irlandês (I.R.A.) transmitiu ao Governo britânico e ao do Ulster uma verdadeira declaração de guerra. O texto, assinado por Cathal Goulding, chefe do estado-maior da organização, foi enviado também ao Governo de Dublin, aos ministros dos Negócios Estrangeiros de todos os países e a U Thant.

O conselho militar do I.R.A. anunciou nesta declaração que tinha posto todos os seus militantes em estado de alerta e que já enviou para a Irlanda do Norte unidades dotadas de equipamento militar completo. «Advertiu» também as tropas britânicas de que, «se consentissem em ser utilizadas para lutar contra as legítimas exigências do povo que quer

defender-se contra os auxiliares da Polícia e contra os bandos de criminosos da Ordem de Orange, sofreriam as consequências.»

OS HOMENS DA LUA ESCREVERAM

**PUBLICAMOS HOJE
(EM SEPARATA DE 8 PÁGINAS)**

**O PRIMEIRO ARTIGO
DA SÉRIE ESCRITA
PELOS ASTRONAUTAS
QUE FORAM À LUA**

ESTE EXCLUSIVO DO
«DIÁRIO DE LISBOA»
É PATROCINADO POR

**J. PIMENTA, S. A. R. L.
MABOR
GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA
UNIVAC — Solor**

AVISO SOVIÉTICO A PEQUIM

MOSCOVO, 19 — (F. P.) — O órgão do Exército soviético «Estrela Vermelha» escreve hoje em fundo que as fronteiras da U. R. S. S. «são sagradas e invioláveis» e que toda a provocação «será reprimida resolutamente. Saibam-no bem os aventureiros de Pequim». Este aviso é repetido, por outra forma, pelo órgão do partido

(Continua na última página)

HOJE 32 PÁGINAS
VISADO
PELA CENSURA

NOS CONTRAFORTES DO CARAMULO

O fogo destruiu quatro povoações e continua a alastrar na direcção de Águeda

ÁGUEDA, 19 — (Do nosso enviado especial) — O incêndio que lavra nos contrafortes da serra do Caramulo — e que já destruiu a localidade de Rio de Maças, com 10 habitações — levou a destruição a mais três povoações: Matadegas, Bertufo e Alcafaz. Toda a vertente norte da serra do Caramulo foi atingida, propagando-se o fogo por uma extensão de cerca de 300 km². Agora, está a ser pasto das chamas a vertente poente daquela serra, e encontram-se seriamente ameaçadas as seguintes povoações (alguma estão já cercadas pelo fogo): Carvalhos, Soutinho, Macieira de Alcobá, Lazaim de Norte, Avelar de Cima, Avelar de Baixo, Castanheira do Vouga e Vale de Égua.

O perímetro do incêndio, 15 quilómetros, esta manhã, que, desde ontem, lavra intensamente na região de Águeda, atingiu cerca de 8 horas. Quinze corporações de bombeiros e elementos militares das guarnições da área, entre tanto, continuam a combater.

Continua na pág. central



As chamas consumiram milhares de pinheiros e eucaliptos. (Telefoto)

Leonel Miranda (Sporting) venceu ao «sprint» nas Antas

PORTO, 19 — (Pelo telefone, do nosso enviado) — Leonel Miranda, do Sporting, venceu a etapa desta manhã, que principi-

piou em Vila Real e terminou no Estádio das Antas. O público de Vila Real, ao contrário do que tem

sido habitual em outras «Voltas» ignorou praticamente a partida dos cor-

(Continua na 18.ª página)

Importantes comunicações serão apresentadas e debatidas nas VII Jornadas Médicas que decorrerão na Figueira da Foz

FIGUEIRA DA FOZ, 19. — Aumenta o interesse, para além dos meios científicos, as VII Jornadas Médicas, que decorrerão no período de 10 a 13 de Setembro e que, desde 1963, aqui se desenrolam com o melhor êxito, reunindo elevado numero de médicos e apreciando trabalhos de elevado nível.

Continua a ser secretário-geral das Jornadas, o sr. dr. Carlos Alberto Gonçalves Tavares, médico nesta cidade. Está organizado o seguinte programa:

Dia 10 — Sessão inaugural, sob a presidência do sr. ministro da Saúde e Assistência e lição inaugural pelo bastonário da Ordem dos Médicos, sr. prof. dr. Miller Guerra,

seguinte-se a apresentação de trabalhos.

Dia 11 — Apresentação inicial da comunicação: «O médico do trabalho e o meio rural», pela sr.ª dr.ª D. Maria Alba de Castro e prosseguimento dos trabalhos.

Dia 12 — Começo dos trabalhos pelo debate do tema «Alcoolismo e trabalho», em mesa-redonda.

Dia 13 — «A fadiga nos trabalhos», pelo sr. dr. Florentino dos Ramos; e, terminados os trabalhos, sessão de encerramento, presidida pelo sr. ministro das Corporações.

O I Festival de Música Popular Portuguesa

Com numerosa assistência, predominando a juventude

banhista que lhe deu vida e animação, decorreu, em meio de grande entusiasmo, em organização da «Presença Coimbra», no amplo Salão de Inverno, do Casino Peninsular, a apresentação dos cinco concorrentes apurados para a final do I Festival de Musica Popular Portuguesa.

O júri, ao classificar os diferentes números atribuiu os seguintes valores:

1.º, Vieira da Silva, 43 pontos; 2.º, António Garcês, 13 e 3.º, «ex-aequo», os restantes três: Luís Filipe, Francisco Paixão e Manuel Carls, e foi classificado como melhor na interpretação e na balada Vieira da Silva. O júri era assim constituído: dr. Mário Castrim, do «Diário de Lisboa»; D. Alice Vassalo, directora da «Página Juvenil», do «Diário de Lisboa»; Ernesto Carlos, locutor do R. C. P.; Maria João Rocha, estudante universitária; Grupo Saravati da revista «Plateia», Mendes Martins, do R. C. P. e Severo da Silva Biscaia, pela Comissão Municipal de Turismo.

No final, o actor Vasco Lima Couto disse palavras alusivas, salientando a belíssima ideia da organização do festival, iniciativa do grupo intitulado «Presença Coimbra», Pedro Fanchais e Adriano Correia de Oliveira cantaram baladas, que o publico, entusiasmado, aplaudiu demoradamente.

Os ministros do Interior da Educação e das Finanças receberam cumprimentos no 1.º aniversário da posse

Por motivo da passagem do primeiro aniversário da posse do dr. Gonçalves Rapazote, titular da pasta do Interior, as corporações militarizadas dele dependentes e o funcionalismo superior do mesmo departamento apresentaram-lhe hoje, pelas 11 horas, cumprimentos.

A cerimónia decorreu no salão nobre do Ministério. Presentes os comandos da Legião Portuguesa, da P.I.D.E., da Polícia de Segurança Publica e da G.N.R. e os governadores civis.

Em primeiro lugar usou da palavra o dr. Pires de Lima, secretário-geral do Ministério, que depois de saudar o ministro lhe prestou homenagem pelo trabalho realizado. Muito se fez e muito terá ficado por fazer. Procurou-se — disse — e conseguiu-se melhorar a situação dos vencimentos dos agentes da segurança publica e dos soldados da G.N.R. e está em estudo ou em vias de solução o problema dos salários dos funcionários camarários.

Em resposta, o sr. ministro do Interior começou por dizer: «A vossa presença e as palavras proferidas correspondem a um clima de satisfação e de confiança. Neste ano que decorreu muitos foram os problemas dos níveis politico e de segurança que tivemos que enfrentar. Todos tiveram solução e não foram esquecidos os interesses nacionais.»

Mais adiante o dr. Gonçalves Rapazote prestou homenagem ao povo a que

todos nós nos orgulhamos de pertencer, pela maneira como se portou nos momentos difíceis.

A terminar, o ministro do Interior enalteceu as forças de segurança pela forma como tem interpretado o seu dever, não esquecendo os direitos sociais de cada um.

No Ministério da Educação Nacional

Idêntica cerimónia decorreu no gabinete do dr. José Hermano Saraiva, titular da pasta da Educação, acompanhado dos dois subsecretários de Estado.

Presentes a cerimónia os reitores e vice-reitores, directores das Faculdades e Institutos e ainda todos os directores-gerais do ministério.

Em nome dos funcionários falou o prof. dr. Abreu Faro, presidente do Instituto de Alta Cultura.

O ministro agradeceu, pondo em destaque a lealdade e dedicação como todos os funcionários do seu ministério o tem servido.

No Ministério das Finanças

As 11 e 45 o dr. Dias Rosas, titular da pasta das Finanças e da Economia, recebeu, acompanhado do secretário de Estado do Orçamento, os cumprimentos do funcionalismo de todos os serviços dele dependentes.

No decorrer da breve cerimónia, saudou aquele membro do Governo, na ausência do secretário-geral, dr. Aureliano Felismino, que se encontra doente, o sr. director-geral das Contribuições — Impostos dr. Vitor No final o ministro Dias Rosas, agradeceu a presença de todos e pôs em destaque a competência, honestidade e mérito pessoal com que todos os funcionários sem distinção de categorias têm servido.

Os ministros do Interior da Educação e das Finanças receberam cumprimentos no 1.º aniversário da posse

Por motivo da passagem do primeiro aniversário da posse do dr. Gonçalves Rapazote, titular da pasta do Interior, as corporações militarizadas dele dependentes e o funcionalismo superior do mesmo departamento apresentaram-lhe hoje, pelas 11 horas, cumprimentos.

A cerimónia decorreu no salão nobre do Ministério. Presentes os comandos da Legião Portuguesa, da P.I.D.E., da Polícia de Segurança Publica e da G.N.R. e os governadores civis.

Em primeiro lugar usou da palavra o dr. Pires de Lima, secretário-geral do Ministério, que depois de saudar o ministro lhe prestou homenagem pelo trabalho realizado. Muito se fez e muito terá ficado por fazer. Procurou-se — disse — e conseguiu-se melhorar a situação dos vencimentos dos agentes da segurança publica e dos soldados da G.N.R. e está em estudo ou em vias de solução o problema dos salários dos funcionários camarários.

Em resposta, o sr. ministro do Interior começou por dizer: «A vossa presença e as palavras proferidas correspondem a um clima de satisfação e de confiança. Neste ano que decorreu muitos foram os problemas dos níveis politico e de segurança que tivemos que enfrentar. Todos tiveram solução e não foram esquecidos os interesses nacionais.»

Mais adiante o dr. Gonçalves Rapazote prestou homenagem ao povo a que

No Ministério das Finanças

As 11 e 45 o dr. Dias Rosas, titular da pasta das Finanças e da Economia, recebeu, acompanhado do secretário de Estado do Orçamento, os cumprimentos do funcionalismo de todos os serviços dele dependentes.

No decorrer da breve cerimónia, saudou aquele membro do Governo, na ausência do secretário-geral, dr. Aureliano Felismino, que se encontra doente, o sr. director-geral das Contribuições — Impostos dr. Vitor No final o ministro Dias Rosas, agradeceu a presença de todos e pôs em destaque a competência, honestidade e mérito pessoal com que todos os funcionários sem distinção de categorias têm servido.

DE ONTEM PARA HOJE

A MÃO ARMADA...

Não deixa de ser uma estranha maneira de moralizar os costumes a de assalto à mão armada e atirar ácido sulfúrico para a cara de um parceiro, com riscos de o cegar. Foi, todavia, o que ontem se verificou na Avenida do Aeroporto, em Lisboa. Ia a sair de casa o agente comercial sr. Armando Soares Granco Junior, de 59 anos. Um homem e uma mulher atiram-se a ele. Acusam-no de práticas imorais, em alta grita, e agridem-no. O homem dispara dois tiros e, por ultimo, atiram-lhe ácido sulfúrico para a cara. Entretanto várias pessoas pararam ao ver o insólito do caso; e quando o homem e a mulher iam a fugir deitaram-lhes a unha. E lá foi tudo para o pretório da esquadra do Areeiro. Ali se pôs o caso limpinho. O atacado já disse quem foi. Os atacantes são Laureano da Costa Santos, de 29 anos, de Punhe, perto de Viana do Castelo, e Zulmira Valente Marques, de 24, moradora na Rua Maria Pia. Os tiros foram inofensivos porque a pistola era de alarme, mas do ácido teve o atacado de ser tratado no Hospital de São José. Mas porquê o ataque? Destruindo: Laureano Santos diz ser noticiário do movimento moralizador «Acoplamo». A moralidade pelo ataque, vistas bem as coisas. Disse ele que a companhia de assalto fora criada de servir em casa do atacado e que este a perseguia com intenções menos dignas. E por isso, ambos decidiram punir essas menos dignas intenções do sr. Armando Soares, atacando-o com ácido sulfúrico... Bons vão os tempos!

O VELHO COMBATENTE

Completo 100 anos o sr. Joaquim Durão Cardoso, de Portalegre, que foi combatente de África e acompanhou Mouzinho de Albuquerque na prisão do Gongunhana. Aos cem anos vêsse abandonado de todos, com uma pensão de 90 escudos, vivendo em companhia de uma filha que por

vezes tem de estender a mão à caridade pública para viverem. Há aos foi convocado para a consagração dos heróis do Ultramar e, na Praça do Império, recebeu com os demais sobrevidentes homenagens oficiais e públicas.

SOCIEDADE PROTECTORA DOS ANIMAIS

No seu gabinete do Palácio de S. Bento, o sr. Presidente do Conselho recebeu ontem à tarde a direcção da Sociedade Protectora dos Animais que ali foram entregar-lhe a medalha de ouro daquela prestimosa instituição.

DOIS AUTOMÓVEIS DESTRUÍDOS PELO FOGO

No Alto do Forte, em Queluz, houve um acidente entre dois automóveis. Condutores os srs. António José Gregório, e Eduardo Alves Go-

mes. Chega um terceiro carro, guiado pelo sr. Albano Pereira da Cunha Pina, de Castelo Branco. Embate violento desta vez e o carro

do sr. Pina impeliu o do sr. Adelino Alves contra o do sr. António Gregório e esses dois carros arderam completamente.

OS DE S. JOÃO DE VER

Os de S. João de Ver, perto da Vila da Feira, estiveram ontem em festa. Festa rija, com música, foguetes, muito povo e bandeiras a atestar que as colectividades se acham solidárias. Iam receber o sr. D. António Ferreira Gomes, prelado do Porto que ainda não fora essa freguesia depois do seu regresso do exílio de dez anos. E foi recebido com entusiasmo. Com ele os srs. governador civil e presidente da Câmara Municipal. Muito povo aclamou o bispo do Porto que ali foi inaugurar a nova igreja de S. João de Ver. E depois enalteceu o bairrismo dessa gente que pode servir de exemplo a muita outra.

NOVOS INSPECTORES DA P. I. D. E.

No gabinete do director da PIDE, major Silva Pais, tomaram ontem posse dois novos inspectores da corporação que vão para Angola. São eles o capitão miliciano João António de Oliveira Paixão e o tenente miliciano António Augusto Ramos Calhau, ambos com serviço cumprido no Ultramar.



O juiz-desembargador dr. Gouveia da Veiga, presidente da Junta Directiva do Belenenses, discursando no decorrer da sessão solene realizada ontem, e no decorrer da qual lhe foi entregue, pelo eng.º Jaime de Almeida Leitão, á esquerda, um volume encadernado contendo 50 000 assinaturas de luso-brasileiros, apelando para que o Estádio do Restelo passe a pertencer ao clube.

Em VILA REAL DE SANTO ANTONIO o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por HENRIQUE DIAS GUERREIRO (Herdeiros) — Praça Marques de Pombal, 21.

Necrologia

FALECIMENTOS

Carlos Augusto Mendes da Cunha

Faleceu o sr. Carlos Augusto Mendes da Cunha, de 39 anos, natural de Lisboa, casado com a sr.ª D. Isaura Fernanda Loureiro Vasconcelos Cunha, filho da sr.ª D. Leopoldina Mendes Cunha, pai da sr.ª D. Ana Maria Mendes Cunha e da menina Deonilde Mendes Cunha e irmão do sr. Luís Mendes da Cunha, linotipista. O funeral saiu hoje do Hospital do Rego para o cemitério do Lumiar.

FUNERAIS

Dr. José Eduardo Pires do Rio

CANTANHEDE, 19 — Constituiu sentida manifestação de pesar o funeral, para o cemitério local, do sr. dr. José Eduardo Pires do Rio, que não resistiu a graves ferimentos causados por um desastre de automóvel. Contava 60 anos, era natural de Condeixa, notário em Lisboa, casado com a sr.ª D. Leontina Barreto Pires do Rio e pai do sr. dr. Fernando Barreto Pires do Rio, funcionário em Arraiolos; cunhado do sr. dr. Lusitano Barreto, e genro do sr. Henrique Ferreira Barreto, proprietário e director do semanário «Gazeta de Cantanhede».

Pelas suas qualidades e grande bondade, o sr. dr. Pi-

res do Rio gozava de muita estima. Foi presidente da direcção da Associação dos Bombeiros Voluntários desta vila e do Clube de Futebol «Os Marialvas».

São criados gabinetes de planeamento em departamentos governamentais

Um decreto-lei da Presidência do Conselho, hoje publicado no «Diário do Governo», cria nos departamentos governamentais com responsabilidades na preparação e execução dos planos de fomento, gabinetes de planeamento destinados a assegurar e coordenar o exercício dessas funções nos respectivos sectores e a estabelecer as convenientes ligações com os órgãos centrais e interministeriais de planeamento.

Compete a esses gabinetes de planeamento prestar apoio técnico ao titular do respectivo departamento, em todas as matérias relacionadas com o planeamento do sector; elaborar projecto dos planos e programas de fomento, acompanhar e controlar a execução dos mesmos planos e programas e elaborar relatórios respeitantes a essa execução; promover o aperfeiçoamento das técnicas de planeamento; contribuir para a melhoria e actualização dos métodos de trabalho.

3.º CICLO

EXAMES DE 2.ª ÉPOCA

LABORATÓRIOS

Telef. 831416 (ao Chile)



Operações de Bolsa

BANCO DO ALENTEJO

**Reserva em Lisboa, na ORPAL, Rua de São Nicolau, 59-2.
Telefone 32 63 35**

A PROPÓSITO OU A PRETEXTO DE MALRAUX

(Continuação da pág. anterior)

eram afinal, de quem delas se servia agindo nelas, naturalmente se encontrariam interessadas no grande movimento de contestação da Primavera de 1968. Em «contestação», de resto, já elas se definiam, na opinião oficial de um próximo colaborador de Malraux. Apenas aconteceu que, no descontrolo, na desorientação, na festa, cedo fatalmente transformada em aviltação, que foi o «Malo 68», a outra parte, indispensável, da definição, que dava as Casas também como «instituições», foi prejudicada e esquecida. O vivo equilíbrio dialectico não se estabeleceu — e, altamente (ou baixamente) suspensas, as «Maisons de la Culture» entraram em crise, e em vias de desaparecimento. A sessão de apoio das municipalidades miudamente gaullistas determinou a ruína de um empreendimento planeado numa grandeza mítica a que a realidade política se negava, dentro de interesses ou sustos quotidianos. Não, certamente, uma guerra perdida — mas uma batalha falhada, sobretudo agora, com a retirada de Malraux. Do impulso que o seu obscuro sucessor, político de carreira, possa dar ou reír a iniciativa malrausiana depende tudo — porque cultura é, acima do mais, continuidade, e não são os solavancos, o jogo de propostas e desistência, que podem assegurá-la.

Na distribuição da acção de Malraux outros domínios, mais específicos, foram tocados — ou mesmo revolucionados. O actor do «Museu Imaginário» consagrou alguma atenção ao Louvre, fazendo alterar o seu itinerário de modo a valorizar a pintura francesa clássica. Nisso perdeu, infelizmente, o Louvre, o interesse maior que lhe era dado, não pelos Le Sueur ou pelos Vouet — mas pelos mestres italianos que enchiam antes a sua grande galeria de honra. Verdade é que se deve a Malraux a exposição de grande parte das reservas até então guardadas, e, nomeadamente, o patentear ao público as colecções do século XIX pré e paralelo ao Impressionismo — cujo conhecimento é de inestimável valia — como seria, em Lisboa, o conhecimento do mesmo século XIX, através do nosso infeliz Museu de Arte Contemporânea. Ainda Malraux dispôs do Grand Palais como local de exposições — que privilegiou com a grande mostra de Picasso, em 1967, para a sua inauguração. Outra iniciativa de Malraux consistiu em nomear, ou melhor, fazer aceitar a Jean Leymarie o posto de director do Museu de Arte Moderna de Paris — garantindo, assim, uma actividade positiva e ousada deste museu que a prudência tradicional de Dorival anquilosava. Ali, entretanto, «descobriu» a cultura francesa a acção da «Bauhaus» numa exposição no-

tável, e, em breve, enfim, «descobrirá» Klee.

... Ai de Malraux, porém, que teve de deixar escapar à França as «Grandes Baigneuses», de Cézanne, vendidas, entretanto, em Londres, por 750 milhões de francos antigos — preço de alguns hectómetros de auto-estrada... Nesse ponto, a política de «grandeza» do gaullismo não atingiu as alturas culturais do seu ministro, condicionado pelas economias do colega das Finanças, que podemos supor, em regra geral, menos culto... Em compensação, fez ele viajar, com grandes encargos, a «Vénus» de Milo e a «Giaconda», ao Japão e à América — cartazes de um Louvre «imaginário», que não deixaram de ser criticados pela vanidade do projecto. Como se a «Mona Lisa», depois de ter visto tantos «amerloques» em cacho diante da sua moldura ainda tivesse necessidade de os ir ver em país «yankee»! Melhor compensação foi aquela, arrancada também ao colega do Tesouro, de legislar o pagamento dos direitos de sucessão em obras de arte e de diminuir proporcionalmente os impostos do coleccionador que legue a museus nacionais as suas colecções — solução anglo-saxónica, que provocou o larguíssimo desenvolvimento dos museus americanos e cujo sucesso francês será muito provavelmente vantajoso para a cultura, ou seja, para a sua pretendida democratização.

Ainda nas artes plásticas a acção de Malraux adquiriu carácter exemplar, ao promover a salvaguarda de determinados sectores urbanos, o inventário científico dos monumentos nacionais (trabalho previsto para cinquenta anos, que André Chastel está orientando) e ao fazer aprovar uma «lei programa» respeitando sete monumentos cujo tratamento será paradigmático (Louvre, Inválidos, Versailles, Vincennes, Fontainebleau, Reims e Chambord). Ao mesmo tempo, e correlativamente, firmou Malraux o princípio da «criação arquitectural» nas composições de reforma dinamizando, assim, a intervenção do arquitecto na adaptação histórica dos monumentos do passado.

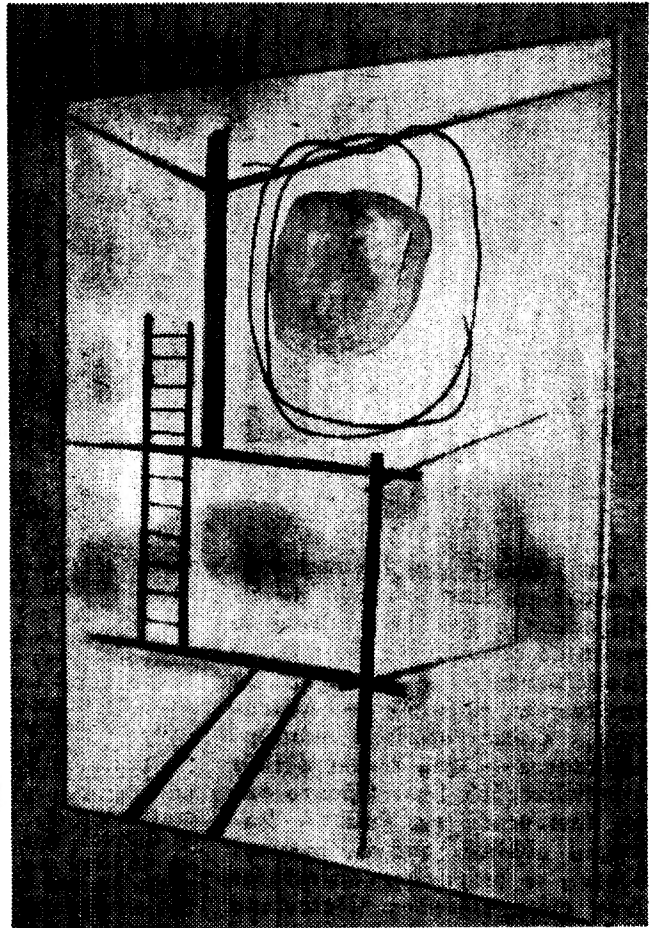
Para isto tudo impunha-se uma reforma do ensino de arquitectura, liberta do caduco conceito de «Belas-Artes» — o que ainda não foi possível levar a cabo, no turbulento quadro de Maio de 68 e das suas consequências. Não falta, porém, quem recorde que durante o período malrausiano morreu sem trabalho Le Corbusier... E quem aponte a triste solução do bairro dos Halles, e a aflitiva especulação do Rond-Point des Campos Elisios, em transes de transformação imobiliária por conta de um poderoso fabricante de aviões — como os há por cá, embora sem aviões.

Ainda a arte que se está fazendo

mereceu a Malraux a criação atenta do Centre National d'Art Contemporain, organismo pioneiro na apresentação de obras de recente criação, a um nível internacional de informação. Criticado, não se deixará, porém, de louvar a sua acção discutível. Também Sèvres e Gobelins viram os seus modelos renovados — e a Ópera e o Odéon tectos postícios, de Chagall e de Masson (como o Louvre já vira um, de Braque). A coragem desta intervenção num passado prestigioso não pode, evidentemente, ser ignorada. E em toda ela (ó preservação dos lusos ou ulisiponenses valores, ó inventário a sério de um guia-de-Portugal sem literatice, ó ensino, mesmo, de arquitectura, ó exposições programadas!) há que meditar quem com Portugal, governamentalmente ou não, se preocupe!

Mas a acção dos «Assuntos Culturais» de Malraux estendeu-se a outros domínios — do teatro, da música, do cinema e aqui também há que atentar, dentro dos paralelos possíveis e necessário.

Achou Jean Villar que não havia colaboração possível e abandonou o Théâtre National Populaire — como mais tarde recusaria continuar a ocupar-se da Ópera. Também Béjart recusou interessar-se por esta, na parte do «ballet» — e J. L. Barault foi despedido do Odéon, após a sua incerta atitude em Maio de 68. Em vez de Boulez, como se supunha, foi dado a Landowski o poder no campo musical (onde, aliás, se alargou notavelmente a instrução oficial), e no cinema houve o lamentável conflito entre o ministro e Langlois, o devotado criador da Cinematèque Française — conflito em que Malraux teve de ceder perante a admirável solidariedade de todo o meio cinematográfico francês. Houve, portanto, uma série de factos negativos que pesam na consciência ou, ao que pode pensar-se, na apressada inconsciência com que Malraux encarava e resolvia alguns problemas. Disto tudo não desejo aqui ocupar-me, até porque se trata de casos mais minimamente locais; mas importa ver neles um certo desajustamento mais do que humoral. Uma programação firmemente constituída não permitiria certos erros e determinadas reacções. E tal programação não poderia ficar à margem de serviços públicos que, na estrutura do Governo em que Malraux participou, eram atributos de outros Ministérios. Como a Rádio e a Televisão. E a própria instrução, veículo cultural primário. Ora os «assuntos culturais» têm que passar por estas dimensões ou perspectivas, sem o que (essa a lição que desde já devemos tirar, mesmo agora e aqui, como insisto em dizer) se sujeitam não a necessárias contradições internas, mas a outras externas e fatais.



Um dos quadros expostos

Artes plásticas

Manuel Filipe no Casino Estoril

Apesar de estar ausente no estrangeiro, o artista Manuel Filipe expõe, desde ontem, na galeria do Casino Estoril. Dezasseis belos quadros ficarão ali expostos ao público até ao próximo dia 26, marcando uma viragem na carreira do artista, por ele próprio de certo modo apontada no catálogo do certame. Diz Manuel Filipe: «São quadros

pintados com a chuva a bater nas vidraças. Os materiais, em geral, são espessos, de cores negras, de difícil e dramática aplicação para se conseguirem os resultados em mira que o autor desejou serem de sentido humanizante».

O certame foi inaugurado pelo sr. dr. Manuel Teles e logo no primeiro dia registou a visita de muitos apreciadores.

O problema dos medicamentos foi esta tarde tratado no Rotary Club de Lisboa

Efectuou-se hoje, a sessão semanal do Rotary Club de Lisboa, que registou a presença de elevado número de sócios de clubes estrangeiros em digressão pela Europa.

Presidiu o dr. Angelo de Almeida Ribeiro e o protocolo e o expediente de secretaria estiveram a cargo respectivamente dos srs. engenheiros Lopes Ribeiro e Guimarães Ferreira.

A palestra regulamentar foi do sr. Hernann Umbreit, director da Hoechst Portuguesa sobre «O Medicamento e o seu Controlo», acentuando o condicionamento a que está sujeita a preparação e a distribuição dos medicamentos, e as responsabilidades que recaem sobre a indústria farmacêutica nesse capítulo.

Os constantes aperfeiçoamentos dos métodos analíticos bem como o progresso dos agentes físicos, da bioquímica e da microbiologia obrigam os laboratórios a fazer o «controlo» da qualidade dos medicamentos com relevo para a própria consciência do fabricante, o que é essencial uma vez que o doente delega toda a sua confiança no médico e no medicamento.

Foi depois exibido um filme intitulado «Dois cm3 de vida» que interessou vivamente toda a assistência.

No final o presidente agradeceu ao sr. Umbreit o interesse da sua palestra e do próprio filme, encerrando a sessão.

SETE FERIDOS NUM DESASTRE DE AUTOMÓVEL

VILA NOVA DE POIARES, 19 — Próximo da Ponte Mucela ocorreu um desastre de automóvel do qual saíram feridos nada menos de sete pessoas.

Por ali transitava um carro de aluguer, da praça de Agular da Beira, guiado pelo motorista sr. Joaquim Franco, que, ao desviar-se de outro carro, lhe rebentou um pneu.

Além do condutor, ficaram feridos os srs. José dos Santos Morgado e sua mulher sr.ª D. Carmina de Sousa Lopes e filhos, António de Sousa Morgado e Maria de Lourdes Morgado de 5 e 7 anos, respectivamente, todos de Penafiel (Aguilar da Beira) e António Bento e esposa, sr.ª D. Maria Augusta de Dornelas, do mesmo concelho. Recolheram ao hospital desta vila.

O carro ficou inutilizado.

Industrialização cooperativista da região de Cantanhede

CANTANHEDE, 19 — Com vista à industrialização de produtos hortícolas, nomeadamente feijão-verde, ervilha e batata, está a organizar-se nesta região uma importante cooperativa, que se propõe construir o respectivo complexo fabril, cujos estatutos já foram entregues às entidades superiores para apreciação e aprovação.

É uma iniciativa da maior interesse para a nossa lavoura, pela acentuada valorização dos seus produtos e pela garantia da sua aquisição a preço compensador.

Já estão a ser recolhidas inscrições provisórias de lavradores que pretendam ser fornecedores da cooperativa. Os interessados podem dirigir-se aos Grémios de Lavoura de Cantanhede e Andaraia, onde encontrarão os

respectivos impressos e onde lhes serão prestados todos os esclarecimentos.

Louva-se o alto e real valor da iniciativa para esta região agrícola, tão carecida da sua valorização económica.

Comunicado do S.I.P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate na província da Guiné o 1.º cabo n.º 07357867 Inácio José Rio Jesus, natural de Vila do Bispo, filho de José Vicente Luís e de Carmina do Rio; e na província de Moçambique o 1.º cabo n.º 80190768 Aristides Fernan-

des, filho de David Prates da Silva e Maria de Assunção G. Fernandes, natural de Cabo Verde; e na província de Angola o soldado n.º 11155067 Julio Alberto N.º, natural das Caldas da Rainha, filho de Alberto e de Gertrudes Susana; e ainda na província de Angola o soldado do recrutamento provincial n.º 60082067 Domingos Agostinho Manuel, filho de Pascoal A. Manuel e de Conceição M. Costa.

EM TRÊS LINHAS

Foi declarada de utilidade turística prévia a Pensão-Residência D. Henrique que Albertina Martins da Cunha pretende realizar em Sagres.

///

Foi prorrogado o prazo para a conclusão das obras do Monte Estoril Hotel.

CURSO COMERCIAL NOCTURNO

ESTÃO ABERTAS AS MATRÍCULAS

EXTERNATO LUSITANO DE COMÉRCIO

RUA DOS ANJOS, 2, 1.º

TELEFONE 40297

Novo CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 AS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

LIMA KIM
Ivredeta
Sul-Coreana
da
Canção

THE CHARLIVELS
FAMOSOS COMEDIANTES DA ACROBACIA

LIDIA RIBEIRO

BLUEBELL GIRLS' SHOW

SHEGUNDO GALARZA e seu conjunto
JIRINA'S COMBO
FERRER TRINDADE e sua orquestra

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos no wonder bar à 1.00h m/21 anos

STORMY SUMMERS
SO NO WONDER BAR

No CINEMA, às 17 e 21 e 30 h.
O PROFETA
M. 17 anos

UM PORTUGAL-ESPANHA EM TOUREIO A CAVALO DEPOIS DE AMANHÃ NO CAMPO PEQUENO

A Sociedade Campo Pequeno organizou para a próxima corrida nocturna de quinta-feira um cartaz que constitui uma verdadeira gala do toureio a cavalo.

Depois de ter oferecido a «afición» portuguesa a possibilidade de confrontar famosos matadores espanhóis, mexicanos e portugueses de actualidade, vai, agora, proporcionar-lhe a oportunidade de assistir à competição entre quatro figuras do toureio a cavalo de Portugal e de Espanha: Manuel Conde

e Fernando Andrade Salgueiro e os irmãos Angel e Rafael Peralta.

Num despique de vibrante emoção, vão estar frente a frente, na primeira praça do País, duas concepções diferentes de uma mesma arte, dois estilos, duas expressões de bravura que se equivalem, mas se definem por características bem diversas. Dum lado, a obediência a regras estritamente estabelecidas, o respeito pela tradição, o culto do classicismo, a submissão a princípios pautados pela prática de uma arte de muitos anos; do outro, o movimento, a ousadia espectacular, a alegria da espontaneidade, a transigência com as circunstâncias fortuitas, a liberdade de lutar em qualquer terreno.

No aliciente confronto entre todas as determinantes da actuação dos herdeiros da Arte de Marialva e dos «caballistas» espanhóis reside um dos principais atractivos desta corrida, para a qual foram apartados seis toiros das ganadarias de Cabral de Ascensão e Tomás da Costa, o que constitui outra garantia do êxito do espectáculo.

O cartaz é, ainda, valorizado com a presença dos Forcados Amadores de Santarém, chefiados por José Manuel Souto Barreiros.

«Do alto do Terraço» é exibido amanhã na sessão clássica do Cinema Império

A 645.ª sessão clássica do Império, apresenta amanhã, às 18 e 30, um dos mais notáveis filmes de Mark Robson — «Do Alto do Terraço».

Robson é um daqueles realizadores que, no vasto e heteróclito oceano da produção americana, tem algo a dizer. Prova-o de sobejo aquele notável filme que se chamou «A queda de um corpo». Então, era o ambiente depravado do «box» americano que Robson desnudava numa obra crua e impressionante. Agora, com «Do Alto do Terraço», parece empenhado em ferir o meio social de que se faz crítico virtual e indirecto.

Estamos, desta vez, em pleno seio da alta burguesia argentária, não para a conhecermos nas suas relações com outros sectores da sociedade, mas para contactar-mos com os seus próprios problemas, ou melhor, com o seu *modus vivendi*.

Paul Newman, Joanne Woodward e Mirna Loy são os intérpretes de «Do Alto do Terraço» que, como dissemos, se exhibe amanhã, na 4.ª feira clássica do Império.

AGUARDENTE VELHA
Sleepport
a prova está na prova

10.ª SEMANA A REVISTA DOS PARODIANTES DE LISBOA — UM ESPECTÁCULO DE VASCO MORGADO

com Camilo e Florbela
Paula Ribas

Rui de Mascarenhas
no comando do cartaz
em 2.º MÊS de lotações
esgotadas na

SALA FRESCUENHA do

MONUMENTAL

em 2 SESSÕES
20.45 e 23 h.
(ADULTOS)

DOMINGO, A TARDE, ÀS 16 H.

UM FRESQUINHO QUE CONSOLA
UMA TEMPERATURA QUE CONFORTA
UMA FRESCURA QUE RETEMPERA
É O MAIOR PRAZER QUE NESTAS NOITES DE CALOR
DEFRUTAM OS FELIZES VISITANTES DA

FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL
DE «O SÉCULO»

HABILITE-SE AO SORTEIO DE UMA MOTORIZADA
CASAL OFERTA DA METALURGIA CASAL,
DE AVEIRO

ABERTURA ÀS 19 HORAS

XIII FESTIVAL DE SINTRA

Hoje, 19 de Agosto

21,30 horas

CONCERTO SINFÓNICO

Música Portuguesa

Teatro Carlos Manuel (Sintra)

ORQUESTRA SINFÓNICA DA EMISSORA NACIONAL

Direcção: maestro SILVA PEREIRA

PROGRAMA

1.ª PARTE

Perspectivas Orquestra **FILipe PIRES**

Regresso Eterno Orquestra **FILipe PIRES**

Canto e Orquestra — Solista, o baixo **ALVARO MALTA** (por gentileza, actua gratuitamente)

Sintra (Música para uma curta metragem imaginária)

FILipe PIRES

(Obra encomendada pela Câmara Municipal de Sintra que será apresentada em 1.ª audição mundial)

2.ª PARTE

Sinfonia per orchestra **LOPES GRAÇA**

Orquestra

Próximo espectáculo: 22 de Agosto, sexta-feira — 21.30 horas

RECITAL

Palácio Nacional de Sintra

pelo barítono **JOSÉ LOPES**

acompanhado ao piano por **OLGA PRATTS**

Piano **STEINWAY** da casa **VALENTIM DE CARVALHO**

Os bilhetes para os espectáculos estão à venda: Agência do S. E. I. T., Praça dos Restauradores, Lisboa; Junta de Turismo da Costa do Sol, Estoril; e no Turismo de Sintra.

No próprio dia poderão ser adquiridos desde as 20 horas no local onde se realiza o espectáculo. Estão assegurados os transportes, de ida e volta, entre Lisboa-Sintra ou Queluz.

UMA COMÉDIA QUE VOLTA PARA ALEGRIA DAS CRIANÇAS!

AGORA PARA 6 ANOS
DE TARDE E A NOITE

O 1.º FESTIVAL DE RISO DO CINEMA NACIONAL
com o INESQUECIVEL

VASCO SANTANA

NUMA CRIAÇÃO
DO SEU SAUDOSO
TALENTO DE FANTASISTA

UMA HISTÓRIA QUE RE-
CORDA A VIDA PITORESCA
DE LISBOA DE HA 30 ANOS!

**A CANÇÃO
DE
LISBOA**

UMA REPOSIÇÃO EM LOUVOR
DOS ARTISTAS QUERIDOS
QUE DEIXARAM EM VIDA
UM RASTO DO SEU VALOR

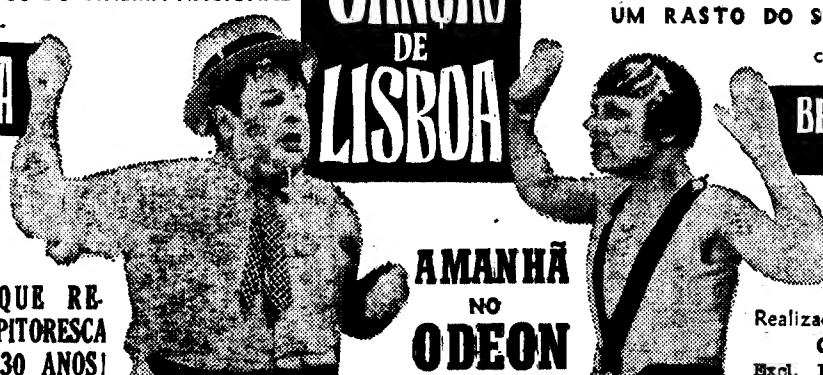
com A AZOUGADA

BEATRIZ COSTA

EM TODA A
VERSATILIDADE
DO SEU TEMPERAMENTO

Realização de
COTTINELLI TELMO
Excl. IMPERIAL FILMES

AMANHÃ
NO
ODEON



VARIEDADES

HOJE ÀS 21.45 HORAS (ADULTOS)

«OS DIREITOS DA MULHER»

DESEMPENHO DA C.º TEATRO ALEGRE
UM ESPECTÁCULO DE VASCO MORGADO
AUTÉNTICO DILÚVIO DE GARGALHADA

com **HENRIQUE SANTANA** • **IRENE ISIDRO**
• **AUGUSTO COSTA (COSTINHA)**

DOMINGO, A TARDE, ÀS 16 H.

FESTIVAL DE SINTRA

Recital de Victor Eresko

Nestes últimos tempos predomina-se de verdade em matéria de interpretação pianística de Mozart (e não só pianística, mas é dela que agora nos ocupamos). Basta confrontar com as versões que mais geralmente eram apresentadas ainda não há muitos anos, até por grandes «virtuosos», com o estilo mozartiano que numerosos pianistas relativamente jovens cultivam hoje em dia. Podemos verificá-lo, por exemplo, no decorrer do «Concurso Internacional Viana da Mota» do ano passado. Claro que — convém acrescentar, para evitar confusões ou qualquer conclusão apressada — nas gerações anteriores existiram notabilíssimas exceções e excelentes mestres no referido capítulo: um Gieseking, uma Clara Haskill... E cito dois pianistas que, sem dúvida, contribuíram enormemente para que agora se to-

que Mozart de maneira mais consentânea com os caracteres profundos do génio do autor de «Don Giovanni». Nem sobrio carregado a pender para um despropósito dramático facinoroso, nem superficialidade pura e simples, a pretexto de leveza ou de alacridade. Sobriedade, finura, transparência sonora, evidentemente. E também relevo no discurso (o que é preciso não esquecer), embora sem exageros de «patos» ou preciosismos de mau gosto, mas sem neutralidade de expressão.

Estas considerações foram sugeridas pelo primeiro número do recital que o pianista ucraniano Victor Eresko acaba de realizar no Palácio de Queluz: a «Sonata K. 332», de Mozart. Um tanto surpreendentemente, Eresko, sem ser propriamente paradigmático, deu-nos aí, porventura, a nota mais alta do

seu programa, e em especial no «Adagio». No 3.º andamento («Assai Allegro») já pendeu em demasia para uma tal ou qual exterioridade. De qualquer modo, colhemos globalmente uma impressão bastante mais lisonjeira do moço pianista soviético em relação àquela que formáramos através do «1.º Concerto», de Tchaikovsky que lhe ouvimos na inauguração do festival.

No «Nocturno op. 15, n.º 1», de Chopin, também se mostrou capaz de tirar partido de contrastes de ambiência e de cultivar uma nota de delicadeza melancólica que nos pareceu não ser o forte de Victor Eresko. O seu mecanismo percussivo, a sua facilidade digital (nem sempre, porém, ao abrigo de uma ou outra falha mais notória) são, inegavelmente, de um executante dotado e solidamente apetrechado. Mas, por outro

lado, Eresko abusa do potencial sonoro que extrai do instrumento assim como do excesso do pedal, e não evita a dureza do «ataque». Assim, ao longo do recital, perdeu-se em gradações de dinâmica (mas com grande preferência para o fortíssimo) e em subtilidade interpretativa. Disso se ressentiu nomeadamente «L'Isle Joyeuse», de Debussy, quase transformada em banal peça de bravura, ou a «Valsa op. 34, n.º 1», de Chopin, a que faltou natural graciosidade no fraseio. Já o vazio «Poema», do armenio Arno Babadjanian (a despeito da grandiloquência que ali reina através de um lisztianismo bon marché) proporcionou ensejo, ao executante, de alardear recursos técnicos e tendência para as sonoridades fragorosas.

Em face disto não causará

(Continua na página seguinte)

Manhã na praça

FARTURA LIMITADA

As vendedeiras dão férias a si mesmas. Numerosas bancas do mercado de Arroios estavam vagas. Abandonadas? Para alugar? Não, em parte. Agosto é época morta, está tudo para fora, não se vende nada, eu também estive para ficar em casa.

Uma das vendedeiras a quem inquirimos, observou-nos:

— Vim trazer o café ao marido, senão não vinha. Para o que a gente está aqui a fazer, mais valia ficar em casa a limpar o pó ou a coser as meias!

E num gesto largo:

— Está a ver, não anda cá ninguém!

Pouca gente, sem pressas, de tempo longo à sua frente. Nas bancas, fartura limitada, variedade reduzida, mas de mais para a clientela em perspectiva.

— Há três dias que não vou ao mercado reabastecedor — afirmou a vendedeira de legumes. — Parece que estamos num mercado de aldeia!

PREÇO DOS PRODUTOS AO LONGO DE TRÊS ANOS

Temos referido, por vezes, que é deficiente a simples anotação dos preços. A leitora, através desta secção, poderá saber que a pescada se vendeu a X, mas isso não a elucida do tamanho da pescada nem da sua qualidade e frescura. É quase impossível fazer todas essas referências.

O mesmo acontece em relação à fruta e à hortaliça. Por exemplo, há três anos registamos que o molho das nabijas custava 7400 e hoje verificamos que, em princípio a mesma quantidade se vendia a 8800 e 9400. Estes números significam que o molho das nabijas encareceu, de há três anos para cá, de 1300 a 2000? Deviam significar, mas não é bem assim. Todas as donas de casa sabem que os molhos têm vindo a diminuir de quantidade. São cada vez mais pequenos. Portanto, as nabijas encareceram de um a dois escudos mais os pés de nabijas que, há três anos, tornavam o molho mais volumoso.

Apesar de todas estas reservas, acrescentamos hoje na habitual tabela de preços, a média a que se venderam os mesmos produtos em 1968 e 1967. As tabelas referidas aos anos anteriores ficarão assinaladas por parêntesis e a primeira referência será a 1968 e a segunda a 1967. Quando não tivermos preços registados de determinado produto, assinalaremos a lacuna com quatro pontinhos.

PEIXE E MARISCOS

Vimos o quillo do carapau a 11400 e 19400 (o ano passado, na segunda quinzena de Agosto, a 8400, 8800 e 10400; e em 1967, a 3450 e 4400); a pescada branca, a 34400 e 37400 (32400 e 35400; 30400 e 34400); o pargo, a 20400 e 32400 (13400, 14400 e 28400; rabos de pargo, a 14420); joaquim, a 18400 (...; 88400); peixe-espada, a 10400, 11400 e 13400 (...; 74400); pescada negra, a 24400 e 26430; cachucho, a 12400; lulas, 24400 (30400, 24400 e 27400); polvo, 15400 (...; 94400); chocos, 25400 e 38400 (...; 15400); faneca, 15400; marmota, 22400 e 26430; eiró, 32400 (28400 e 30400; 26400 e 28400);

pescada congelada, 16450 (...; 16400); ovas, 38400; linguados, 40400 (58400 e 60400; 28400 e 30480); salmão, 24400 (...; 16450); chaputa, 8400 (6440 e 10400; 16450); berbigão, 5400 (...; 4450); conculha, 12400 (8400; ...); a meijoa, 28400 (23400; 24400); camarão negro, 20400 (camarão grande, 60400; negro, 14400); e das gambas, 80400.

LEGUMES

O quillo das batatas estava a 1400 e 2400 (1400 e 1300; 1450); azeltonas, 8400 (7400 e 12400; ...); cebolas, 3450 (1430 e 1450; ...); tremçoço, 4400 (3420; ...); tomate, 2400, 2450 e 3400 (2450, 3400 e 3450; 2450 e 3400); feijão verde, 3450 e 4450 (6450; 4460, 5400 e 6400); pimentos, 3450 (3400, 4400, 5400 e 6400; 4450 e 7400); e das cenouras, 4400 (3400; 3450).

A couve lombarda estava a 4400 e 5400 (...; 5400); alho francês, 1400; beringela, 1450, 2400 e 2450 (1450; 1450 e 2400); nabos, 1400 e 2400 (...; 1450 e 2400); couve portuguesa, 1400 e 2400 (...; 1450 e 2400); alface, 1450 e 2450 (2450; 1450); pepinos, 1450 e 2400 cada; o molho dos espinafres, 8400 (...; 7400); e das nabijas, 8400 e 9400 (...; 7400).

FRUTA

O quillo dos pêssegos estava marcado a 7450, 11400 e 13400 (13400, 15400 e 16450; 6450, 8400 e 9400); uvas, 6450, 7480 e 8420 (...; 5400 e 6400); maçãs riscadinhas, 3460 e 5420 (...; 7480); ralhadas cláudia, 5420 (6450; 4400 e 5400); peras, 7480 e 9410 (9400 e 13400; 5400, 5420, 6400, 6450 e 7400); limão, 18400 e 7400; e limão, 7480; laranjas, 15400 e 22400 (13400 e 14400; 8400); figos, 9400 (...; 5400); e o melão, 4400 (4450; 2420).

CRIAÇÃO

Quanto à criação, vimos o frango vivo de aviário a 19400, e saloio, a 25400 (23400; 18400 e 19400); o frango limpo, 25400 de aviário e 30400 saloio (25400; 27400); coelho vivo, a 23400 (22400; 23400); coelho morto, a 36400 (29400; ...); e do pato vivo a 22400; e morto, a 28400.

DONA DE CASA



LONDRES é tudo isto... e muito mais!

Todos os encantos e grandiosidade de uma velha cidade Europeia, as mais britânicas tradições e as mais ousadas inovações. Capital do tempo, onde o passado e o presente têm a mesma juventude.

A TAP leva-o a LONDRES.

Utilize as nossas tarifas especiais e a tarifa nocturna (esta até 31 de Outubro)



TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

Consulte o seu Agente de Viagens... e deixe a viagem a nosso cuidado



MARCA-T-L-88

UM LUGAR PARA SI UMA SOCIEDADE PARA TODOS



Uma Sociedade é dinâmica quando vive em permanente evolução.

A TORRALTA iniciou um novo empreendimento que mais a prestigia O CONJUNTO TURÍSTICO DE SANTA FILOMENA na sua propriedade denominada Vale da Zorra, no Alvor — Algarve. Hoje quando somos mais de mil accionistas, e valorizamos constantemente o património, a nossa Sociedade continua aberta à participação de todos. Ser accionista da TORRALTA, corresponde a:

Ter direito aos dividendos da Sociedade.

Ter direito a 10 dias de alojamento no Alvor, com a garantia de, no caso deste privilégio não ser utilizado, a ocupação ser comprada pela Empresa, a um preço que garanta um bom rendimento ao accionista.

Ter direito a voto nas assembleias gerais da Sociedade, que analisam a sua evolução.

Ter direito a comprar apartamentos pagando-os com ações.

Poder recorrer à sua Empresa sempre que tenha um problema relacionado no seu âmbito.

NA TORRALTA HA SEMPRE UM LUGAR QUE O ESPERA

LISBOA — Av. Duque de Loulé, 69-A
Telefs. 51748, 54479 e 555881



TORRALTA A MULTIPLICAÇÃO DO SEU CAPITAL

Actualidade internacional

A DESVALORIZAÇÃO DO FRANCO

ESTÁ EM CAUSA O SISTEMA MONETÁRIO INTERNACIONAL

O sistema monetário internacional não será abalado pela desvalorização «razoável» do franco, tal é o tema que os dirigentes dos principais países ocidentais desenvolvem como grande á-vontade, como se quisessem tranquilizar-se a si próprios. O dólar, a libra esterlina, o marco, o florim holandês, o franco belga, o franco suíço, a lira, a peseta, o yen, não serão afectados — afirma-se — pela decisão do Governo francês. E para mostrar claramente que a moeda britânica não corre perigo — é esta a divisa que hoje está mais exposta que nunca e a sua cotação baixou em Wall Street — Harold Wilson afirma a sua intenção de não sair das ilhas Sorlingues, onde está a passar as férias.

Contudo, é grande a inquietação que lavra, sob esta aparente serenidade, e grande é também a evidente satisfação dos dirigentes da Alemanha Federal. Kiesinger e Strauss felicitam-se abertamente com esta desvalorização, que, a posteriori, vem justificar a sua recusa em revalorizar o marco, e até Schiller, que, em período eleitoral não quer passar por mau jogador, faz coro com eles.

É certo que, com a desvalorização do franco desaparece uma das causas das perturbações monetárias, que tão fortemente sacudiram o mun-

do ocidental, em Novembro de 1968 e em Maio de 1969. A «questão» do dólar e da libra continua em aberto, no entanto, mas põe em causa a solidariedade financeira anglo-saxónica, que é ainda suficientemente vigorosa para manter o sistema monetário internacional. O «desmancha-prazeres», um tanto mata-moios, é certo, que a França tinha querido ser, até 1968, cada vez estará menos em condições de denunciar este sistema. Fortemente endividada, necessitada mais do que nunca, do auxílio dos parceiros, a França já não poderá voltar a permitir-se atitudes singulares nas conferências monetárias internacionais. Na próxima reunião do Fundo Monetário Internacional, em Setembro próximo, por exemplo, os representantes franceses deverão revelar certa modéstia, desvalorizando as suas próprias ambições.

Resta saber, no entanto, se a normalização do franco e o alinhamento da França, o qual, aliás, se tinha já manifestado, desde a conferência de Bonn, em Novembro de 1968, serão, a longo prazo, um elemento de coesão para a Europa. Até agora, a acção da França, ainda que não respeitasse as melhores formas da diplomacia, visava, apesar de tudo, consolidar a comunidade de interesses dos países do continente

européu em face das duas grandes praças financeiras do mundo: Nova York e Londres. Estará a França, de agora em diante, em condições de apoiar a Alemanha e os outros parceiros do Mercado Comum, no seu desejo de limitarem a dominação do dólar? Não irá ela, pelo contrário, aproximar-se, pouco a pouco, dos outros países devedores, a saber, os E. U. A. e a Grã-Bretanha, face à Alemanha credora?

Para lá das alianças francesas é o futuro do sistema monetário internacional que está e continua a estar em causa. Períodicamente, certas almas boas — ou ministros — preconizam uma «grande conferência monetária» onde cada qual se visse convidado a fazer a sua autocrítica, a exprimir as suas queixas, conferência que terminaria com um reajustamento concertado de certas paridades monetárias. Mas, enquanto se vai esboçando a perspectiva destes arranjos entre grandes argonautas, cada qual continua a decidir, por conta própria, sem se preocupar demasiadamente com o que o vizinho pensará disso. Deveremos continuar a contar assim com sucessivos actos de egoísmo nacional ou poderemos ainda esperar um frutuoso diálogo internacional?

(Exclusivo «Le Monde» — «Diário de Lisboa»)

MAIS DE 200 MORTOS

— PROVÁVEL BALANÇO DAS VÍTIMAS DO FURACÃO «CAMILLE» NO MISSISSIPI

GULFPORT (Mississippi), 19 — (F. P.) — O tufão «Camille» fez cem mortos e até agora as autoridades supõem que o total das vítimas ultrapasse as 200. Contam-se ainda 2000 feridos.

Ontem à noite, foram encontrados ainda sob os cinquenta cadáveres sob os escombros das casas abatidas pela tempestade, num erro que veio juntar-se aos cinquenta mortos já encontrados anteriormente.

Por outro lado, soube-se que na Louisiana, as três aldeias de Boothville, Triumph e Venice foram completamente destruídas pelo tufão.

O presidente Nixon proclamou o estado do Mississippi como zona sinistrada e mandou conceder imediatamente créditos no montante de um milhão de dólares para socorrer os sem abrigo que se contam aos milhares. Aviação do Exército, fazenda, ponte aérea entre Atlanta, na Geórgia, e Bolowi, no Mississippi, para transporte de víveres e medicamentos.

AUXÍLIO DA CRUZ VERMELHA

WASHINGTON, 19 — (A. N. I.) — A Cruz Vermelha norte-americana anunciou a atribuição de uma verba de

seis milhões de dólares (168 mil contos) para auxílio às vítimas do furacão «Camille».

O presidente da Cruz Vermelha dos E. U. A., general James Collins, declarou que é necessário um movimento nacional de auxílio aos milhares de famílias que ficaram sem lar, ao longo da costa do Golfo do México.

«BOMBARDEAMENTO» DO TUFÃO «DEBBIE»

ROOSEVELT ROADS (Porto Rico), 19 — (F. P.) — Uma vaga de aviões começou a bombardear ontem cerca das 16 horas T. M. G. o núcleo do tufão «Debbie», actualmente em formação, com rajadas que atingem já 160 km/h.

Esta operação, denominada «project Stormfury», é efectuada através do lançamento de cristais de iodo de prata. O objectivo é abrandar a violência do furacão, levando as nuvens de chuva que o constituem a transformarem-se em nuvens de neve em volta dos cristais de iodo de prata, privando assim o tufão do calor que lhe é necessário para aumentar a sua força.

A operação está a decorrer a 1100 quilómetros a leste de São João de Porto Rico e mobiliza 16 aviões que transportam, além das respectivas tripulações, 200 cientistas. O bombardeamento prosseguirá durante dezolito horas com o lançamento periódico de iodo de prata.

Uma experiência deste tipo tentada em 1961 sobre o tufão «Ester» revelou-se conclusiva pelo menos durante duas horas, após o que o furacão se reconstituiu.



SHEENA DRUMMOND, «Miss Edimburgo», uma dactilógrafa de 19 anos, conquistou também o título de «Miss Reino Unido», devendo representar o seu país na competição para a escolha de «Miss Mundo», em Outubro.

Brincadeira perigosa

QUINCY (Illinois), 19 — (A. N. I.) — Bill McKinney, de 31 anos, atingiu a tiro, entre os olhos, seu filho Billy Jr., de 8 anos, quando experimentavam, na cozinha de sua casa, qual dos dois era capaz de «sacar» mais depressa do revólver.

Billy, que se encontra em estado grave, depois da operação de três horas a que foi submetido, no Hospital de Santa Maria, em Quincy, no Illinois, tinha uma «arma» brigueado, mas seu pai «brincava» com um revólver de calibre 22, carregado.

As cinco espanholas mais mal vestidas

MADRID, 19 — (A. N. I.) — Segundo sete peritos de moda madrilenos, as mulheres famosas mais mal vestidas de Espanha são: — A cançonetista Massiel, pelo seu mau gosto; — A actriz Rocio Durcal, por não usar vestidos próprios para a sua idade; — A actriz Sara Montiel, a quem ficam mal os mini-vestidos que usa; — Lola Flores, por ser muito exagerada; — A locutora da Televisão Marisa Medina, por serem antiquados os seus vestidos.

O «ESQUADRÃO DA MORTE» FEZ MAIS DUAS VÍTIMAS — JULGA A POLÍCIA BRASILEIRA

VICTORIA (Brasil), 19 — (R.) — A Polícia desta cidade descobriu mais dois corpos carbonizados, que se julga serem vítimas do «Esquadrão da Morte» do

Indira Gandhi em xeque

NOVA DELHI, 19 — (R.) — O presidente do Partido do Congresso, que governa a Índia, S. Nijalingappa, pediu a noite passada à sr. Indira Gandhi, primeiro-ministro indiano, que explique o seu desafio às ordens do Partido para apoiar o seu candidato nas eleições presidenciais do último sábado.

A diligência pode ser o prenúncio de acção disciplinar contra a sr. Gandhi, na azeda disputa sobre a eleição, que ameaça dividir o Partido.

Brasil, a certa distância da praia onde 11 cadáveres foram encontrados na semana passada.

Crê-se que o «Esquadrão da Morte» seja um grupo de polícias, que têm executado sumariamente, nos últimos três anos, mais de mil criminosos perigosos.

A Polícia afirmou, a noite passada, julgar que as duas pessoas foram assassinadas recentemente. Depois, foram desenterradas pelo «Esquadrão» e os seus corpos queimados, para se impedir a identificação.

Todos os cadáveres encontrados em Victoria tinham as mãos amarradas atrás das costas e uma só bala metida na fronte.

O secretário da Segurança Pública do Estado retirou o caso aos investigadores locais e entregou-o a um detective do Rio de Janeiro para proceder a averiguações.

NUM LAGO ESCOCÊS MONSTRO AFUGENTADO A TIRO DE ESPINGARDA

INVERNESS (Escócia), 19 — (R.) — Há agora outro monstro além do de Loch Ness — o de Loch Morar.

A caçada anual de Verão ao monstro de Loch Ness mudou ontem temporariamente com a notícia de que um monstro, com 20 metros de comprimento, tentara voltar, no sábado, um barco em que seguiam dois homens, em Loch Morar.

Os homens, ambos da vila de Mallig, perto de Loch Morar, afirmam que o monstro cortou a dentada parte de um remo e sómente se assustou e fugiu quando se disparou contra ele uma espingarda.

William Simpson, de 22 anos, e Duncan McDonnell, de 33, ambos descritos localmente como homens honestos, que não bebem, disseram que o monstro tinha cerca de 20 metros de comprimento, dois metros de largura, era de cor castanha escura e tinha uma série de corcovas redondas nas costas.

Afirmaram ainda que o monstro era feroz e assustador.

A noite passada, Simpson falou acerca do encontro com o monstro. Disse: «Não há invenção. A coisa apareceu quando viajávamos a uma velocidade de 24 km por hora.

«Podeis julgar o medo que tivemos.

«Duncan tinha um remo e lutava para manter afastado o monstro. Não lhe vi a cabeça, mas vi o corpo.

«Tinha, pelo menos, nove a 12 metros de comprimento e uma série de corcovas. Tinha uma pele muito dura e o seu aspecto era medonho.

«Não posso dizer se tinha ou não escamas. Disparei um tiro contra ele, visto nenhum de nós saber nadar. Devido a isso, o panico era realmente terrível.

«Duncan batia no monstro com o remo. Agarrei na minha espingarda e disparei um tiro contra ele, sem mesmo fazer pontaria.

«O monstro afastou-se, então, deixando um grande rasto. Garanto-vos que não é invenção. Estávamos realmente assustados.»

O conflito entre Israel e o Líbano

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 19 — (R.) — O Conselho de Segurança da O. N. U. concluiu a noite passada um debate geral sobre o conflito entre Israel e o Líbano, mas não procedeu a uma votação.

Foi suspensa a apresentação de uma moção enquanto os delegados discutiam nos bastidores e não foi marcada imediatamente qualquer data para outra sessão.

Fontes bem informadas disseram que os Estados Unidos e a Grã-Bretanha objectaram contra qualquer resolução que censurasse Israel pelos ataques aéreos da semana passada contra o Líbano sem tomar em consideração as actividades dos guerrilheiros árabes contra Israel.

O delegado principal de Espanha, Jaime de Pinles, que é este mês presidente do Conselho, chamou os delegados ao seu gabinete, a fim de travar discussões privadas.

REFORÇOS INGLESES PARA O ULSTER

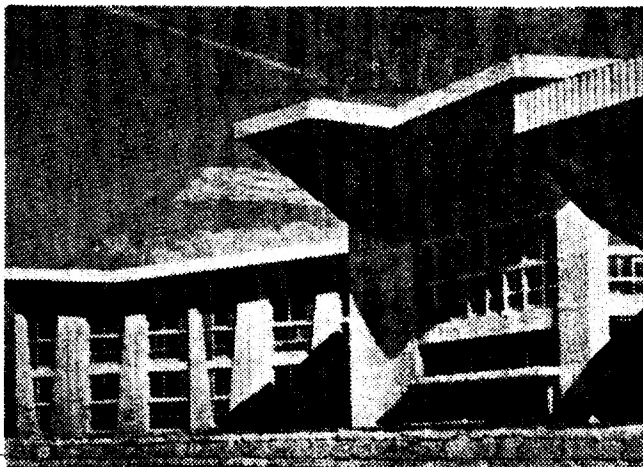
BELFAST, 19 — (F. P.) — As tropas britânicas vão ser enviadas para outros sectores e vão chegar reforços à Irlanda do Norte, declarou, ontem à tarde, o presidente da «Comissão de Reconciliação», reunido em Stormont.

Após duas horas e meia de conversações, os representantes das igrejas, da vida económica e dos sindicatos publicaram um comunicado anunciando o próximo envio de tropas. Stephen Mac Gonagle, católico, vice-presidente da comissão municipal de Londonderry, presente nas conversações como representante oficial de um sindicato, declarou que o «comité» a que preside, desde ontem, terá a próxima reunião hoje, às 19 horas, «para discussão de problemas essenciais». Segundo pensa, o primeiro-ministro estará «provavelmente presente».

Mac Gonagle declarou que a população tinha aco-

lhido as tropas britânicas como «forças de garantia da paz» e acrescentou que a conferência da paz ou da conciliação, ontem reunida, fora constituída para «restaurar a ordem e a confiança».

«Não havia representantes do movimento dos direitos civis ou dos presbiterianos livres do reverendo Ian Paisley. Porque não foram convidados? É preciso pôr a questão ao primeiro-ministro. Não sou o porta-voz do Governo», concluiu Mac Gonagle.



Três novas Universidades foram criadas em Grenoble, ministrando-se em cada uma delas o ensino dos diversos ramos da Ciência, desde a Medicina às Ciências Sociais e Humanas. Na gravura pode ver-se a biblioteca da Faculdade de Ciências.

WILSON AVISTA-SE HOJE COM CHICHESTER-CLARK

LONDRES, 19 — (A. N. I.) — O primeiro-ministro inglês, Harold Wilson, interrompeu as suas férias de Verão e regressou a Londres, para conversações de emergência sobre a crise na

Irlanda do Norte — declarou um informador da Downing Street.

O informador acrescentou que Wilson devia conferenciar esta manhã com os ministros que actualmente se encontram na capital inglesa, entre os quais se contam o ministro dos Negócios Estrangeiros Michael Stewart, o chanceler do Tesouro, Roy Jenkins, e o ministro do Interior, James Callaghan.

De tarde, Wilson deve receber o primeiro-ministro da Irlanda do Norte, James Chichester-Clark.

O primeiro-ministro Harold Wilson está, pessoalmente, a tentar resolver a crise da Irlanda do Norte, que é uma província autónoma do Reino Unido, sendo o Governo de Londres responsável pela sua defesa, pelas relações exteriores e pelas finanças.

Em caso de grande necessidade, o Parlamento britânico pode suspender a lei de 1920 pela qual a Irlanda do Norte goza de autonomia e substituí-la por um sistema do Governo directo, a partir de Londres.

No entanto, seria necessário convocar em sessão extraordinária esse Parlamento, que está em férias de Verão. Por enquanto, Wilson não tenciona fazê-lo.

REUNIFICAÇÃO DA IRLANDA PELA VIOLÊNCIA

— OBJECTIVO DO I. R. A.

BELFAST, 19 — (F. P.) — O I. R. A. (Irish Republican Army) combateu as forças britânicas durante os anos sangrentos que precederam o aparecimento da Irlanda e prosseguiu na luta através de atentados e sabotagens. Foi posto fora da lei há uma dezena de anos pela República da Irlanda do Sul e condenado pela hierarquia católica.

Ignoram-se hoje os seus efectivos e pensa-se que é constituído por grupos mais ou menos isolados, animados por uma convicção comum: a de que a reunificação da Irlanda só pode fazer-se pela violência.

Já em 1958, o I. R. A. advertiu a política do Ulster de que desencadearia um ataque geral para punir os actos de colaboração com a Grã-Bretanha. Seguiu-se uma vaga de atentados à bomba contra esquadras da Polícia, vias férreas, pontes, comportas, etc.

Não há dúvida de que o I. R. A. conta com especialistas da acção violenta que passam a fronteira como entendem e beneficiam de apoio no Norte e no Sul.

O efeito psicológico deste exército fantasma é o que mais se receia: os dirigentes do Ulster puderam sempre justificar as medidas de excepção e os abusos da Polícia invocando a acção do I. R. A.

NAUFRÁGIO

NUM LAGO

— 22 MORTOS

EVIAN LES BAINS, 19 — (F. P.) — Vinte e duas pessoas, incluindo 15 crianças das quais 14 pertenciam a uma colónia de férias de La Moselle, encontraram a morte ontem à tarde, neste lago, perto de Thonon Les Bains, durante o naufrágio de um barco de passeio.

O tempo estava bom mas o lago, calmo ao princípio, tornou-se mais agitado com o vento, que se levantou quando o barco «La Fraidière», antigo rebocador transformado, se preparava para entrar no porto de Thonon. O barco acabava de dobrar o promontório de S. Disdille, vindo de leste, quando a ré se afundou subitamente.

O barco afundou-se em menos de dois minutos, a uma centena de metros da margem, sob os olhares dos campistas de um terreno próximo.

A morte de Sharon Tate

Entregou-se à Polícia um dos suspeitos

LOS ANGELES, 19 — (F. P. e R.) — «Tenho um alibi inatcatável no caso Polanski, pois estava num «party» com cerca de seis amigos meus no momento em que se deu o crime e posso prová-lo», afirmou Thomas Steven Harrigan, o «hippie» que se apresentou ontem à Polícia de Los Angeles desejosa de o interrogar acerca do crime da residência de Bel Air. O «hippie» que tem a família no Canadá, indicou que nunca tinha pensado em deixar a região de Los Angeles para regressar ao seu país.

Harrigan acrescentou que os seus três companheiros também procurados pela Polícia eram tão estranhos ao caso como ele.

Quanto às vítimas, Harrigan forneceu as seguintes indicações: «Woycieck Fry-

kowski — conhecia-o há seis ou 8 meses e fui apresentado por ele a Sharon Tate alguns dias antes do crime; Abigail Folger — «conhecia-a há cerca de 5 meses; Jay Sebring — «falei-lhe pela primeira vez no dia da morte».

Harrigan não falou de Steven Parent, o jovem de 18 anos abatido no jardim dos Polanski, dando a impressão de não o conhecer.

O dr. Paul Caruso, seu advogado, declarou por seu turno que Harrigan procurava ajudar a Polícia, mas que não devia ter possibilidade de fornecer qualquer indicação precisa acerca dos assassínios.

Harrigan foi solto a noite passada, sem ser formulada qualquer acusação contra ele.

APELO DE DUBCEK

PRAGA, 19 — (A. N. I.) — «Seria triste e trágico que o povo da Checoslováquia se deixasse arrastar para manifestações de vandalismo, no aniversário da invasão», declarou Alexander Dubcek, antigo chefe do Partido Comunista Checoslovaco e actual presidente da Assembleia Federal, segundo a agência noticiosa oficial.

Ao falar numa reunião de dirigentes do partido, na Eslováquia — agência Ceteka — anunciou que Dubcek teria «rejeitado o programa das forças anti-socialistas, dese-

josas de lançar a Checoslováquia numa nova crise».

MANIFESTOS

«Três norte-americanos foram impedidos de entrar na Checoslováquia, nos últimos dias, por tentarem introduzir no país manifestos cujo conteúdo estava em desacordo com os interesses da nossa sociedade» — anunciou em Praga um informador do Ministério do Interior.

O informador acrescentou que, durante os últimos meses, entrou na Checoslováquia grande quantidade de

manifestos, folhetos e outro material impresso, em discrição com a lei», proveniente do Ocidente.

«Tais actividades — acrescentou ainda — não passam de propaganda planeada, organizada e amplamente financiada».

ACUSAÇÃO DE HUSAK

PRAGA, 19 — (R.) — O «leader» comunista checoslovaco, dr. Gustav Husak, acusou hoje a Gustav Husak do seu liberal antecessor Alexander Dubcek de não ter ligado atenção aos avisos soviéticos, que acabaram por levar à invasão do país por forças do Pacto de Varsóvia.

Num discurso para cerca de 8000 funcionários industriais e sindicalistas, em comício realizado no Fock Park, em Praga, o dr. Husak não admitiu directamente que a ocupação fosse justificada — coisa que, segundo ele, só deve ser feita pela comissão central do Partido.

DEPURAÇÃO

BRATISLAVA, 19 — (A. N. I.) — «A próxima análise oficial da era reformista de 1968 provocará a depuração das tendências oportunistas e anti-socialistas ainda existentes no partido» — declarou Stefan Sadoski, leader do Partido Comunista Eslovaco, falando em Bratislava.

Foi uma grande infelicidade — afirmou — tanto para o partido como para o país, que as forças anti-socialistas tenham obtido posições no poder, por causa de uma cefia desunida e, sob muitos aspectos, indecisa».

Faleceu a mulher de Harold Lloyd

BEVERLY HILLS (Califórnia), 19 — Morreu a estrela do cinema mudo, Mildred Davis, mulher do actor Harold Lloyd, com o qual contracenou em muitos filmes. Tinha 68 anos. Casaram-se em 10 de Fevereiro de 1923, tendo-se Mildred Davis retirado então dos estudos. Durante 46 anos, formou com o marido um dos casais mais felizes de Hollywood e a sua quinta era uma das principais atracções da capital do cinema norte-americano.

Marighela intensifica a acção dos «comandos»

RIO DE JANEIRO, 19 — (F. P.) — O assalto à Rádio de São Paulo pelos homens de Carlos Marighela, e a proclamação pirata feita por este chefe comunista aos microfones da referida Rádio poderá ser, segundo vários observadores, uma primeira operação espectacular de uma série.

Carlos Marighela, chefe do Partido Comunista Revolucionário no Rio de Janeiro e em São Paulo, vem intensificando a acção dos seus «comandos urbanos». Os seus quadros são ainda pouco numerosos, geralmente de cidadãos intelectuais e militares. Ao que consta dispõem de bastantes complicitades nos bairros operários tanto do Rio como de São Paulo, bem como talvez entre soldados e sargentos, complicitades graças às quais as dezenas de homens dos «comandos» com retratos afixados por toda a parte têm conseguido escapar à Polícia e moverem-se de uma grande cidade para a outra com facilidade.

Os observadores fazem reparo na pouca eficácia do

dispositivo adoptado para combater os assaltos aos bancos e mesmo impedir um assalto a uma Rádio. Enquanto milhares de homens armados, apoiados por caças-bombardeiros «batiam» a região de Angra dos Reis à procura dos guerrilheiros, estes, a 300 km dali, em São Paulo, assaltavam o posto da Rádio. A própria censura não se mostrou eficaz visto que o «Diário da Noite» de São Paulo pôde publicar o texto integral da proclamação de Marighela. O redactor chefe do jornal Herminion Sacchetti, continuava ontem ainda preso, incomunicável, mas dizia-se que ia ser posto em liberdade sem demora.

Julgamento de bascos

BILBAU, 19. — (F. P.) — Sete bascos acusados de pertencerem à organização terrorista ETA vão comparecer amanhã e depois perante o conselho de guerra de Burgos.

Para o julgamento de quarta-feira comparece um padre, o vigário de Berriz (Biscaia), Luis Maria Berclartua. Devido às suas funções, o julgamento é a porta fechada. O acusador pede 12 anos de prisão.

Na quinta-feira são rapazes de 20 e 21 anos, presos nas imediações de Basauri (Biscaia). Foram-lhes encontradas armas e explosivos. Neste processo, o acusador requer penas desde 12 a 38 anos de prisão.

Morreu o cientista Otto Stern

BERKELEY (Califórnia), 19 — (F. P.) — O prof. Otto Stern, Prémio Nobel da Física de 1943, morreu subitamente ontem, nesta cidade, quando se encontrava no Cinema. Tinha 81 anos.

Nascido na Alemanha, ensinou na Universidade da Califórnia de 1930 a 1933. Ocupou depois a cátedra de Física no Instituto de Tecnologia Carnegie, de Pittsburgh (Pennsylvania), onde os seus trabalhos de pesquisa sobre a velocidade das partículas atómicas lhe deram o Prémio Nobel.

NOVA CARTA ABERTA A QUEM DE DIREITO NAS RUAS E CALÇADAS DE LISBOA

por JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS

Desculpem incomodar de novo vossa digestão, porventura fácil e porventura fértil, voltando a um assunto tão irremediavelmente rasteiro e tão desgraçadamente esburacado. Talvez estejais lembrados de que, nesta mesmas colunas, vão já corridos mais de sete meses, vos ousei escrever uma carta aberta, que nunca obteve a graça de uma resposta.

E não é que eu não a pedisse. Pedia-a expressamente — mais: humildemente. Com efeito, após vos narrar as minhas atribuladas aventuras e desventuras de morador na Estrada da Luz, acentuando que o meu carro — um modesto carro sem casaco nem gravata, feito para resistir aos piores caminhos — já tinha soçobrado naquele empedrado de Tibério, solicitava-vos, Excelências, uma resposta, para comprar antes um «jeep», no caso de persistir incólume tão romana via.

Além disso, como quando chove mais tal estrada se transforma num caudaloso regato, eu propunha-me, a manter-se esse estado de coisas. «arranjar um equipamento de

não ser «tersa» e «vernáculo» como a daquelas eminentes eminências perpetuadas em tocantes cerimónias fúnebres, que se destinam decerto a lembrar que tais eminências sempre estiveram mortas...

Mas por uma manhã em que (texto de um conhecido plúmbeo municipal) «o sol radioso se associou à alegria da cidade em festa, etc.», eu vi que aquelas antiquíssimas entranhas iam uma vez mais ser removidas. «É agora, é agora», pensei exultante. «Eles leram e isto agora não fica na mesma». Passaram os meses, as obras estão no fim, e eu tinha razão: a Estrada da Luz não ficou na mesma — ficou muito pior ainda.

Ah!, como eu e os meus coestrutadãos sofremos, com beneditina paciência, o incómodo, o ruído, a poeira. Logo de manhã cedo rompia uma barulheira infernal com uns motores que parecem feitos para dar cabo dos nervos a um cliente, acordar as crianças deixando-as rabugentas para todo o dia, etc.



Estrada da Luz: mais obras

bacalhoeiro, comprar um daqueles barquinhos de borracha que não têm amortecedores nem gastam gasolina, e passar a ir para o trabalho a remo ou à vela, conforme os ventos dominantes».

E terminava logo a seguir, textualmente: «Seria um êxito e seria uma atitude digna deste ínclito descendente dos Gamas e dos Cabrais que, aguardando uma resposta vossa, Excelências em Ruas e Calçadas, se subscreve humildemente».

Perdoem a assaz longa transcrição, mas queria provar o que atrás disse: que pedi expressamente, humildemente, para me responderem — e não o fizeram.

★

Devo sublinhar que durante umas longas e angustiantes semanas pensei não terdes lido a minha prosa, talvez por

a grande EXCURSÃO do ano "SONHO do JAPÃO"

14 dias no Japão • Mais visitas • Mais demoradas

JAPÃO - FORMOSA - MACAU - HONG-KONG - LÍBANO
PÉRSIA - TAILÂNDIA

Partidas: 1 de Julho - 5 de Agosto - 2 e 16 de Setembro.
27 dias de viagem. Avião a jacto. Preço desde 41 400\$00

abreu

a marca das viagens inesquecíveis

Programas: **agencia abreu - desde 1840**

Lisboa - Av. Liberdade, 160 - Porto - Av. Alameda, 307 - Coimbra - R. Sota, 2

A MAIOR E MAIS ANTIGA DE PORTUGAL

E, além da barulheira, era aquela trepidação constante das perfuradoras que até são capazes de perfurar a cabeça de um indígena... Quanto à poeira e à porcaria, só visto...

(Entre parêntesis: um amigo meu asseverou-me que por umas centenas de escudos se poderiam aplicar a essas máquinas infernais uns silenciadores que lhes calavam o bico insuportável — aleivosia em que, evidentemente, não acreditei, pois se assim fora as entidades competentes não deixariam de o fazer, ou mandar fazer, com a solicitude e o pronto zelo que, como todos sabemos, as caracterizam).

Mas tudo se sofreu, com a tal beneditina resignação, a pensar que depois não iam, mais uma vez, cobrir os buracos com as mesmas velhas e tortas pedras, antes aproveitariam para, enfim, e ao menos, reparar o pavimento. Doce ilusão: pedras tiradas, pedras postas — e tudo ficou pior ainda...

Aliás, não foi esta a primeira vez, de há pouco tempo a esta parte, que as pobres das entranhas da Estrada da Luz — e com elas as dos seus pobres habitantes — foram revolvidas, despidas e de novo vestidas, cada vez menos vestidas, de resto, com as mesmas vestes do tempo do Império. Por isso, intrigado, inquiri um dos homens que nestas últimas obras servia de «fiscal», ostentando no casaco orgulhoso a bridadeira da sua dignidade: porque é que estão a abrir outra vez esta caca desta Estrada? Gentil, explicou-me que desta feita era para o saneamento, ou coisa parecida, enquanto da anterior tinha sido para os telefones e de outra antes parece que para a electricidade. Ora como o saneamento é da Camara, os telefones são de uma companhia e a electricidade de outra (tudo portanto entidades diversas e respeitadas, de V. Ex.^{as} muito att.^o, ven.^o e obrig.^o) cada uma tinha o direito de esburacar independentemente das outras — enquanto nós, os indígenas contribuintes, temos o dever de sofrer os buracos de todas...

★

Mas se agora, quens de direito, vos escrevo esta nova carta, é também porque esta Estrada fez com que eu tivesse um desgosto que não vejo forma de remediar sem o vosso auxílio. Eu explico.

Para este mortal, visceralmente convivente, que sou, a

RUA CONCELHEIRO JOSE SILVESTRE RIBEIRO

Aqui fica, para a posteridade, a «concelheiral calçada»...

amizade é das coisas mais belas que há na vida. E, talvez seja optimismo, mas julgo que tenho muitos e bons amigos. Pois um deles, que quando eu morava noutras paragens menos inóspitas com frequência me dava a alegria da sua visita, deixou de aparecer.

As vezes, por exemplo, estou a ler umas coisas chatíssimas que vêm nos suplementos literários, chatíssimas e de que não se percebe patavina, nem são para perceber, pelo que contribuem poderosamente para a glória intelectual dos seus autores, e penso: que bom se agora aparecesse por aí o fulano, para dois dedos de cavaco, assim terra a terra, sobre as coisas que diariamente nos interessam, indignam ou entusiasman, e também sobre poesia, embora não sobre aquela que, diz aqui a folha, segundo o mais recente estudo de um mestre estruturalista (1), ou aqueloutro: «tr tr tr tr tr tr tr / tatattata tatatt tata ta / t tat p pp ppp pum!», Mas qual quê... lá vou sofrendo, sem amigo que me valha, tais textos macarrônicos, que fazem a delícia do «imprimatur»...

E outro dia, quando encontrei esse meu amigo, um tipo lixado que tem o defeito de só saber andar de automóvel, vai ele, a queixa minha, disparou logo: «Eh pá, como queres tu que eu apareça se moras numa Estrada onde qualquer automóvel que se preze, com consciência de classe, se recusa a circular?»

★

Desculpa, Excelência, esta história banal e pessoal — mas, enfim, eu e milhares de habitantes dessa Estrada irónicamente chamada da Luz, pedimos uma prova de que existis e escutais os nossos apelos. Se o silêncio se mantiver é porque efectivamente não nos gramais, ou porque não vos sobra tempo para cuidar destas coisas de somenos importância...

De resto, se sois vós também os responsáveis pelas placas com os nomes que baptizam as Ruas e Calçadas de que sois Excelências, só por um daqueles factores se pode explicar que a uma nova rua lá nas margens da tal malfadada Estrada tenham dado o nome de Concelheiro José Silvestre Ribeiro. Assim mesmo: *concelheiro*, com o de *cadela*, como se prova pela gravura junto.

De facto, ás *concelheirais* tiradas dos Acácios de ofício já todos, mais ou menos, estamos habituados. Agora *concelheirais calhoadas* como esta, só se podem explicar ou por não gramarem a zona, ou (já que decerto não se pretende, deliberadamente, contribuir para uma analfabetização ainda mais generalizada) por falta de tempo para atentar nestes *pequenos pormenores* — pois ninguém vai crer que houve, em pequeno, falta de tempo para ir à escola...

De V. Ex.^{as}, etc.,

(1) Aqui devia entrar uma valentíssima citação, daquelas que *amiam* rapidamente um leitor menos precavido. Tais citações, por vezes, são feitas na língua original, o que — nomeadamente quando se trata de idiomas dominados pelo comum dos apaniguados dos ditos suplementos, como o árabe — as torna bastante mais compreensíveis.

CORRIDA AOS DIAMANTES NO LESTE DA VENEZUELA

CARACAS, 19 — (F. P.)

Oito mil pesquisadores de diamantes, provenientes de todos os países estão a afluír desde há algum tempo a um recanto ignorado do Leste da Venezuela, á procura das famosas pedras.

Desde á madrugada até á meia-noite, peneiram o rio Caroni, afluente do Orenoco, na esperança de descobrirem um novo «Barabás», um diamante de 155 carates, descoberto pelo inglês James «Barabás» Huckson. Mesmo que não tenham a mesma sorte, parece terem já asseguradas descobertas lucrativas: em pouco menos de um mês, o rio Caroni já deu diamantes no valor de um milhão de dólares.

Como nas corridas do passado ao ouro e ao petróleo, na Alasca e na Califórnia, um mundo cheio

de aventureiros precipitou-se para a vila dos caçadores de diamantes, San Salvador de Paul: prostitutas, intermediários, compradores sem escrúpulos, desembarcam todos os dias no coração da selva, pelos caminhos mais difíceis, quer em canoa, quer de avião. Uma pista de 1800 metros foi construída de urgência para permitir a aterragem dos DC-3 e das avionetas.

A região está situada a 800 quilómetros, a sueste de Caracas e era já um local conhecido: um célebre evadido de Cayenne, o francês Heri «Papillon Charrière» (que acaba de publicar as suas memórias com grande sucesso), tentou á sorte em San Salvador de Paul, há muitos anos.

Nessa época, apenas alguns pesquisadores de diamantes percorriam os cur-

ter as e
abranda
no enta
Devid
não ter
vr em
de não
seu cor
mais di
imposs
tios. O
na área
tudo, á
neutras,
chamas
para q
nas de
por com
vens de

11lo
ame
pela

O esp
nas seri
Agueda
-se a gr
forços d
lhar de
escuteir
pas, etc.
para pô
que de
to vai t
proporç
go oute
res e n
estão a
fogo lav
tro fren
por quil
tros de
Urgei
cleira d
Belazeir
cor. Sou
(onde o
truido).
Castanh
Belazeir
as locali
ou amea
alterosas

sos de á
riscando
serpente
aranhas
deduras
stas.

Foi á d
rabás» q
ra a cor
cebeu m
res por
enquanto
que o v
Harry W
65 000. O
clonado e
joalheiro
Gracelli
duas da
então ve
de três n

Nesta I
que se
Salvador
de viver
os e o
de Bolívia
víncia, ex
a modera

Bombeiros, militares e muito povo lutam numa extensa área perto de Águeda contra as chamas que lavram ameaçadoras

(Continuação da 1.ª pág.)

ter as chamas — que não abrandam de intensidade, no entanto.

Devido ao facto de o fogo não ter concentração, e lavar em encostas para onde não existem acessos, o seu combate é cada vez mais difícil, se não mesmo impossível, em muitos sítios. O pessoal que labora na área entrega-se, sobretudo, à oriação de zonas neutras, procurando que as chamas não tenham nada para queimar. Vastas zonas de pinheiros arderam por completo, e densas nuvens de fumo cobrem Águeda.

11 localidades ameaçadas pelas chamas

O espectáculo é terrífico, nas serranias da região de Águeda. As chamas elevam-se a grande altura e os esforços de mais de um milhar de pessoas (bombeiros, escuteiros, populares, tropas, etc.) tem sido baldados para pôr termo ao sinistro, que de momento a momento vai tomando as maiores proporções, pondo em perigo outros povoados. Milhares e milhares de árvores estão a ser destruídas e o fogo lava em mais de quatro frentes, estendendo-se por quilómetros e quilómetros de matas.

Urgeira, Carvalho, Macieira de Alcoba, Matadega, Belazeima do Monte, Mangor, Soutinho, Rio de Maças (onde o povoado já foi destruído), Cabeças do Cão, Castanheira do Vouga e Belazeima do Chão — são as localidades já atingidas ou ameaçadas pelas chamas alterosas.

MANTES NEZUELA

os de água da região, ariscando-se às picadas das serpentes, aos ataques das granhas gigantes e às mordeduras de inúmeros paratitas.

Foi a descoberta do «Barabás» que deu o sinal para a corrida. Huckson recebeu mais de 10 000 dólares por aquele diamante, enquanto os intermediários que o venderam à casa Larry Winston receberam 5 000. O diamante foi fracionado em Nova York pelo palheiro italiano Adriano Fracelli e conta-se que as das fracções foram então vendidas por mais de três milhões de dólares. Nesta Babel da selva, em que se transformou San Salvador de Paul, a fúria e viver apossou-se de todos e o arcebispo da cidade Bolívar, capital da província, exortou pela Rádio moderação

da e Aveiro. Na primeira destas localidades, o cheiro a queimado é intensíssimo.

Os hospitais da área, por seu turno, não trataram quaisquer pessoas feridas em consequência do violento incêndio, o que faz crer

O governador civil de Aveiro no local do sinistro

O governador civil de Aveiro, dr. Francisco do Vale Guimarães, seguiu para o local do sinistro, de madrugada. Aquela entidade, devido às proporções assustadoras que as chamas atingiram e continuam a atingir, mantém-se ao corrente da situação.

Também o presidente da Câmara Municipal de Águeda — que foi quem pediu o auxílio dos militares, ao ver que a situação se agravava — e outras entidades oficiais ali se encontram seguindo atentamente os trabalhos de combate às chamas.

O tenente Dias Ferreira, comandante dos Bombeiros de Águeda, tem dirigido o ataque ao incêndio, de colaboração com o eng.º Silva Delgado, dos Serviços Florestais.

não se terem registado de saetres pessoais.

Pousadas e Serras de Lima em grande perigo ao romper da manhã

O sinistro continua a lavar em 4 frentes — Macieira de Alcoba, Cabeço de Cão, Carvalho — Rio de Maças e Castanheira do Vouga.

As pequenas localidades de Pousadas e Serras de Lima, ao romper da manhã — e no dizer do eng.º Silva Delgado, adjunto do chefe da Circunscrição dos Serviços Florestais de Águeda — encontram-se em grande perigo.

(Entretanto, bombeiros e militares eram ajudados e orientados pelo pessoal especializado dos Serviços Florestais de Águeda, das brigadas florestais do Bucaco e da Lousã, actuando com equipamento apropriado para este tipo de incêndios).

Rio de Maças, pequena localidade de 10 habitações, ficou destruída por completo. A população fugira para Macieira de Alcoba, e o gado abandonado no local morria asfixiado.

O sinistro foi originado por um tiro de pedra

A origem do sinistro, que continua a destruir vastas

extensões de arvoredo e a pôr em perigo vidas e haveres, foi o rebentamento prematuro de um tiro de pedra. O fogo propagou-se ao restolho vizinho, e o trabalhador que acendera o rastilho, ao dar conta do sucedido, procurou, por todos os meios ao seu alcance, extinguir as chamas. Os seus esforços foram baldados, no entanto, e, volvidos alguns minutos todos os homens que trabalhavam na pedra abandonaram o local.

Dezassess corporações de bombeiros seguiram para a zona afectada pelas chamas: voluntários de Águeda, Albergaria-a-Velha, Mealhada, Anadia, Oliveira de Azeméis, Tondela e Aveiro (bombeiros novos); Aveiro (bombeiros velhos), Viseu, Vagos, Estarreja, Mortágua, Arrifana, municipais e voluntários de Coimbra e os de Santa Comba Dão. Aos bombeiros juntaram-se elementos da Escola Central de Sargentos, de Águeda, e dos regimentos de Infantaria 10 (Aveiro) e 14 (Viseu); legionários do comando distrital de Aveiro e mais de 60 elementos da G. N. R. desta cidade. Populares e escuteiros (acampados nas proximidades de Parinho de Arca) têm prestado serviços de grande valia a todos os homens empenhados no combate às chamas.

Pânico em Castanheira do Vouga

As chamas que lavravam na área de Cabeça do Cão,

Quando seguia para S. João do Monte (lugar ameaçado pelo fogo) um autotanque colheu um comerciante

Cerca das 11 horas de hoje, o fogo rondava já o lugar de S. João do Monte, na freguesia de Tondela, que dista do Caramulo 11 quilómetros. Para ali seguiram os Bombeiros Voluntários de Viseu, num autotanque. Esta viatura, à saída da cidade, no cruzamento da Avenida de António José de Almeida e a Rua de 21 de Agosto, colheu gravemente o sr. José Tavares da Cruz de 52 anos, casado, comerciante, de Moiré de Madalena. Transportado ao Hospital da Misericórdia, ficou ali internado, pois sofreu traumatismo craniano e encontra-se em estado de coma e com outros ferimentos pelo corpo.

cerca das 11 e 30, foram dadas como praticamente extintas. Acontece, porém, que o incêndio tomou a direcção sul, precisamente onde se situa a povoação de Castanheira do Vouga, na estrada 230 e já muito perto de Águeda.

Ao que se sabe, a população da primeira daquelas localidades entrou em pânico, com a aproximação do incêndio.

A serra da Castanheira, apenas a 500 metros da povoação, era, às 11 e 30, pasto de chamas alterosas, que se propagavam, especialmente, em dois sentidos, provocando graves apreensões às freguesias

mais facilita a propagação das chamas.

ÀS 15 HORAS O INCÊNDIO CONTINUAVA A LAVRAR

Segundo as últimas notícias recebidas do nosso enviado especial, embora em alguns sítios (na vertente Norte) os bombeiros já estejam a fazer o rescaldo, as chamas continuam a lavar, com grande intensidade, na vertente Poente da serra do Caramulo.

Confirma-se, por outro lado, que muitos animais morreram em consequência do incêndio, uns asfixiados, outros carbonizados — nas povoações que o fogo destruiu.

Ferido no embate da moto com o automóvel

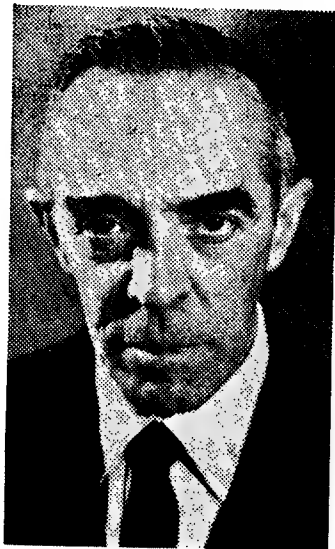
Na auto-estrada, próximo do Estádio Nacional, pouco depois do meio-dia, uma moto foi de encontro a um automóvel que se encontrava estacionado naquela via em reparação de avaria.

Do embate resultou fractura da perna esquerda para o motociclista, António Gomes da Silva, de 22 anos, estudante da Escola Agrícola da Paia. O ferido, prontamente assistido por turistas ingleses que se encontravam munidos do material indispensável para os primeiros socorros na estrada, foi conduzido ao hospital.

CAMIONETAS E TRACTORES TRANSPORTAM UTENSÍLIOS

São inúmeros os veículos utilizados (desde camionetas a tractores) para o transporte dos mais variados utensílios destinados a ser utilizados no ataque ao incêndio. Todos aqueles que combatem as chamas têm o cansaço estampado no rosto. Mas ninguém arreda do local; todos procuram, com afã, dominar o incêndio que está a destruir uma riqueza nacional; todos querem, enfim, ver terminado este pesadelo.

mais próximas, isto é, Agadão e Préstimo. Tanto de Castanheira do Vouga como das outras povoações, e enfim, de toda a área, os homens válidos juntaram-se para atacar, em diversos pontos, o sinistro, que na serra já apanhou várias casas isoladas, embora não conste haver vítimas a lamentar por enquanto. Todavia, a violência com que o fogo devora tudo que apanha demonstra que a gente que o ataca é mais do que insuficiente. O tempo, muito seco, como acontece quando há vento leste,



JOSÉ RÉGIO

«Três Peças em um Acto» da autoria de José Régio

Tomou lugar na primeira fila das letras portuguesas quando ainda escolar de Coimbra, com o seu primeiro livro, e não mais deixou de ser grande escritor o José Régio. Da sua Vila do Conde e de Coimbra da «Presença», José Régio foi para Portalegre, «cidade do Alto Alentejo», que haveria de cantar também.

Aposentado já o professor, continua o homem de letras a dar-nos novos livros e reedições dos que foi acumulando pelo caminho.

Poeta e ensaísta, crítico e novelista, José Régio é um apaixonado do teatro; e interessam-lhe todos os aspectos do teatro ao autor dessa estranha «Benilde ou a Virgem-Mãe» que o grande temperamento artístico de Maria Barroso um dia criou no palco do Nacional.

Na série das «Obras Completas» de José Régio saiu agora este volume do seu teatro, com «Três Peças em um Acto». No volume se contam «Três Máscaras», «O Meu Caso», e «Mário ou Eu Próprio — o Outro».

No ritmo das «Obras Completas», a Portugal Editora dar-nos-á a poesia, o teatro, o romance, tudo quanto escreveu este escritor verdadeiramente representativo da sua geração e quanto ele continua a escrever. E edições limpas dos seus livros não é factor de somenos para um escritor ainda quando ele tenha a categoria de José Régio.

«DIÁRIO DE LISBOA»

O presidente da direcção da Associação dos Antigos Alunos do Liceu de Pedro Nunes agradeceu ao «Diário de Lisboa» a colaboração prestada pelo nosso jornal aquando dos trabalhos para a fundação daquela agremiação, cujos estatutos e corpos gerentes foram já aprovados oficialmente.

JÓIAS ANTIGAS

GRANDE VARIEDADE
Ourivesaria PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Telef. 32 45 64

CHOCOLATES TAGIDES

BARREIRO · LISBOA · QUELU
O muito é feito de poucos. Ganhando menos consegue-se mais.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Operações de Bolsa BANCO DO ALENTEJO

Restaurante típico ou estabelecimento para adaptação

Toma-se de trespasse no Bairro Alto, Alfama, Costa do Castelo ou Campo de Santana, em local de fácil acesso.

Resposta a este jornal ao N.º 323.

Diário do Porto

A JUDICIÁRIA DO PORTO CONTINUA A PROCURAR O HOMEM QUE LHE FUGIU

PORTO, 19 — A Polícia Judiciária continua a desenvolver grande actividade em busca de José Cabral Dias, de 18 anos, carpinteiro, Rua de Furamontes, 126, em Gondomar, que fugiu a dois agentes daquela corporação quando o levaram á sua residência para determinada diligência.

O preso era acusado do furto de cinco mil escudos e fora conduzido á sua residência com algemas e as mãos presas atrás das costas. Ao chegar ali, e aproveitando-se de uma pequena distração dos agentes, saltou um muro de cinco metros, através de uma ramada, e com grande agilidade, principalmente se se atender ao facto de estar algemado, saltou, de novo, sem se preocupar com o que lhe pudesse suceder, por um perigoso declive com mais de sete metros de altura.

Os agentes lançaram-se imediatamente em perseguição dele mas não mais o viram, pois ele escapou-se-lhes aproveitando-se do facto de conhecer bem o local e toda a região.

Soubese depois que esti-

vera em casa de umas tias, mas que fugira ao desconfiar que aquelas, ao dirigirem-se para um telefone para falar com a mãe dele, o iam denunciar. Soubese, igualmente, que, mais tarde, estivera numa metalurgia, cujo proprietário conhecia, para lhe pedir que lhe cortasse as algemas, e logo tornou a fugir reparando na hesitação daquele.

A partir daí nada mais se soube acerca do seu paradeiro, julgando-se que se tenha escondido na gum malharal. Entretanto, além da P. J., anda no encaixo a G. N. R. á qual foi dado o respectivo aviso.

HOMENAGEM

A UM PROFESSOR

VILA NOVA DE POIARES 19 — Um grupo de antigos alunos do seu professor Augusto Pinto Caldeira, dedica-lhe uma festa de homenagem, celebrando o facto de, há mais de trinta anos, exercer com muita proficiência e carinhoso interesse o magistério primário nesta vila.

A homenagem associam-se ás autoridades concelhias, para lhe vincarem o significado e estará presente, também, o director escolar do distrito de Colimbra.

A homenagem, que decorrerá em 12 de Outubro constará de missa de acção de graças, sessão solene nos Paços do Concelho e almoço de confraternização dos antigos alunos do professor Caldeira.

Já avultado o numero de inscrições que fecham no dia 2 daquele mês.

António Lopes Garcia
FALECEU

Sua família participa o seu falecimento e que o seu funeral se realiza amanhã ás 11 horas com missa de corpo presente na Igreja de S. Sebastião da Pedreira para o cemitério da Ajuda, agradecendo a todos que assistiram a este piedoso acto.

António Lopes Garcia
FALECEU

Electro Reclamo, Lda. vem participar com profunda tristeza aos seus clientes e amigos o falecimento do seu Encarregado-Geral que esteve ao seu serviço mais de 40 anos e que o seu funeral se realiza amanhã ás 11 horas com missa de corpo presente na Igreja de S. Sebastião da Pedreira para o cemitério da Ajuda, agradecendo desde já a todos que assistiram a este piedoso acto.

DR. CAMILO MARIA DE OLIVEIRA E SILVA

MISSA DO 30.º DIA E AGRADECIMENTO

Anne Marie Lysens de Oliveira e Silva e mais família participam que mandam celebrar missa pelo eterno descanso de seu marido e parente, na Igreja de Santo António da Sé ás 12.30 horas de amanhã. Agradecendo muito reconhecendo a todos que queiram assistir a este piedoso acto e bem assim aos que de qualquer modo manifestaram o seu pesar.

CALENDÁRIO DESPORTIVO

FUTEBOL DE SALÃO — Torneio infantil do Académico: Vanzeles F. C.-Nau Vitória, Ac. de Santo Ildefonso- Unidos a Fernão de Magalhães, Titãs da Sé-Unidos ao Monte Aventino. Jogos no Pavilhão do Lima a partir das 21 e 15.

— Torneio de seniores do F. C. da Maia: Piratas-Leões da Guarda, Confiança-Alvorada, Domense-Sonolux e Guilfães (B)-Lusitanos. Jogos a partir das 20 e 30, no pavilhão da Maia.

O prelado retribuiu cumprimentos

O bispo da diocese, D. António Ferreira Gomes esteve, esta manhã, na Camara Municipal, para agradecer ao presidente e ao vice-presidente a visita de cumprimentos que lhe fizeram, á dias, pelo seu regresso á diocese.

Ocorrências

Queixou-se na P. S. P. a sr.ª D. Aurora Pires, casada, Rua de Cedofeita, 515, contra dois indivíduos, acusando-os de se recusarem a entregar-lhe peças de mobiliário que lhes confiara, no valor de 10 000\$00.

DECOIMBRA

Comando da G. N. R.

Visitou o aquartelamento do Batalhão n.º 5 da G. N. R. o comandante-geral da corporação, sr. general Raul Pereira de Castro, a quem foram prestadas as honras de vidas.

Após os cumprimentos do comandante da unidade, sr. coronel João de Gouveia Pessanha, dos outros continentes de comando e restante oficialidade, houve demonstrada troca de impressões sobre problemas de interesse.

Depois o sr. general Pereira de Castro fez demorada visita ás dependências do quartel, interagando-se do seu funcionamento e das necessidades mais prementes.

No final na messe dos oficiais, houve um almoço íntimo, depois do qual aquele oficial general seguiu para o Norte.

O 46.º aniversário do Santa Clara F.C.

Têm decorrido entre grande entusiasmo e com muita alegria as comemorações, desportivas e recreativas do 46.º aniversário do Santa Clara Futebol Clube, a popular agremiação de aléu-rio.

No sábado haverá a «Bate da Direcção», que é aguardado com muito interesse, havendo já muitos pedidos de convites.

Sinalização de trânsito

No Largo do Arnado começaram já as obras, de construção civil, para a regularização do trânsito por meio de semáforos, a exemplo do que se faz, também, na Praça 8 de Maio.

As obras do Largo do Arnado são por conta da Direcção de Estradas do Distrito de Colimbra.

Colónia Balnear

Para um período de estadia da Colónia Balnear Infantil «Dr. Oliveira Salazar», seguiram para a Gala (Figueira da Foz) vinte e quatro crianças de ambos os sexos, filhas de componentes do Corpo de Bombeiros Municipais.

Visita de um navio

da Armada britânica

Chega depois de amanhã ao Tejo, em visita de rotina, o navio «Keppel» da Armada da Grã-Bretanha, do comando do capitão-tenente E. H. M. Orme e com uma guarnição de 10 oficiais e 137 sargentos e praças.

O referido navio que desloca 1456 toneladas e tem o comprimento de 94,5 m. estará em Lisboa até segunda-feira, havendo diversas cerimónias previstas durante a permanência entre nós.

ABRIU-SE A PORTA

E A CRIANÇA

CAIU À ESTRADA

ÉVORA, 19 — Uma criança de filhavo que viajava com os pais, numa camioneta de excursão, caiu á estrada por se ter aberto inesperadamente uma porta do veículo em movimento, próximo de Azaruja.

A criança, José Alberto Pinho Marques, de 8 anos, filho de Joaquim Alberto Pinho Marques e de Maria da Conceição Ferreira, residentes na Rua Serpa Pinto, em Évora, foi transportada para o hospital desta cidade onde ficou internada, em estado grave.

Cursos de patrões de Costa e de Alto Mar

Está aberta na Secção de Desportos Náuticos da Brigada Naval, Rua do Arsenal, letra I, s/l, das 13 ás 19, e aos sábados das 10 e 30 ás 13 horas, até ao dia 15 de Setembro, a inscrição para a frequência dos cursos de Patrões de Costa e Patrões de Alto Mar no ano lectivo de 1969/1970.

Bolsa de Lisboa

UNDOS DO ESTADO	Efec	Compr	Vende	Ultramarinas	Efec	Compr	Vende
Consolidad. 3 1/4%	—	—	525\$	Comantes Angola	1.942\$	1.940\$	1.945\$
Consolidad. 3%	—	—	540\$	M. E. Revut	605\$	—	615\$
Consolidad. 1 1/2%	640\$	—	—	Alto do Principe	—	850\$	1.000\$
Centros 4%	—	—	1.480\$	Mocambique	121\$	120\$	122\$
Extens. 1900	1.002\$	1.001\$	1.003\$	Yonete A	—	—	365\$
Extens. 1900	—	—	770\$	Yonete B	370\$	365\$	375\$
Extens. 1900	—	—	720\$	Yonete C	—	—	—
Extens. 1900	—	—	900\$	Yonete D	—	—	—
Extens. 1900	—	—	175\$	Yonete E	—	—	—
Extens. 1900	—	—	—	Yonete F	—	—	—
Extens. 1900	—	—	—	Yonete G	—	—	—
Extens. 1900	—	—	—	Yonete H	—	—	—
Extens. 1900	—	—	—	Yonete I	—	—	—
Extens. 1900	—	—	—	Yonete J	—	—	—
Extens. 1900	—	—	—	Yonete K	—	—	—
Extens. 1900	—	—	—	Yonete L	—	—	—
Extens. 1900	—	—	—	Yonete M	—	—	—
Extens. 1900	—	—	—	Yonete N	—	—	—
Extens. 1900	—	—	—	Yonete O	—	—	—
Extens. 1900	—	—	—	Yonete P	—	—	—
Extens. 1900	—	—	—	Yonete Q	—	—	—
Extens. 1900	—	—	—	Yonete R	—	—	—
Extens. 1900	—	—	—	Yonete S	—	—	—
Extens. 1900	—	—	—	Yonete T	—	—	—
Extens. 1900	—	—	—	Yonete U	—	—	—
Extens. 1900	—	—	—	Yonete V	—	—	—
Extens. 1900	—	—	—	Yonete W	—	—	—
Extens. 1900	—	—	—	Yonete X	—	—	—
Extens. 1900	—	—	—	Yonete Y	—	—	—
Extens. 1900	—	—	—	Yonete Z	—	—	—

AGUAS DO ESTADO	Efec	Compr	Vende	AGUAS DO ESTADO	Efec	Compr	Vende
Agua Lisboa 5%	—	—	490\$	Agua Lisboa 34	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 35	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 36	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 37	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 38	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 39	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 40	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 41	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 42	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 43	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 44	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 45	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 46	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 47	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 48	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 49	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 50	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 51	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 52	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 53	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 54	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 55	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 56	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 57	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 58	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 59	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 60	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 61	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 62	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 63	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 64	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 65	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 66	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 67	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 68	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 69	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 70	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 71	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 72	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 73	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 74	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 75	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 76	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 77	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 78	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 79	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 80	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 81	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 82	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 83	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 84	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 85	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 86	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 87	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 88	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 89	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 90	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 91	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 92	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 93	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 94	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 95	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 96	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 97	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 98	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 99	—	—	—
Agua Lisboa 1 1/2%	—	—	920\$	Agua Lisboa 100	—	—	—

	Efec	Compr	Vende
Alentejo	980\$	980\$	990\$
Angola	3.500\$	3.450\$	3.550\$
Burnay	—	—	—
Cría Predial	—	—	3.600
E. Santo	3.550\$	3.530\$	40.000\$
E. Santo n.	—	—	—
Fonseca S. p.	—	20.000\$	—
L. B. Açores p.	7.000\$	6.950\$	7.000\$
L. B. Açores n.	—	—	—
P. Antântico a.	6.550\$	6.520\$	6.600\$
Portugal n.	—	—	—
Portugal a.	—	—	4.000\$
Totta Aliança	6.330\$	6.250\$	6.300\$
Ultramarino n.	—	3.100\$	3.250\$
Ultramarino a.	3.280\$	3.270\$	3.290\$

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul:		
— Randa de 1 e 2 ...	34\$00	36\$50
— Randa de 5 a 20...	35\$00	37\$50
América:		
— Dollars de 1 e 2...	28\$ 5	28\$55
— Dollars de 5 a 1000	28\$35	28\$75
Canada — Dollar	26\$ 0	26\$60
Alemanha — Marco	7\$05	7\$30
Austria — Schilling	\$ 08	\$ 5
Brasil — Cruzeiro Novo	5\$50	1\$50
Espanha — Peseta.....	\$ 40	\$41,5
Holanda — Florim.....	1\$75	8500
Inglaterra — Libra	67\$00	69\$00
Itália — Lira	\$04,4	\$04,6
Marracos — Dirham ...	—	5\$20
Belga — Franco	\$ 49	\$ 53
Frango — Franco	4\$80	5\$30
Sulço — Franco	6\$55	6\$75
Dinamarca — Coroa	3\$70	4\$00
Noruega — Coroa	3\$90	4\$20
Suécia — Coroa	5\$40	5\$70

Seguros	Efec	Compr	Vende
Alentejo	—	76\$	—
Douro	—	—	—
Mundial	530\$	525\$	585\$
Sagres	—	1.450\$	1.750\$
Tranquilidade	—	45 000\$	—
Ultramarino	—	15.000\$	30 000\$

Ultramarinas	Efec	Compr	Vende
Acúcar de Angola	760\$	780\$	770\$
Ag. Cassequi	720\$	715\$	725\$
Ag. Incomati	—	1.900\$	2.000\$
Ag. Naves	—	350\$	400\$
Ag. s. Tomé e Príncipe	—	—	—
Boror	—	—	180\$
Buzi	81\$	80\$	83\$
Cabinda	222\$	221\$	225\$

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul:		
— Randa de 1 e 2 ...	34\$00	36\$50
— Randa de 5 a 20...	35\$00	37\$50
América:		
— Dollars de 1 e 2...	28\$ 5	28\$55
— Dollars de 5 a 1000	28\$35	28\$75
Canada — Dollar	26\$ 0	26\$60
Alemanha — Marco	7\$05	7\$30
Austria — Schilling	\$ 08	\$ 5
Brasil — Cruzeiro Novo	5\$50	1\$50
Espanha — Peseta.....	\$ 40	\$41,5
Holanda — Florim.....	1\$75	8500
Inglaterra — Libra	67\$00	69\$00
Itália — Lira	\$04,4	\$04,6
Marracos — Dirham ...	—	5\$20
Belga — Franco	\$ 49	\$ 53
Frango — Franco	4\$80	5\$30
Sulço — Franco	6\$55	6\$75
Dinamarca — Coroa	3\$70	4\$00
Noruega — Coroa	3\$90	4\$20
Suécia — Coroa	5\$40	5\$70

Ouro:	Compras	Vendas
Inglaterra — Libra Isabe	315\$00	330\$00
Inglaterra — 1/2 Libra	255\$00	275\$00
Ouro fino — Barra.....	38\$00	39\$50



HOJE PODE VER...

Expedição:

«O Grande Safari»

Pelas 19 e 50 é apresentada a rubrica «Expedição», com um filme intitulado «O grande safari», passado na África Central, que recorda uma caçada organizada com o fim de capturar animais de várias espécies, entre eles um elefante com 50 quilos de marfim nos dentes. «Expedição» tem locução de Raul Durão.



Hoje em Expedição: o grande Safari



Em «Noite de Ópera» o primeiro acto da ópera «D. Juan», de Mozart

Noite de Ópera : «D. Juan» de Mozart

«Noite de Ópera» ocupa todo o serão do programa nacional com a transmissão do primeiro acto da ópera «D. Juan», de W. A. Mozart.

Esta obra foi transmitida pela Rádio Televisão Francesa directamente para a Eurovisão durante o Festival Internacional de Aix-En-Provence.

Intérpretes — Roger Soyer — D. Giovanni; Donald Graham — Le Porello; Werner Krenn — D. Ottavio; Neil Howett — Masetto; Pierre Tchou — Il Commendatore; Teresa Stich Randall — Donna Anna; Elisabeth Harewood — Donna Elvira.

Orquestra de Paris dirigida por Georges Semkov. Coros de Elisabeth Brasseur.

Cenários e figurinos de A. M. Cassandre.

Realizador Jean Meyer.

Apresentação do dr. João de Freitas Branco.

Volta a Portugal em Bicicleta

Pelas 23 e 15, Amadeu

José de Freitas comenta os principais acontecimentos da etapa do dia acompanhando as imagens dos enviados especiais da R. T. P. à Volta a Portugal em Bicicleta.

SE BEM ME LEMBRO

Continuando a apresentação do seu programa, o professor dr. Vitorino Nemésio, pelas 20 e 40, falará aos seus espectadores na rubrica «Se bem me lembro».

Rádio

EMISSIONA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — As 16: Noticiário; 16 e 05: Canções por Edu Lobo; 16 e 15: Tradições, Costumes e Turismo dos Açores, pelo dr. Carneiro da Costa; 16 e 30: Roteiro Musical Português; 17: Noticiário; Ginástica da Pausa, pelo dr. Marques Pereira; Roteiro Musical Português; 18 e 10: As Grandes Figuras do Mundo Português, pelo dr. Caldeira Pais; 18 e 27: Melodias pela orquestra e coros de Roy Corniff; 18 e 40: Conjuntos instrumentais; 19: Cortas dos Espectáculos; 19 e 45: Rádio Rural — Música só musical; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Diário da Volta — Um solista... Uma orquestra; 20 e 40: 5.º Episódio do Folhetim «Amor Supremo»; 21: Jornal de actualidades; 21 e 30: O Trompetista Herb Alpert; 21 e 40: Tempo de Jazz, por Raul Calado; 22 e 10: Espectáculo, magazine de Teatro, Cinema e Bailado; 22 e 30: Fados, por Helena Tavares; 22 e 50: Melodias em clarinete por Henry Arland; 23 e 05: Transmissão do Estádio das Antas da Reportagem da 9.ª Etapa da Volta a Portugal em Bicicleta; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — As 16 e 32: Sonata em mi bemol, op. 18, para violino e piano (Ricardo Strauss); 17: Discos raros — Duas suítes para cravo, de Haendel interpretadas por Wanda Landowska; 17 e 30: Perspectivas da obra de Karol Szymanowski — por solistas, Coros da Filarmónica de Varsóvia e Orquestra da Filarmónica de Cracóvia, dirigida por Witold Rowicki; 18 e 30: Rádio Educativa (Audiotório Juvenil); 19: Horizonte Literário, por Amândio Cesar e Mário António; 19 e 15: Música de Câmara; 20: Diário sonoro; 20 e 20: O violinista Jacques Ghestem — Obras de Massenet e Ponce; 20 e 30: 1.º e 2.º Actos da ópera «D. Carlos» (Verdi), comentado por Maria Helena de Freitas; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

3.º Programa (MF 2) — 94,3 mc/s. — As 23: Música Portuguesa — Sinfonia «Jerónimos» (Frederico de Freitas) — Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional dirigida por Frederico de Freitas; 0 h.: Canções — pelo soprano Victória de Los Angeles Orquestra Sinfónica de Londres dirigida por Rafael Frubeck de Burgos; 0 e 15: Clilo «A Sonata» — Duas Sonatas de Beethoven, pelo pianista Wilhel Kempff; 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s. — As 19 e 10.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — As 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento teatral; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19: Noticiário; 19 e 15: No mundo acontecendo; 19 e 30: Rádio-jornal; Entre as 20 e as 21 — Hoje convidamos...; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 07: Musicalmente quase tudo; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Eles cantam para si; 21 e 03: Hora alemã; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 22 e 08: Música tradicional e poliestra religiosa; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 0 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4

mc/s. — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 17: Noticiário; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em Órbita; 20: Nota de abertura; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa G8-G8; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM-67 e Fecho.

Emissor de Miraamar — 383,6 m — 782 kc/s. — As 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robbiac; 19 e 35: Estúdio 64; 20 e 10: Norte da a dia; 21: Noticiário; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: S6-rádio; 21 e 30: Música para meditar; 21 e 45: Mundo rádio; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Jazz; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s. — As 16: Radiograma; 18: Música regional portuguesa; 18 e 20: Nota do dia — noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página um; 20 e 30:

Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Guitarras de Coimbra; 21 e 45: Ecos de Espanha; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s. — As 16: Radiograma; 18: O Quarto de hora infantil; 18 e 15: Noticiário regional e boletins de filmes e religiosos; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 25: Resumo do programa, publicações recebidas e boletim de filmes; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Mosca; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: Auditório; 23: A 23ª hora; 2: Fecho.

EMISSIONES ASSOCIADAS DE LISBOA — Onda média — 188 m 1594 kc/s — 94,4 mc/s. — Rádio Peninsular — Das 7 às 8 e 19 e 30 às 22; Clube Radiofónico de Portugal — Das 12 às 14 e 30 e 17 às 19 e 30; Rádio Voz de Lisboa — Das 8 às 10 e 14 e 30 às 17; Rádio Graça — Das 10 às 12 e 22 às 2.



I Programa — As 19 e 30: Telemag; 19 e 50: Expedição; 20 e 15: TV Social; 21: Telemag e Boletim Meteorológico; 21 e 35: Noite de ópera; 2.ª parte da ópera «D. Juan», de Mozart; 23: «O Grande Vale», com Barbara Stanwyck, Richard Long, Peter Breck, Lee Majors e Linda Evans; 23 e 55: Volta a Portugal em Bicicleta; 0 e 10: «A Marcha do Mundo»; e 0 e 25: Fecho.

II Programa — As 21: Telemag e Boletim Meteorológico; 21 e 30: Folhetim: «David Copperfield»; 21 e 55: «Se bem me lembro», pelo prof. Vitorino Nemésio; 22 e 10: «O Caso da Mata Hari»; 23 e 5: TV Clube, com Tony de Matos; 23 e 30: Fecho.



2.º PROGRAMA

«VIAGENS SEM PASSAPORTE» «CONCERTO PARA JOVENS» «CRÓNICA» e «A PEDRA»

Depois dos programas «Viagens sem Passaporte», «Concerto para Jovens» e «Crónica», é apresentada, em estreia, cerca das 23 e 5, um episódio filmado da série «Hollywood Star Playhouse», intitulado «A Pedra» («The Stones»), com Tony Curtis, John Baragrey, Rita Moreno, Pernell Roberts e Charles Aidman.

«David, um pastor poeta, vai visitar os seus irmãos, soldados do Rei Saul, na altura em que os dois exércitos se defrontam e Goliath desafia um israelita para decidir a contenda. Mas Saul perdeu a fé e a coragem...»

canal da crítica

É TRISTE, É TRISTE, O CARNAVAL, É TRISTE...

É preciso escrever sem o recurso às perifrases fraudulentas, é preciso gritar as palavras exactas: aquele final de ontem de «Zip-Zip» foi uma vergonha. Foi uma tristeza. Foi muito descer. Ao ver Raul Solnado com pulinhos de Cantinflas, a piscar o olho, a palhaçar diante de homens para quem a música era a sua procura da dignidade, tive a sensação de voltar aos ominosos tempos do Piruças. A Banda saiu para a rua apenas como um pretexto às palhaçadas dos sócios zipeiros e seus colaboradores, em especial Nuno Martins cujo hábil manejo da maçoneta no bombo denuncia, enfim, a sua autêntica vocação. A Banda saiu para a rua — e a rua merecia outra coisa, e a Banda merecia outra coisa. Envergonhei-me dos meus olhos fitos naqueles homens da província, momentos antes, olhos cheios de ternura como se estivesse a ouvir Poulenc, a recordar a velha e desafinada filarmónica da sua infância. Afinal, Solnado transformara a ternura em clownezice barata. A festa quase religiosa transformara-se em Carnaval bisnagueiro. É preciso dizer-se: foi uma vergonha. «Zip-Zip», não vais por bom caminho...

1 — Simone tem uma cor-de-vocal avariada. Fez acusações ao seu empresário, Marques Vidal: este obrigava-a a cantar, mesmo estando ela doente. Eis uma situação de

acusado agora de seu assassino vocal: donde se conclui não deverem as pessoas falar demasiado sobre bens futuros, de todos os mais incertos. Simone não pode cantar — e cantou. Como é isso?

Um mérito teve Simone: não gastou muito tempo em conversinha sem jeito. Infelizmente, o seu exemplo não seria seguido por todos. Residiu aí uma das fraquezas da emissão.

2 — Da presença do radiestesista sr. Almeida Cruz prometia aquela dose de insolito tão do gosto das anteriores emissões. Mas não houve o aproveitamento indispensável. Solnado serviu-se da situação para algumas pláticas bem tiradas. Tudo se perdeu. Pairou-se num ambiente de frustração, a ideia não resultara ao transferir-se para a realidade: não houve mãos para defendê-la. A própria realização teve aí o seu pior trabalho, pois tudo saiu confuso, empastado, sem discernimento.

3 — José Joaquim Letria, colaborador do nosso «Juvénil» possui na sua bagagem alguma qualidade literária. Como cançonetista, porém,

se nos ficarmos pela demonstração de ontem, já elogios não lhe são devidos. Não tem voz. Não canta. Não domina a sua viola. O seu melhor caminho, suponho, não será feito por aí. Alguma novidade poderá vir do entendimento da raiz folclórica. Ainda aí, porém, lhe faltam unhas. Além do mais, Nuno Martins enterrou-o com um questionário inconcebível. José Letria, nervoso e inexperiente, embarcou a fundo na conversa do rural e do urbano. E só a sua extrema ausência de contacto com as plateias o levou a pedir a colaboração de um publico visivelmente não comprometido com ele.

4 — A exposição de Bernardino Marques foi, teoricamente, um nabo. Um Tom prolixo, um Sebastião Rodrigues extremamente cauteloso, as imagens a jogar a cabra-cega com as palavras, e estas a inchar na boca de Tom; e todo o mundo a terminar a rubrica tal como principiara — ou seja, na total ignorância de Bernardino Marques...

5 — O único momento musical com interesse esteve na actuação do grupo coral da Universidade de Nancy, ao interpretar um vira do Mi. (Continua na página seguinte)

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

na. O engenho da nomenclatura podia ter chamado a atenção do apresentador. Mas não, não chamou a atenção de ninguém. Não houve ali ao menos quem se lembrasse de perguntar como nascera aquela vira no interesse de grupo coral tão valioso. Quer dizer: perdem-se as autênticas acasões de legítimo patriotismo. Adiante...

6 — Brás Medeiros, dirigente do Sporting, falou muito. Falou demasiado. Entregue a si próprio, a conversa reduziu-se a um monólogo. Monólogo monótono. Brás Medeiros acumulou pormenores sem interesse de nenhuma espécie, como aquela história da dissipação, das amantes e dos telefonemas misteriosos, entre outros. Foi uma entrevista mortalmente chata, e não apenas por culpa sua. Brás Medeiros ficou entregue a si próprio durante tempo demasiado e nós sabemos como sómente os grandes actores vencem esse escolho.

Um apontamento a sublinhar na presença de Brás Medeiros: haver reconhecido a sua culpa máxima na famigerada (e ridícula...) história do corte de relações com o Benfica. Brás Medei-

ros podia ficar-se por aqui — e teria seguido o melhor critério, com vantagem para todos, incluindo ele próprio. 7 — O estudante inglês não deixa história. Apagadamente veio, apagadamente foi. Veio porquê?

O mesmo não se pode dizer da presença de José Franco, popular modelador de barro, de Sobreira, Mafra. Já o conhecíamos através da sua participação na última rubrica de «Folclore», a cargo de Tomás Ribas. Sonado foi buscá-lo para o obrigar a repetir praticamente as mesmas palavras. José Franco tem reportório muito variado.

Das suas palavras, porém, alguma coisa ficou. Como aquelas dirigidas ao presidente da Câmara de Mafra, a propósito de este o haver isentado de taxas e de impostos para lhe facilitar o trabalho Santo nome, eis o exemplo de um presidente da Câmara com inteligência e visão larga das coisas! Quem lhe segue o exemplo?

8 — O fim. Já sabemos como foi. De como tão boa promessa se transformou em veneno. De naufrágio, salvou-se o regente da banda,

er. Celestino Osório. Foi ele a única pessoa viva.

Esquecer. Deixem-me esquecer aquela senhora trocista e gozosa, a rir enquanto segurava a pauta de música do filarmónico, em oposição à atitude comovida de Filipe de Brito, orgulhoso daquela gente, gente sua, gente do mesmo ofício.

Deixem-me esquecer tudo quanto já sabem do início desta crónica. Deixem-me acreditar ainda no «Zip-Zip», «Zip-Zip» não palhaço gratuito, não grosseiro, não insensível, não capaz de extravasar para a cidade o seu carnaval sem alma.

IMAGENS DA POESIA EUROPEIA

É preciso chamar a atenção do público para a rubrica «Imagens de Poesia Europeia» de David Mourão-Ferreira. O público precisa de conhecê-lo. precisa de estar presente aí onde se joga um dos mais sérios desafios à capacidade dele para aceder ao entendimento da poesia.

David Mourão-Ferreira fez um notável esforço para ir ao encontro do povo. Do povo, notem bem, e não do público. A sua presença tornou-se mais viva mais próxima mais familiar como heide dizer... menos cate-drática. Baniu quase por completo a sebadia invisível, embora tenha tudo escrito dentro da cabeça, e aí reside ainda a aresta a limar. Existe ainda uma expressão literária, impenetrável de maior adesão dos telespectadores.

Eu quase lhe pedia um voto de confiança nos telespectadores e um gesto de desprezo por tudo o mais. Eu quase lhe pedia um jeito de falar aos telespectadores como quem fala às crianças. Por enquanto, tem de ser assim. Ou ninguém aproveitará da sua voz quando nela há de bom, de perdurável.

MÁRIO CASTRIM

FEIRA-EXPOSIÇÃO DE S. MATEUS EM CANTANHEDE

CANTANHEDE, 19 — Com a presença de autoridades distritais e concelhias, será inaugurada, no dia 31, a V Exposição e Feira de São Mateus, que se tornou no cartaz festivo e berrante desta região.

Além de diversos pavilhões de expositores, haverá o Pavilhão Oficial da Agricultura, que será excelente documentário desta região agrícola.



AMARO LOBATO

MISSA DO 7.º DIA

Maria de Jesus Lobato, 81 anos e mais família, partilham que se realiza missa, amanhã, pelas 20 horas, na Igreja dos Jerónimos, pelo eterno descanso da sua alma. Agradecem a todos que se dignarem assistir a este piedoso acto.

ora diga-nos...

— Gosta de tirar fotografias?

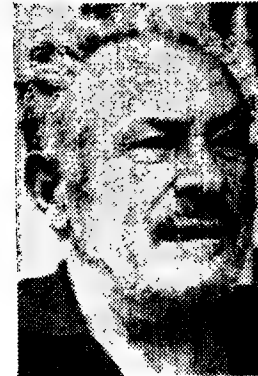
Quem não gosta de recordar os bons momentos, através da fotografia? Muitas são as pessoas que colecionam as fotos em álbuns, que servem de entretenimento nas longas noites de Inverno, nos momentos em que a TV transmite anúncios...

• O jovem Manuel Fernandes da Freitas, empregado no comércio, respondeu-nos:

— Gosto e já tenho tirado fotos diversas vezes, com máquinas emprestadas por amigos, pois ainda não comprei nenhuma, embora o tenciono fazer em breve. As fotos constituem recordações com interesse, e fotografar é engraçado!



• O sr. Carlos Príncipe, pintor da construção



civil, disse-nos:

— Presentemente, não tenho máquina, pois roubaram-me a que eu tinha. Quando calhava tirava umas quantas fotografias e gostava de o fazer. Fotografar é contudo, convém reconhecer, um passatempo um tanto caro.

• O nosso último interrogado foi o sr. José da Silva Gonçalves, electricista.

— Tenho máquina e gosto de tirar fotografias. Para que as fotos me recordem, mais tarde, momentos agradáveis bem passados, costumo levar a máquina quando vou passear, seja à praia ou ao campo, e também a utilizo durante as férias, claro. Pena é que a fotografia seja um passatempo um pouco dispendioso, o que me leva muitas vezes a ter de poupar pecúnia.



FESTIVAL DE SINTRA

(Continuação da pág. anterior)

estraneza acrescentar que os Quadros de uma Exposição de Muesorgsky, se tenham ressentido de idênticas pechas e, portanto, a obra houvesse ficado tolhida em matéria de combian-tes.

É possível que, dada a juventude do pianista ucraniano (do qual, segundo informa-

o programa, anda pelos 27 anos), alguns dos defeitos apontados venham a atenuar-se e Eresko atinja um certo afinamento no plano do estilo e mesmo da emoção. Oxalá! Até seria de lamentar que os negáveis recursos de Eresko não aугurassem mais do que um pianista de «bravura»...

NUNO BARREIROS

FERGUSON

A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

LOTES DESDE 45 C. VENDEM-SE. SESIMBRA

Em pinhal a 4 km da praia, com licenças de construção. A 100 metros da estrada principal. Informação: tel. 229513, Curado Ribeiro, Venda Nova, Cotovia, Sesimbra.



TORM LINES

PARA:

NEW YORK, PHILADELPHIA, BALTIMORE, NORFOLK, CHARLESTON E SAVANNAH

n/m. «Alice Torma em 25/26 do crto.

OS AGENTES GERAIS:



SOCIEDADE COMERCIAL OREY & CIA LDA. PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, N.º 4—TEL. 822271/322285/311897 LISBOA 3—PORTUGAL

AGENTE—PORTO

SOCIEDADE COMERCIAL OREY & BARROS LEITE, LDA

GINCANA

DO ESTORIL-PRAIA

Está marcada para o dia 7 de Setembro a 3.ª Gincana de Perícia Automóvel promovida pelo Clube Desportivo Estoril-Praia e que se realiza no Campo da Amoreira. As inscrições podem ser feitas até às 9 e 30 do próprio dia da prova.

5 horas no Tejo

Comunica-nos a C. P. que os passeios no Tejo realizados aos domingos, por iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa, terminam no fim de Agosto, efectuando-se o último passeio no domingo dia 31.

EXCURSÃO DA C. P.

DOMINGO 24 DE AGOSTO

Comunica-nos a C. P. de que realiza no próximo dia 24, em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, uma excursão de Lisboa a Aveiro, Barra, Costa Nova, Angeja, Estarreja, Praia da Torreira, São Jacinto, Granja, Furdouro, Ovar e Espinho, incluindo a viagem e o pequeno almoço no comboio automotor FIAT (1.ª classe e ar condicionado) e circuito turístico em autocarro.

Preço da excursão completa 315\$00

Só transporte em caminho-de-ferro (ida e volta) com o serviço de pequeno almoço incluído no preço:

— De Lisboa (Santa Apolónia) a ...	Cóimbra-B ...	136\$50
	Curia ...	150\$50
	Aveiro ...	167\$50
	Espinho ...	192\$50

Bilhetes à venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), nas Agências de Viagens autorizadas, na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, 124) e nos Despachos Centrais do Caminho-de-Ferro, em Lisboa, onde são distribuídos folhetos descritivos.

SENHORES CAPITALISTAS

DESEJAM COLOCAR O VOSSO CAPITAL NAS MELHORES CONDIÇÕES

A NORTENHA é uma organização devidamente autorizada pelo Decreto-Lei n.º 48.747, colocando dinheiro com TODA A SEGURANÇA, SIGILO E RAPIDEZ sobre hipotecas de propriedades a juro compensador permitido por Lei.

Prestamos toda a assistência até reembolso total do capital emprestado, nada cobrando de comissão aos srs. Capitalistas, tratando também de toda a documentação, registos, etc.

EMPRESA PREDIAL NORTENHA

MEDIADOR OFICIAL

LISBOA

PORTO

COIMBRA

P. da Alegria, 38-2.º
Telef. 3 33 06

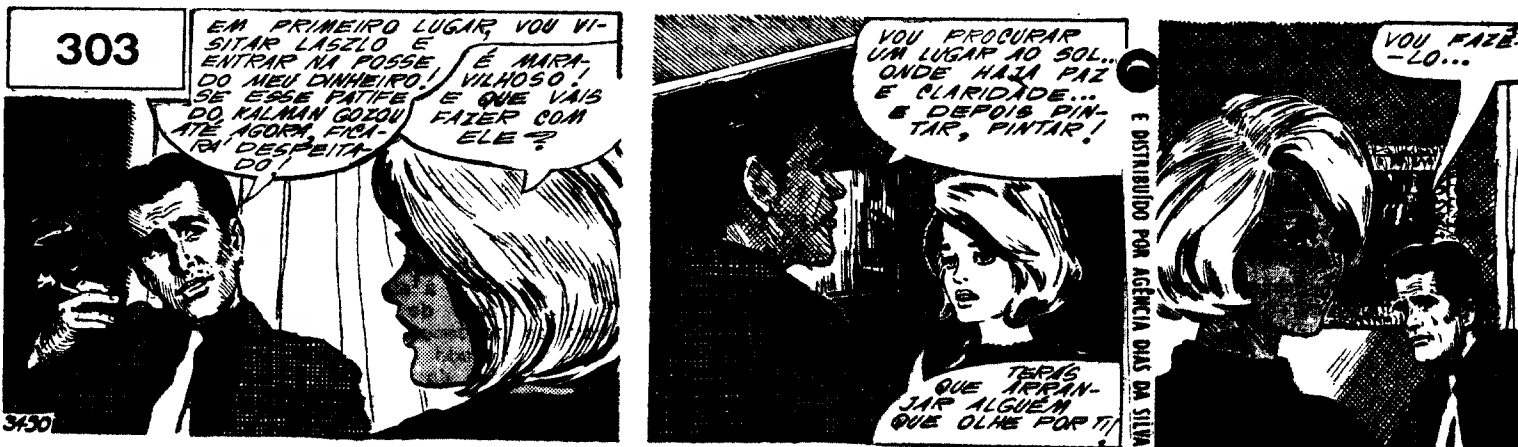
P. D. João I, 25-1.º
Telef. 2 00 95

Av. Fernão de Magalhães, 208-2.º
Telef. 2 90 45

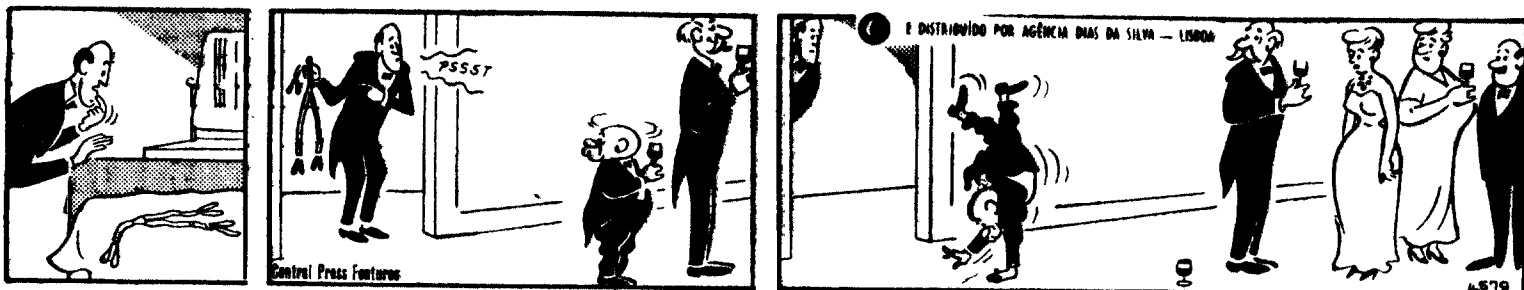
Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 19 de Agosto de 1939 publicava:

BURGOS, 19 — O generalissimo Franco ordenou que o general Varela, ministro do Exército, tome as disposições necessárias para que o cadáver de Sanjurjo, sepultado no cemitério do Enteroil, perto de Lisboa, seja trasladado para Navarra, sua terra natal, e que nos restos mortais do glorioso general espanhol sejam prestadas as máximas honras militares.

AUTOMÓVEIS
S/ CONDUTOR

AUTO ESTRELA

Os melhores preços

Av. João Crisóstomo, 65-A
Telef. 534331 561394
LISBOA

SEGUNDO CARTÓRIO
NOTARIAL DE LISBOA
A CARGO DO NOTÁRIO
LICENCIADO ANTÓNIO
LOPES FERNANDES
COSTA

CERTIFICADO, para efeitos de publicação, que por escritura de ontem, lavrada de folhas quarenta e duas a folhas quarenta e três verso do livro numero 11-QUARENTA E DOIS de escrituras diversas deste cartório, Manuel Januário dos Santos, saiu da sociedade «SANTOS & ROCHA, LIMITADA», com sede em Lisboa e autorizou o uso da mesma firma.

VAI CONFORME.

Lisboa, sete de Agosto de mil novecentos e sessenta e nove.

Palavras cruzadas

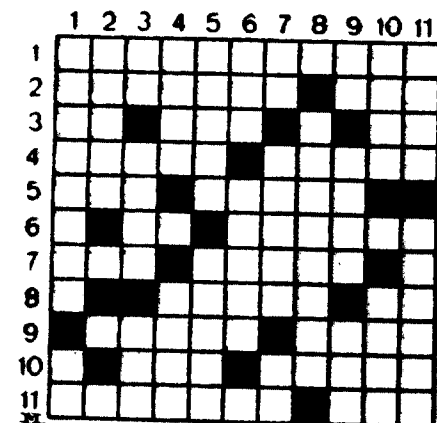
(com PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 5272

HORIZONTAIS: 1—Exactos. 2—Ligora-se. Acolá 3—Símbolo químico do cobalto. Fútil. Artiga (pl.) 4—Limpar metais. Evidente. 5—Sofrimento. Angólia. 6—Nesse lugar. Através-se. 7—Dificuldades. Referidos. 8—Conduzir. Campeão. 9—Crença política. Deus dos ventos. 10—Partido. Sobram. 11—Adicionasse. Escudeiro.

VERTICAIS: 1—Sistema de empedramento de estradas, por meio de granito e saibro. Artiga (pl.) 2—Idolatra. 3—A. N. Épocas. Viscera. 4—Relva. Risonha. 5—Soltura mas. Prolongamentos articulados que terminam as mãos e os pés. 6—Cincho. Recém-casado. 7—Bastel. Cidade ao Norte de Marracos, perto no Mediterrâneo, que já pertenceu a Portugal. Esperança. 8—Aplanarei. 9—Entre nós. Ligeireza. Escavada. 10—Aroma. Igai. 11—Imposto de transmissão. Indício.

Resolva completamente este problema? Pressa agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5272

HORIZONTAIS: 1—Acarelados. 2—BARRIGA. Ano. 3—Rs. Ara. Um. 4—Atará. VAZIA. 5—Seu. Sairá. 6—Alto. Letras. 7—NÃO. Dia. 8—Rogar. Sr. 9—Escoar. Igai. 10—Rédito. Fi. 11—Seroal. TEM.

VERTICAIS: 1—Abrasantes. 2—Castelã. 3—Ar. Auto. Grã. 4—Irar. Roer. 5—Rirás. Dado. 6—Ego. ALEGRIA. 7—Lá. Viela. Ti. 8—Martíria. 9—Dá. Zara. 10—Anui. Safe. 11—Soma. Serrim.

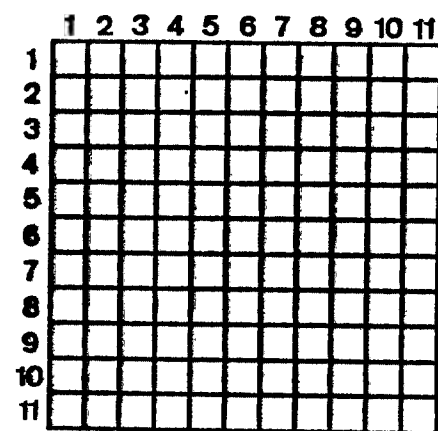
(Provérbio: BARRIGA VAZIA NÃO TEM ALEGRIA).

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9115

HORIZONTAIS: 1—Planta da família dos al-gos. Rio do Egipto. 2—Larva das feridas dos animais. Patas. Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica. 3—Lago. Pesquisador. Proposição latina que designa movimento. 4—Mamices. 5—Talvez. Guarnecido de asas. 6—O mais. Nota musical. 7—Nome de fruta. Valor. 8—Determinar. 9—Pronome reflexo. Recinto circular e coberto onde se dão espectáculos equestres e acrobáticos. Apellido. 10—Imã da mãe. Ovario dos peixes. Pagido (abrev.). 11—Interjeição que serve para fazer recuar os bois. Carne de porco ensacada em tripa de intestino grosso.

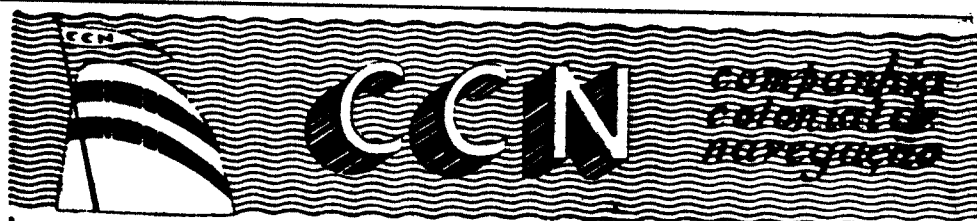
VERTICAIS: 1—Distrito da provincia de Angola. Catálogo. 2—Ergua. Tomba. Aqui está. 3—Rulm. Quente. Atoma (abrev.). 4—Cabelos brancos. Herolmo francês que foi quemadado vivo. 5—Estaciona. Aversão. 6—Distrito da provincia de Moçambique. Raiva. 7—Diabo. Nôdega. 8—Freguesia do concelho de Penafiel. Regusa. 9—Segundo. Freguesia do concelho de Loulé. Deus dos pastores. 10—Mentira. Sequiam. Vai para fora. 11—Águas que se agitam. Oráculo.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9115

HORIZONTAIS: 1—Am. Ocelo. UI. 2—Parco. Urano. 3—Acuam. Costa. 4—Aa. Ame. Ao. 5—Rodaram. 6—As. Carne. Cu. 7—Paris. Aro-la. 8—Lio. Oia. 9—Ido. Per. Srs. 10—Vá. Caril. Aj. 11—Ardor. Fedor.

VERTICAIS: 1—Apa. Gap. Ivã. 2—Maçã. Saldor. 3—Ruan. Rio. 4—Oca. Oco. Co. 5—Comedias. Par. 6—Mar. Ser. 7—Lucerna. Rif. 8—Oro. Aero. Lã. 9—Asam. Ois. 10—Unto. Claro. 11—Loa. Tua. Sir.



PARTIDAS

DESTINOS

LINHA DE AFRICA

«BENGUELA»
a sair em 28 de Agosto

Com escala por LEIXÕES para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 19 a 25 de Agosto.

«UIGE»
a sair em 8 de Setembro às 16 horas

Com escala prévia por LEIXÕES, para: LAS PALMAS, S. TOMÉ, CABINDA, LUANDA, LOBITO e MOÇAMÉDES. Carrega de 29 de Agosto a 2 de Setembro.

«INFANTE D. HENRIQUE»
a sair em 12 de Setembro às 12 horas

Com escala por FUNCHAL, para: LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA. Carrega de 3 a 7 de Setembro.

«PÁTRIA»
a sair em 15 de Setembro às 12 horas

Com escala prévia por LEIXÕES, para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA. Carrega de 6 a 9 de Setembro.

«LOBITO»
a sair em 20 de Setembro

Com escala por LEIXÕES, para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 13 a 17 de Setembro.

«VERA CRUZ»
a sair em 23 de Setembro às 16 horas

Com escala por LAS PALMAS, para: LUANDA e LOBITO. Carrega de 15 a 20 de Setembro.

«LUGELA»
a sair em 27 de Setembro

Com escala por LEIXÕES, para: PRÍNCIPE, S. TOMÉ, LUANDA, PORTO AMBOEM, LOBITO, MOÇAMÉDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário). Carrega de 20 a 24 de Setembro.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA»
a sair em 12 de Setembro às 18 horas

Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: FENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU e PORT EVERGLADES (MIA-MI). Carrega em 11 de Setembro.

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telef. 369621/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Tel. 23342

Volta a Portugal em bicicleta

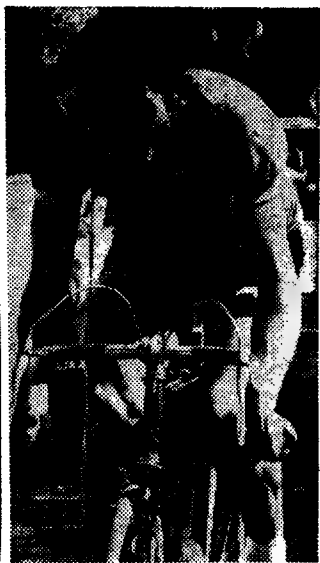
BRUSCAMENTE, EM TRÁS-OS-MONTES... GREVE DE PERNAS CAÍDAS

VILA REAL, 19 — Estávamos todos à espera que a Volta se tornasse emocionante — e a emoção aí está. Não da forma costumada, de grande luta dos ciclistas, uns contra os outros, mas, sim, de todos eles contra outros. O que se passou ontem, na etapa que devia ser entre Bragança e Vila Real, mas que foi suspensa aos 76 quilómetros e anulada pelo manifesto desinteresse dos corredores, provocou grande celeuma por estas terras transmontanas e deu, certamente, muito que falar em

todo o País. Que se viu? Pois, viu-se que os ciclistas decidiram, como manifestação de protesto, passear lentamente, conversando, rindo, chalaceando, puxando até a sua fumaça. Quando a etapa foi suspensa, eles continuaram, alegremente, todos juntos, e a média-horária era então de 25 km e picos. Tinha vindo a crescer a irritação do público que os aguardava na estrada e o pior seria no resto do trajecto, quando milhares de pessoas souberam que, afinal, a Volta já não passava ali.

ma espécie de representação, que não são ouvidas nem achadas acerca dos problemas que lhes dizem respeito — encontraram para lavar o seu protesto. Foi, assim, uma espécie de greve de braços caídos, aliás, de pernas caídas. Greve não no sentido de presença física, mas de uma negativa de interesse pela competição.

Cada um de nós, portanto, terá que julgar a atitude dos 55 corredores de harmonia com as concepções que tivermos formado relativamente a atitudes de protesto. É naturalíssimo que as opiniões se dividam, simplesmente que cada um seja coerente com os próprios conceitos e que não se analise este problema apenas em termos de Benfca, Sporting, Porto, etc. O caso nem sequer é de cami-

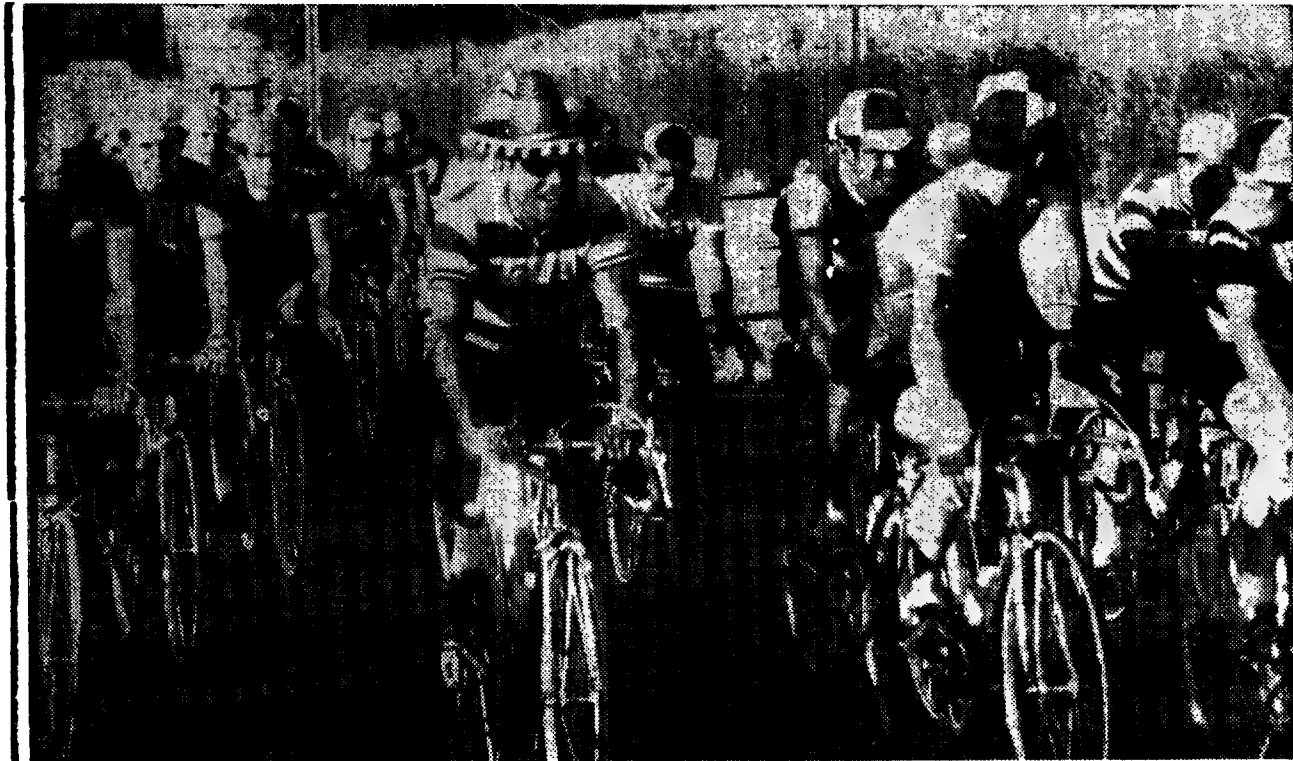


Pedro Moreira

PEDRO MOREIRA:
«já gastei 900\$00 sem ganhar nada»

VILA REAL, 19 — Esta manhã, à partida para o Porto, ouvimos Pedro Moreira que nos disse:
— Nesta Volta já fui rei cinco «boyaux». Cada um custa 180\$00. Logo, gastei 900\$00. E não receber um tostão em troca.
Montou na bicicleta e partiu para a etapa.

(Continua na página seguinte)



Nas «praias»... Em marcha muito lenta, o pelotão passeia pelas estradas de Trás-os-Montes. De chapéu mexicano e óculos escuros a vedar Joaquim Agostinho.

Daí para a frente ficou tudo a ferro e fogo no mundozinho da Volta. Os dirigentes da Federação e dos clubes (pelo menos na sua maioria) não concordam a sua indignação com a atitude dos corredores. E milhares de pessoas, que têm a sua expectativa frustrada, dividem-se, ou acumu-

lam, na zanga contra os que armaram todo este pé-de-vento e contra os dirigentes por suspenderem a corrida. Quem tem razão?

Creio que situar o proble-

que não pode deixar de ser regulamentada, esclarecida nos seus direitos e deveres em termos do século vinte.

Agora, o que fez entornar o caldo foi a pouquidão dos

se passou «lá fora». Mas, aqui estamos: não é justo exigir pelo nível internacional e pagar pelo figurino interno. Além do mais, a Volta, este ano, é muito mais dura — para usar a própria expressão de alguns dirigentes. Mas este acréscimo de dureza não foi acompanhado por uma melhoria de compensações para os chamados profissionais a quem é dada a tarefa.

Teriam os ciclistas o direito de fazer o que fizeram? Relativamente à prova desportiva e ao espectáculo popular que é a Volta foi uma coisa lamentável. Mas terá sido a única forma que eles — profissionais sem nenhu-

O comunicado numero seis da 32.ª Volta a Portugal, em bicicleta, é o documento oficial de um caso bastante falado:

«Apreciados, calmamente, os acontecimentos verificados na etapa Bragança-Vila Real, durante a qual os ciclistas manifestaram total desinteresse pela competição, desprestigiando a modalidade e os seus próprios nomes, uma demonstração total de falta de respeito pelos seus clubes, dirigentes, órgãos de informação e público em geral; esgotadas que foram, por parte do júri, todas as tentativas para evitar que se anulasse a etapa e dado que a sua quilometragem não permitia aquela hora, transformá-la em contra-relógio, foi deliberado:

— conceder um voto de louvor aos directores desportivos, em especial ao do F. C. Porto, sr. Venceslau

Teixeira, pelas diligências feitas para que a etapa decorresse normalmente, e ainda por se terem solidarizado com o júri da Volta;

— lavar um voto de censura a todos os ciclistas que alinharam nessa etapa, pelos motivos atrás apontados e ainda pela falta de correcção desportiva demonstrada;

— dar conhecimento do sucedido à Federação Portuguesa de Ciclismo, ao Ex.º sr. director-geral dos Desportos e a sua excelência o ministro da Educação Nacional;

— multar em 500\$00 todos os ciclistas que tomaram parte nesta etapa, por estarem incursos no n.º 27 da tabela de penalidades;

— apresentar sinceras desculpas ao público que, ao longo das estradas e em Vila Real, aguardava os ciclistas, assim como à comissão local e ao sr. presidente da Câmara;

— dar conhecimento que a etapa de amanhã, Vila Real-Porto, não sofreu qualquer alteração, pelo que se mantém o que consta no livro oficial.»

A etapa de amanhã

Extensa tirada têm os estradistas de percorrer amanhã. A 10.ª etapa estabelece a ligação entre o Porto e Vila Real, na distância de 214 quilómetros em terrenos não fáceis, antes pelo contrário.

Com efeito a estrada por onde se desenrolará a tirada é consideravelmente sinuosa e estreita tornando pouco favorável a hipótese de uma corrida rápida e de média elevada.

Além disso os estradistas terão a vencer em certas fases do percurso, terrenos acidentados com acentuadas subidas particularmente quando a caravana rolar pelas imediações da Régua, no sudoeste da província de Trás-os-Montes para penetrar na montanhosa Beira Alta.

É convém não esquecer para se fazer uma antevista da etapa a extensão desta: mais de duas centenas de quilómetros podem ser um convite à economia de esforço, até porque a corrida de amanhã desenvolve-se pela tarde e portanto em plena hora de calor.

REPORTAGEM DE
MÁRIO ZAMBUJAL

Enviado especial do
«DIÁRIO DE LISBOA»

ma entre Bragança e Vila Real é dar-lhe uma dimensão demasiado estreita. Não se falou não, a atitude dos corredores, mas será indispensável colocar a interrogação: porque resolveram eles dar tal machadada na Volta? E aqui temos que ir às origens desta coisa chamada ciclismo profissional.

Ciclismo profissional foi uma coisa que se inventou no nosso País com a mesma ligeireza com que se cola um rótulo. Chamava-se «independentes», passa a chamar-se profissionais — e já está. Mas profissão não é uma palavra. É uma situação na vida. Profissão é uma coisa

prémios e a vastidão das exigências de médias mínimas para os alcançar. A primeira seria talvez forçosa, atendendo à magra bolsa federativa e à mingua de auxílios, sabendo-se embora que a Volta representa um dia de festa em cada localidade em que passa. Na segunda, creio bem que houve os seus exageros, um alheamento das possibilidades dos nossos ciclistas, quando se marcaram mínimos de 36 a hora, para duas etapas num dia, uma de 100 e outra de 141 quilómetros. Era este o caso de ontem.

Afigura-se-me que quem determinou tais mínimos se deixou influenciar pelo que



Hubert Niel e João Pinhal: os dois vencedores da etapa de Bragança após cortarem a meta.

AGRADECIMENTO À «CASAL»

Devemos uma palavra de muito agradecimento aos magníficos estafetas da «Casal», que estão a prestar inestimável ajuda aos homens da informação. Esta noite percorreram largas centenas de quilómetros para que fosse possível, aos jornais de Lisboa, ser endereçado este serviço da «Volta». O nosso melhor aplauso, portanto.

VOLTA DO CORREIO

RENÚNCIA À CORRIDA: O INSÓLITO ACONTECEU

(Continuação da pág. anterior)

solas: eles estavam todos do mesmo lado.

Fez mal, a Federação, em suspender a corrida? Penso que não. Trata-se, por objectivo e por definição, de uma federação desportiva e, ontem, entre Bragança e Vila Real, deixou de haver qualquer ligação com desporto e com competição. Os corredores não quiseram disputar a etapa — pois acabou-se com a etapa.

Acendeu-se, é certo, a ira popular, não faltando as vaias e as ameaças dirigidas a quantos seguíam nos automóveis que acompanham a prova, desde o local da suspensão até Vila Real (o Fernando Avila, do «Diário Popular», veterano, que faz a sua 28ª Volta, perguntava-me, no fim, com enorme ar de espanto: «V. é capaz de me dizer porque também chamaram nomes à gente?»).

Pois, deu-se isso, deu-se o caso de alguns dos automóveis da organização terem sido apedrejados e deu-se até esta coisa muito mais grave: a agressão ao fotógrafo do nosso prezado colega «O Século», Francisco Ferreira, cometida por um bando de desvairados. Ele que anda na Volta só para tirar fotografias.

Cabe, no entanto, a pergunta: que teria acontecido se a corrida não fosse sus-

penha e os corredores continuassem a pedalar, a 25 à hora, todos juntos, para chegar à meta cerca das dez da noite? Talvez que a exasperação popular (acentue-se que não terá sido a maioria que perdeu a serenidade e a compostura) se virasse contra os ciclistas, bem mais expostos às vaias e até à agressão. Poderia ter sido pior.

O público... enfim, o público tinha também as suas razões para essa zanga instintiva, mesmo que não tivesse pago bilhete, mesmo que não tivesse comprado direitos. Para si próprios e, pelo menos, nessa reacção emocional de início, as pessoas, quase todas as pessoas, que esperavam emoção, nas beiradas das estradas, sentiam-se traídas, defraudadas pela falta de um espectáculo, gratuito sim, mas que lhes fora prometido e era, portanto, como um direito que se adquirira. E eu também não posso deixar de compreender o seu desgosto, inconformismo, que cada um expressa de modo adequado à educação que recebeu.

Uma palavra mais — e de censura — para os ciclistas: se queriam tomar a atitude que tomaram, eram dispensáveis os exaustos, o ar de paródia, o cigarinho, tudo que pudesse ser interpretado como desafio e troca não só para com os seus protestos mas também para com as pessoas que os aguardavam,

generosas nos aplausos. Sabem-se que não era essa a intenção, sabe-se também que essa generosidade também não alimenta, mas isso também criou muita indignação ao longo das estradas do Nordeste.

OS CORREDORES EM PROVA

SANGALHOS

- 1 — Joaquim Andrade
- 2 — Celestino Oliveira
- 3 — Herculano Oliveira
- 4 — Norberto Duarte
- 5 — Lino Santos
- 6 — Manuel Lote
- 7 — João Fonseca

BENFICA

- 11 — Fernando Mendes
- 12 — Pedro Moreira
- 13 — Manuel Costa
- 14 — Américo Silva
- 15 — Manuel Luís
- 16 — Daniel Vitorino
- 17 — Valdemiro Cardoso
- 18 — Augusto Fortes
- 19 — Eduardo Santos
- 20 — João Pinhal
- 21 — Pedro Rodrigues
- 22 — Fernando Vieira

SPORTING

- 31 — Paulino Domingos
- 32 — Emiliano Dionísio
- 33 — Firmino Bernardino
- 34 — João Roque
- 35 — Joaquim Agostinho
- 36 — José Vieira
- 37 — Leone Miranda
- 38 — Norberto Tróteu
- 39 — Sérgio Pascoa
- 40 — Vítor Tenazinha
- 41 — Vítor Rocha

AMBAR

- 51 — Manuel Castro
- 53 — Joaquim Coelho
- 54 — Joaquim Freitas
- 55 — Sousa Vieira
- 56 — Wilson Sá
- 58 — Henrique Silva

TAVIRA

- 61 — António Graça

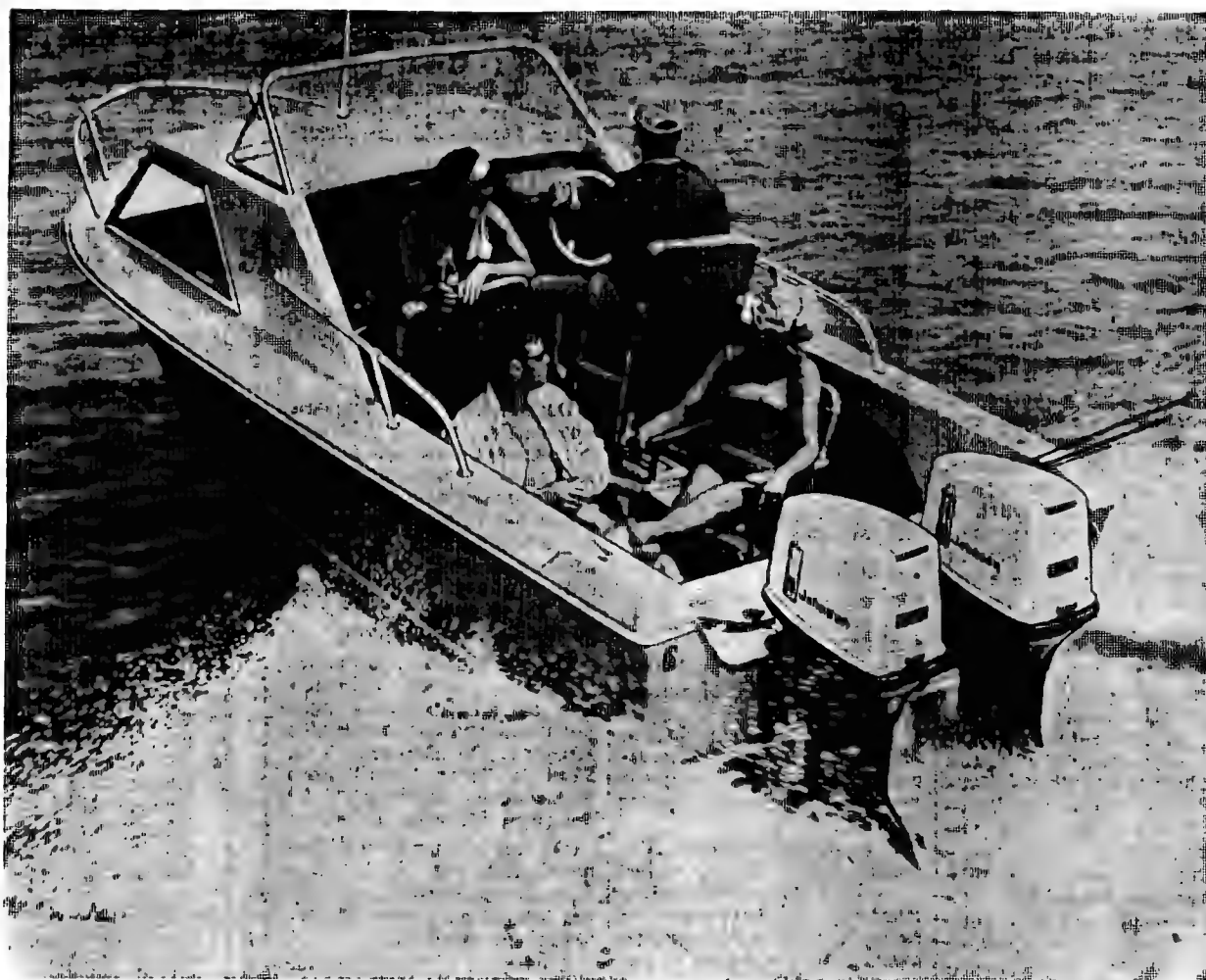
- 62 — António Teixeira
- 63 — Fernando Martins
- 66 — José Diogo
- 67 — José Veras
- 68 — Manuel Mestre
- 69 — Marcelino Santos

F. C. PORTO

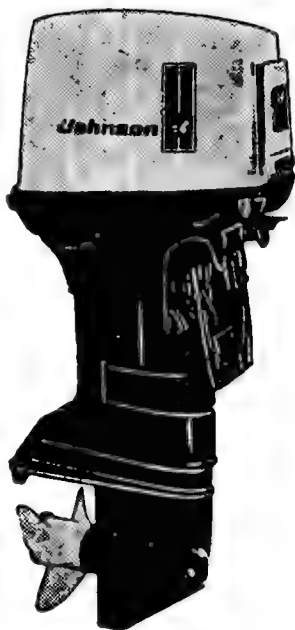
- 71 — Huberto
- 72 — Marco Silva
- 73 — Cosme Oliveira
- 74 — Joaquim Leão
- 75 — José Azevedo
- 76 — Luís Parneco
- 77 — Joaquim Este
- 78 — Manuel Sousa

COELIMA

- 82 — António Pereira
- 84 — António Salazar
- 86 — António Rodrigues
- 88 — Joaquim Moreira
- 89 — José Pereira



O primeiro motor de popa de 3 cilindros e 55 CV. Incomparável rendimento em cruzeiro... Não esqueça: divirta-se com Johnson!



...eis o primeiro motor revolucionário Johnson de 55 cv com 3 cilindros.

... as experiências confirmam uma maior economia de combustível do que qualquer outro motor de popa de 55 CV. Características exclusivas: 1) Saída de gases pelo cubo do hélice... torna o escape ainda mais silencioso. 2) Novo desenho da câmara de combustão, para limpeza dos gases de escape... deslocação mais suave a qualquer velocidade. 3) Ignição electrónica «Power/Pulse»... arranque rápido e funcionamento sem preocupações, anos e anos. 4) Sistema revolucionário de mudança de marcha hidráulico com dispositivo de segurança automático. Mas a melhor prova estará no seu ensaio. Experimente este JOHNSON. Veja todos os modelos JOHNSON: desde 1,5 CV até 115 CV. Todos com a garantia de 2 anos, quando utilizados em embarcações de recreio. Todos apoiados pelo Serviço de Assistência após venda.

Johnson
O símbolo de confiança

Dirija-se ao Distribuidor Exclusivo
NÁUTICA, BELLO & FILHO, S.A.R.L.
Travessa da Praça, 4 (Beldém) Lisboa
Tels. 636154-637870 ou ao Agente local

na VOLTA do correio

Encarnação Viegas —
Meu caro:

O teu amigo Santos Fernandes, director da Coelima, recebeu o recado que por meu intermédio lhe mandaste. Falei com ele ainda em Bragança, antes da efervescência em que entrou a Volta e, como compreenderás, o assunto está um pouco ultrapassado. Ele não esperava, realmente, que logo no início da Volta a sua moça equipa ficasse reduzida a metade. Mas contou-me um episódio delicioso, que bem ilustra o que há, por vezes, de dedicação, sacrifício e de companheirismo entre os rapazes humildes a quem o nosso Adelino Tavares da Silva chamou de «bastardos da estrada». Sabes como foram eliminados dois dos melhores corredores do Grupo Desportivo da Coelima? António Domingos e Mário Miranda foram eliminados por serem bons, leais, amigos do seu amigo. Afogaram-se na tentativa de salvar um nadador.

Foi o Santos Fernandes quem me contou. Serafim Dias, outro jovem modesto, representante da agremiação nortenha, ficara, inabalavelmente, para trás. Alá, esperava-se. Viera para a Volta sem estar bem preparado, era só para conseguir mais um pouco de experiência. Sabia-se que não andaria por cá durante muito tempo. Mas

quando o souberam atrasado e em dificuldades, o Domingos e o Miranda esqueceram-se de si próprios. Esperaram-no para a tentativa de o salvar, «rebocando-o» até ao pelotão. Depois, foi a luta vã, contra o tempo, que se escapuliu, à medida que eram mais frouxas as pedaladas. Acabaram por chegar a Chaves, os três, com o «contrôle» já encerrado. Como encerradas estavam, para eles, as portas da Volta.

Tenho muitas dúvidas que a Coelima possa chegar ao fim com lugar na classificação colectiva, isto é, com o mínimo de três corredores, se a Volta, efectivamente, aquecer. Mas o seu director técnico está muito esperançado que isso não aconteça. De qualquer modo, a prova terá de ser sempre uma estrela e uma preparação para corridas futuras. Eles são quase todos muito jovens e inexperientes.

Como sabes, a Coelima é uma fábrica de tecidos. Tem fama os lençóis da sua produção. Apetecia dizer que, ao vir para esta Volta, os seus representantes se meteram em maus lençóis. Poderia dizer-se, se ela não tivesse andado até aqui com uma grande pachorra. Mesmo assim, os sonhos ficaram pelo caminho...

Um abraço do Santos Fernandes e outro do

MARIO ZAMBUJAL



LEONEL MIRANDA GANHOU A ETAPA DE HOJE

(Continuação da 1.ª página)

redores para a etapa de hoje. Umas escassas dezenas de pessoas surgiram no local da meta, instalada na Avenida Almeida Lucena.

A partida, sem o colorido habitual, como se calcula, verificou-se às 9 e 34 horas, saindo o pelotão em marcha moderada.

Entretanto, o carro de apoio do Benfica veio à cauda do pelotão e o técnico Francisco Valada admoestou vivamente os ciclistas Manuel Luís e Pedro Moreira, incitando-os a intensificarem o andamento.

A caravana parou em clara serra do Marão!

Entretanto, após estas ligeiras escaramuças, o pelotão deu outra vez mostras de resistência passiva. A pedalada voltou a ser monótona, sem qualquer interesse. E já em pleno Marão deu-se o golpe de teatro: uma bandeira encarnada fez suspender a marcha dos corredores. Grande expectativa até o representante do juri, o dirigente António Fernandes pedir a comparência de todos os chefes de equipa. Mário Silva, representante do F. C. Porto só compareceu depois de ter sido repreendido pelo seu director desportivo.

Entretanto, compareceram os restantes: J. Roque (Sporting), Joaquim Andrade (Sangalhos), Sousa Vieira (Ambar), António Graça (Tavira) e António Pereira (Coelima).

O representante do juri, em termos correctos e evidenciando a maior calma, pretendeu que os ciclistas lhe expusessem os motivos que os levaram a fazer uma corrida que considerava absolutamente antidesportiva.

Disse mais:

— *Afinal, o que é que os senhores pretendem? Ontem, na reunião com os vossos dirigentes, tudo parecia resolvido!*

Respondeu em primeiro lugar Mário Silva:

— *Estamos em completo desacordo quanto às médias que nos exigem, aos prémios que nos pretendem atribuir e às multas. Os senhores têm que rever tudo isso se querem que continuemos a correr como deve ser.*

Falou em seguida João Roque:

— *O juri não faz ideia dos sacrifícios que tenho andado a fazer. Não esqueçam que duas quedas me abalaram muito. Não ando mais porque não posso.*

Nova intervenção de A. Fernandes:

— *E quanto aos seus companheiros?*

— *Não sei nada. Eles são maiores e vacinados.*

O representante do Tavira (António Graça), disse, por seu turno:

— *Até aqui a minha equipa tem participado em quase todas as iniciativas. Não fazemos mais*

porque não podemos. De qualquer modo, também me parece mal o caso das médias e das multas.

E foi a vez do benfiquista Pedro Moreira falar:

— *Não sei nada do que se está a passar. Eu e os meus companheiros limitamo-nos a andar com os outros...*

Outra opinião:

— *Parece-me que sobre o assunto só deviam ser ouvidos os representantes das equipas mais categorizadas. Eles é que comandam praticamente a*



LEONEL MIRANDA

corrida — foram as palavras de Sousa Vieira, da Ambar.

Depois, o representante do Sangalhos, Joaquim Andrade:

— *Sou da opinião de Mário Silva. Há necessidade de rever os prémios, multas e médias. Outra forma...*

Por último, António Pereira da Coelima, disse:

— *Eu e os meus companheiros limitamo-nos a fazer o mesmo que os restantes. Se eles andam de vagar...*

Nova observação de Mário Silva:

— *Os senhores ontem reuniram-se com os delegados dos clubes e esqueceram-se de nós que somos afinal quem faz a corrida.*

Ouvindo todos os chefes de fila, o dirigente António Fernandes voltou a tomar o uso da palavra para exortar todos os ciclistas a comportar-m-se como verdadeiros profissionais, cumprindo as ordens emanadas dos seus dirigentes.

E depois de ter referido a impossibilidade do juri se reunir ali mesmo (como muitos corredores pretendiam) prometeu:

— *Se daqui até ao Porto os senhores se comportarem dignamente prometo-vos que a noite, em reunião expressamente convocada, será feito um estudo sobre o assunto e tudo será resolvido. O caso é que os senhores daqui até ao Porto façam a corrida que devem fazer...*

Tinham-se passado exactamente vinte minutos de conversa

A etapa começou vinte minutos depois

Aparentemente conformados os corredores rein-

claram a corrida. E a verdade é que alguns quilómetros andados, pôde verificar-se que o andamento era de longe muito superior àquele que se registara até então.

E até ao local onde estava colocada a meta que contava para o Prémio da Montanha verificaram-se algumas escaramuças, bem significativas de que a disposição dos ciclistas era diferente.

A ordem da passagem no Alto de Espinho foi a seguinte: 1.º Cosme Oliveira, do F. C. Porto; 2.º Fernando Mendes, do Benfica e 3.º Vítor Tenazinha, do Sporting.

Cosme Oliveira e Fernando Mendes comandam a classificação do Prémio da Montanha com 8 pontos.

Velocidade diabólica na descida para Amarante

Depois foi a descida para Amarante, numa estrada extremamente sinuosa, com curvas perigosíssimas. Mas os ciclistas, bem dispostos ansiosos talvez por superar o tempo perdido, continuavam a pedalar em velocidade quase diabólica, que por vezes chegou a atingir 90 quilómetros à hora.

Em Amarante estava instalada a «Meta Volante» que foi ultrapassada pela seguinte ordem: 1.º Pedro Moreira, do Benfica, 1 h 59 m e 05 s; 2.º Firmino Bernardino, Sporting; 3.º Joaquim Moreira, Coelima.

Os restantes corredores pedalavam em fila indiana com excepção de um ou outro que se atrasara ligeiramente na descida.

A corrida conhecia assim uma nova fase

Em Penafiel, a marcha dos corredores continuava a ser excelente.

Próximo de Paredes, Sousa Vieira, da Ambar, deu um fortíssimo «esticação» e logrou algumas centenas de metros de avanço. Até Baltar, o fugitivo conseguiu manter a vantagem mas a saída dessa localidade, a cerca de 25 quilómetros da meta, o pelotão aumentou a velocidade e logrou absorver o fugitivo.

Em Valongo, imensa multidão aplaudiu os ciclistas. Nessa altura o pelotão era comandado pelos homens do F. C. Porto.

Pouco antes da Avenida Fernando Magalhães, o sportingista Leonel Miranda deu um fortíssimo «esticação» conseguindo ligeiro avanço sobre o pelotão e entrando isolado na meta.

A média foi tomada em relação à quilometragem percorrida após a passagem. Assim, para a distância de 104 quilómetros foi atribuída a média de 39,585 kms/hora.



A volta parou na estrada. Os corredores renunciaram à corrida, afrouxando lentamente a marcha até se deterem em plena serra, a caminho de Vila Real. E a cidade não chegou a ver o arranque para a meta dos ídolos do ciclismo nacional

CLASSIFICAÇÕES

NA ETAPA

	H	M	S
1 L. Miranda (Sp.)	2	37	38
2 E. Dionísio (Sp.)	2	37	40
3 V. Rocha (Sp.)			
4 J. Agostin. (Sp.)			
5 H. Niel (Porto)			
6 F. Mendes (Bf.)			
7 Cosme O. (Porto)			
8 A. Silva (Bf.)			
9 J. Andrade (S.)			
10 Celestino O. (S.)			
11 João F. (Sang.)			
12 H. Oliveira (S.)			
13 N. Duarte (S.)			
14 P. Moreira (Bf.)			
15 J. Pinhal (Bf.)			
16 M. Costa (Bf.)			
17 A. Fortes (Bf.)			
18 Manuel L. (Bf.)			
19 D. Vitorino (Bf.)			
20 Pedro Rod. (Bf.)			
21 E. Santos (Bf.)			
22 V. Cardoso (Bf.)			
23 J. Vieira (Sp.)			
24 Firmino B. (Sp.)			
25 S. Páscoa (Sp.)			
26 Vítor Ten. (Sp.)			
27 Pedro D. (Sp.)			
28 J. Roque (Sp.)			
29 J. Freitas (Amb.)			
30 S. Vieira (Amb.)			
31 Wilson Sá (A)			



José Azevedo, o portista da camisola amarela

32 J. Coelho (Amb.)	
33 M. Castro (Amb.)	
34 A. Graça (Tav.)	
35 A. Teixeira (T.)	
36 J. Diogo (Tavira)	
37 J. Viegas (Tav.)	
38 José A. (Porto)	
39 M. Silva (Porto)	
40 J. Leão (Porto)	
41 M. Sousa (Porto)	
42 José P. (Coel.)	
43 Ant. Pereira (C.)	
44 A. Rodrigues (C.)	
45 J. Moreira (C.)	m. t.
46 M. Santos (Tav.)	2 37 58
47 H. Silva (Amb.)	2 38 39
48 F. Martins (T.)	2 38 39
49 F. Vieira (Bf.)	2 38 39
50 N. Timóteo (Sp.)	2 39 56
51 M. Mestre (T.)	2 40 05
52 A. Salazar (C.)	2 40 07
53 José P. (Porto)	2 40 07
54 J. Leite (Porto)	m. t.
55 M. Lote (Sang.)	2 43 36

34 V. Cardoso (B.)	18 29 58
35 S. Vieira (A.)	18 30 04
36 Wilson Sá (A.)	18 30 06
37 F. Vieira (B.)	18 30 16
38 J. L. P. (FCP)	18 30 27
39 J. Leão (FCP)	18 30 31
40 M. Sousa (FCP)	18 30 39
41 José Diogo (T.)	18 31 53
42 J. Roque (Sp.)	18 32 09
43 A. Pereira (C.)	18 33 22
44 J. Moreira (C.)	18 34 02
45 M. Luís (B.)	18 34 18
46 F. Martins (T.)	18 34 35
47 M. Santos (Tav.)	18 35 15
48 N. Timóteo (Sp.)	18 35 23
49 J. Coelho (A.)	18 35 30
50 Man. Lote (Sg.)	18 38 53
51 M. Mestre (Tav.)	18 40 12
52 A. Salazar (C.)	18 41 07
53 M. Castro (A.)	18 42 38
54 L. Santos (Sg.)	18 43 50
55 Rodrigues (C.)	18 47 19
56 J. Viegas (Tav.)	18 50 25

POR EQUIPAS

F. C. Porto	55 22 13
Sporting	55 22 19
Benfica	55 22 20
Sangalhos	55 24 08
Tavira	55 25 26
Ambar	55 25 55
Coelima	55 32 53

GERAL

	H	M	S
1 Azevedo (Porto)	18	27	09
2 E. Dionísio (Sp.)	18	27	14
3 F. Mendes (Bf.)	18	27	25
4 Oliveira (Bf.)	18	27	31
5 H. Niel (Porto)	18	27	33
6 V. Rocha (Sp.)	18	27	33
7 Andrade (Sang.)	18	27	34
8 M. Silva (Porto)	18	28	01
9 Oliveira (Sang.)	18	28	01
10 L. Miranda (Sp.)	18	28	02
11 A. Graça (Tav.)	18	28	04
12 Agostinho (Sp.)	18	28	07
13 Am. Silva (Bf.)	18	28	14
14 P. Moreira (Bf.)	18	28	22
15 J. Vieira (Sp.)	18	28	24
16 F. Bernar. (Sp.)	18	28	29
17 J. Freitas (Am.)	18	28	46
18 S. Páscoa (Sp.)	18	28	48
19 J. Leite (FCP)	18	28	48
20 J. Fonseca (Sa.)	18	28	48
21 J. Pinhal (Bf.)	18	28	55
22 V. Tenaz. (Sp.)	18	28	57
23 M. Costa (Bf.)	18	29	03
24 A. Fortes (Bf.)	18	29	05
25 D. Vitorino (Bf.)	18	29	10
26 H. Oliveira (Sa.)	18	29	14
27 P. Domin. (Sp.)	18	29	15
28 A. Teixeira (T.)	18	29	16
29 Rodrigues (Bf.)	18	29	21
30 J. Pereira (Coel.)	18	29	38
31 H. Silva (Amb.)	18	29	44
32 E. Santos (B.)	18	29	48
33 N. Duarte (S.)	18	29	55



A VENDA EM TODO O PAÍS

EM LISBOA:

LISAGUA DISTRIBUI

Pedidos — Telef. 553336 - 553809

Externato **SÁ DE MIRANDA**

ENSINO PRIMÁRIO

CICLO PREPARATÓRIO E LICEAL

DIURNO — NOCTURNO

RUA ALEXANDRE BRAGA, 17 (A AL. REIS)

Telef.: Secret. 45310 — Direcção 537532

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

CARTAZ DOS CINEMAS

TIVOLI

(M. 12 anos) Tel. 50595
As 3 da tarde e 9.30 da noite
63.ª SEMANA
do maior êxito de todos os tempos!

MÚSICA NO CORAÇÃO
com Julie Andrews e Christopher Plummer
Exclusivo desta sala

MONUMENTAL

(Adultos) Tel. 555131
As 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
em Technicolor
O BASTARDO
«THE BASTARD»
c/ Rita Hayworth e Giuliano Gemma

EDEN

(Adultos) Tel. 320768
As 15.15, 18.30 e 21.45
O super agente Uppereven
nas mais perigosas aventuras
A MINHA PROFISSÃO É MATAR
Technicolor — Techniscope

SÃO JORGE

(M. 17 anos) Tel. 54153
As 15.15, 18.15 e 21.30
A iniciar o ciclo do cinema francês, um filme de Alain Cavalier-Françoise Saglan
A CHAMADA
com Catherine Deneuve e Michel Piccoli

MUNDIAL

(M. 12 anos) Tel. 538743
As 15.15, 18.30 e 21.45
QUEM ROUBOU A COROA?
com Michael Crawford e Oliver Reed
AR CONDICIONADO

LIZ

(Adultos) Tel. 48560
As 21 horas
OS PROTAGONISTAS MATA HARI, AGENTE SECRETO H 21

CONDES

Telefs. 322523 - 326710
As 15.15, 18.15 e 21.30
(Adultos)
Uma grande história de amor
ÂNSIA DE AMAR
Scope — Metrocolor
(AR CONDICIONADO)

ROMA

(Adultos) Tel. 727778
As 21.45
Um filme de alta espionagem
HOMENS DESESPERADOS
com Ty Hardin, Michael Rennie e Graziella Granata
Eastmancolor
AR CONDICIONADO

IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134
As 15.15 e 21.30
Uma extraordinária história de amor
William Holden e Nancy Kwan em
O MUNDO DE SUZIE WONG

ESTÚDIO

(Adultos) Tel. 555134
As 15.30, 18.30 e 21.45
A obra fundamental de Roman Polansky
REPULSA
com Catherine Deneuve e Ivonne Fucueux

ESTÚDIO 444

(Adultos) Tel. 779095
As 18.30 e 21.45
5.ª SEMANA
O CASAMENTO
(Le Mariage ou Mael Tov)
com Claude Berri e Elisabeth Wiener
EASTMANCOLOR
AR CONDICIONADO

EUROPA

(Adultos) Tel. 661016
As 18.15 e 21.30
A aventura de espionagem ao mais alto nível!
CAÇADOR DE ESPÍOES
com Paul Manter e Sue Ann Sangton

ODEON

(M. 12 anos) Tel. 326283
As 15.15 e 18.15 e As 21.30
EM 2.ª SEMANA TRIUNFAL
ÚLTIMAS EXIBIÇÕES
NÃO ESPERES, DJANGO... DISPARA!
c/ Sean Todd e Rada Rassimov
CADA BALA ERA UMA SENTENÇA DE MORTE
Eastmancolor — Chromascope

POLITEAMA

(M. 12 anos) Tel. 326305
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
ÚLTIMOS DIAS!
UMA ADMIRÁVEL AVENTURA HERÓICA E HUMORÍSTICA
O pirata do rei
com Dong McClure e Jill St. John
(TECNICOLOR)

LIDO

Praça D. João I — AMADORA
As 21.30 (M. 17 anos)
Floribela Queiroz num filme português fora do vulgar!
7 BALAS PARA SELMA

VOX

(M. 21 anos) Tel. 720808
As 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
de lotações esgotadas

HELGA
(O segredo da maternidade)
comentado em português
(AR CONDICIONADO)
AVISO:
É indispensável a apresentação do bilhete de identidade daquelas pessoas cuja aparência possa suscitar dúvidas

ALVALADE

(M. 6 anos) Tel. 763080
As 21.45
Uma migalha de gente ao pé de um colosso!
O BOM GIGANTE
c/ Dennis Weaver, Vera Miles, Ralph Meeker e o urso Ben

RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375
As 21.30
TESTEMUNHA SUSPEITA
com Ray Milland e Félix Aymer

CASINO ESTORIL

(M. 17 anos) Tel. 260729
O PROFETA
com Vittorio Gassman e Ann Mapet

IMPERIAL

(M. 12 anos) Tel. 45933
As 21 horas
DOIS CONTRA O TEXAS BEIRUTE, 24 HORAS PARA MATAR

AVIS

(M. 12 anos) Tel. 47163
As 21.45
Um poderoso «western»!
A VINGANÇA DO CONDENADO
com Thomas Hunter, Henry Silva e Dan Dureya
Techniscope — Technicolor



Maruja Garrido foi a cançonetista espanhola que obteve o primeiro lugar no concurso de popularidade organizado pelo programa «Esto es España», através de Rádio Espanha (Madrid). Recebeu, assim, a medalha de ouro que estava em disputa.

LUCÍLIA CARDOSO

UM GRANDE ÊXITO NO BICO DOURADO

FARMACIAS DE SERVIÇO

Em Lisboa — Turno G

AJUDA — Moura, Trav. do Memória, 55 (630944) • Biotar, Rua D. João de Castro, 27-8 (638824)
ALCANTARA — Beltrão, R. Prior do Crato 25 (13214)
ALMIRANTE REIS — Confiança, Av. Almirante Reis, 46 (42453)
ALVALADE — Zil, Av. da Igreja, 9-D (711780) • Roma, Av. de Roma, 85-B (724466) • S. João de Deus, R. Pedro Ivo, 1-A-8 (72540)
AMOREIRAS — Britânica, Trav. Ligeira da Póvoa, 5-B (689250)
AREIRO — Garentia, Av. Padre Manuel do Nóbrega, 5-A e 5-B (727300) • Imperial, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (726860)
AVENIDAS NOVAS — Alcântara, Av. da Repub., 74-A (771379) • Vale, Av. Marquês de Tomar, 45-49 (773043) • Delva, Av. Duque de Aveia, 125 (45225) • S. Sebastião, Largo de S. Sebastião do Pedreira, 1-9 (48642)
BAIRO DA ENCARNÇÃO — Ascenso, R. 27 n.º 41 (311216)
BAIXA — Fernandes, R. de S. João, 87 (326476) • Azevedo, Filho, Pr. de D. Pedro IV, 31 (327478)
BENFICA — União, Est. de Benfica, 592-594 (700092) • Alegria, Est. de Benfica, 130-A-8 (780511)
CAMPO DE OURIQUE — Lebet, R. de Infancia, 6, 98-B (688807) • União, R. Saraya de Carvalho, 19 (663643)
CAMPOLIDE — Salutar, Rua 8, 75-A, B, Bairro da Liberdade (683694) • Pinto, R. de Campolide, 1 (682610)
CONDE REDONDO — Sousa Martins, Rua Sousa Martins, 25 (553468)
ESTRELA — Andrade Ribeiro, Av. Infante Santo, 66-B (666971)
ESTEFANIA — Mundial, L. D. Estefânia, 9 (45578)
GRACA — Ziller, R. de S. Tomás, 54-56 (862835)
LUMIAR — Central do Lumiar, R. do Lumiar, 77 (790480) • Dourado, Alameda das Linhas de Torres, 93-A-8 (79131)
MADRAGAÇA — Eduardo A. César, R. das Trinas, 02 (662631)
OLIVAIS — Olivais, R. Alves Gouveia, 9 (3237)
PENHA DE FRANÇA — Central, da Penha, R. Penha de França, 58-60 (849245) • Vitalia, R. Moraes Soares, 66-A (848011)
PICHELEIRA — Luzmar, R. João do Nascimento Costa, 16-A (728395-720703)

Linha de Cascais

ALGES — Branco — Av.ª Cam. G. Guerra, 29 (Tel. 212070)
CAXIAS — Nova — Rua Bernardino Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Avenida Patrão Lopes, 4 (2432039)
OEIRAS — Central, R. João Teixeira Simões, 8 (2430058)
PARADEIRA — Alar — Av. Gago Coutinho — B das Caixas de Previdência (Tel. 2472948)
ESTORIL — Parque — Arcadas do Parque, 3 (Tel. 260911)
CASCAIS — Córdova — Av. Cam. G. Guerra, 40 (Tel. 280170-281491) • Nova — Estrada de Alvide — Fontainha, (Tel. 281044)

Linha de Sintra

AMADORA — Cavaca — R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019) • Fátima — R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485) • Confiança — Av.ª D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel. 938149)
DAMAIA — Damela — P. Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970528)
QUELUZ — Gil — Av.ª Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117) • Simões Lopes — Av.ª Elias Garcia, 51/51-A (Tel. 950123)
CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)
MEM MARTINS — Quilma — Set. Mem Martins, 285 (T. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456)
SINTRA — Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (980832)
VENDA NOVA — Nova — R. Elias Garcia, 10 (Tel. 933920)
COLARES — Colares — Abrete (Tel. 299088)

Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137)

Linha de Cascais

ALHOS VEDROS — Portugal, Av.ª do Belo Rosa 8 (224250)
ALMADA — Algarve, R. Fernando Lopes, (27027)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Estrada Nacional 221-A (22441)
BARREIRO — Avenida, Av.ª Alfredo da Silva, 88 (2273212)
COVA DA PIEDADE — Rainha Santa — Est. das Barrancas, 50-A-8 (Tel. 276082)
MOITA — União Moitense, Av.ª Dr. Teófilo Braga (239025)
MONTIJO — Giraldes — R. Almeida Reis, 45 (Tel. 230008)
SESIMBRA — Leão Av. Salazar (229471)
SETÚBAL — Costa — Largo de Misericórdia (Tel. 22760). Beirilil — P. do Brasil (Tel. 24788).
SEIXAL — Soromenho — R. Póvoa Coelho, 38 (Tel. 228560).

Linha de Cascais

ALHOS VEDROS — Portugal, Av.ª do Belo Rosa 8 (224250)
ALMADA — Algarve, R. Fernando Lopes, (27027)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Estrada Nacional 221-A (22441)
BARREIRO — Avenida, Av.ª Alfredo da Silva, 88 (2273212)
COVA DA PIEDADE — Rainha Santa — Est. das Barrancas, 50-A-8 (Tel. 276082)
MOITA — União Moitense, Av.ª Dr. Teófilo Braga (239025)
MONTIJO — Giraldes — R. Almeida Reis, 45 (Tel. 230008)
SESIMBRA — Leão Av. Salazar (229471)
SETÚBAL — Costa — Largo de Misericórdia (Tel. 22760). Beirilil — P. do Brasil (Tel. 24788).
SEIXAL — Soromenho — R. Póvoa Coelho, 38 (Tel. 228560).

Linha de Sintra

ALHOS VEDROS — Portugal, Av.ª do Belo Rosa 8 (224250)
ALMADA — Algarve, R. Fernando Lopes, (27027)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Estrada Nacional 221-A (22441)
BARREIRO — Avenida, Av.ª Alfredo da Silva, 88 (2273212)
COVA DA PIEDADE — Rainha Santa — Est. das Barrancas, 50-A-8 (Tel. 276082)
MOITA — União Moitense, Av.ª Dr. Teófilo Braga (239025)
MONTIJO — Giraldes — R. Almeida Reis, 45 (Tel. 230008)
SESIMBRA — Leão Av. Salazar (229471)
SETÚBAL — Costa — Largo de Misericórdia (Tel. 22760). Beirilil — P. do Brasil (Tel. 24788).
SEIXAL — Soromenho — R. Póvoa Coelho, 38 (Tel. 228560).

Outra Banda

ALHOS VEDROS — Portugal, Av.ª do Belo Rosa 8 (224250)
ALMADA — Algarve, R. Fernando Lopes, (27027)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Estrada Nacional 221-A (22441)
BARREIRO — Avenida, Av.ª Alfredo da Silva, 88 (2273212)
COVA DA PIEDADE — Rainha Santa — Est. das Barrancas, 50-A-8 (Tel. 276082)
MOITA — União Moitense, Av.ª Dr. Teófilo Braga (239025)
MONTIJO — Giraldes — R. Almeida Reis, 45 (Tel. 230008)
SESIMBRA — Leão Av. Salazar (229471)
SETÚBAL — Costa — Largo de Misericórdia (Tel. 22760). Beirilil — P. do Brasil (Tel. 24788).
SEIXAL — Soromenho — R. Póvoa Coelho, 38 (Tel. 228560).

Linha de Cascais

ALHOS VEDROS — Portugal, Av.ª do Belo Rosa 8 (224250)
ALMADA — Algarve, R. Fernando Lopes, (27027)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Estrada Nacional 221-A (22441)
BARREIRO — Avenida, Av.ª Alfredo da Silva, 88 (2273212)
COVA DA PIEDADE — Rainha Santa — Est. das Barrancas, 50-A-8 (Tel. 276082)
MOITA — União Moitense, Av.ª Dr. Teófilo Braga (239025)
MONTIJO — Giraldes — R. Almeida Reis, 45 (Tel. 230008)
SESIMBRA — Leão Av. Salazar (229471)
SETÚBAL — Costa — Largo de Misericórdia (Tel. 22760). Beirilil — P. do Brasil (Tel. 24788).
SEIXAL — Soromenho — R. Póvoa Coelho, 38 (Tel. 228560).

BOM APETITE

RESTAURANTE antónio
COZINHA TÍPICAMENTE PORTUGUESA
DIARIAMENTE ACORDA DE LAGOSTA
* Ar condicionado — Encerrado aos Domingos *
R. Tomás Ribeiro, 63 — LISBOA — Tel. 538786
(Junta da Estação do Metro das Picotas)

RESTAURANTE CANTINHO ALENTEJANO
Rua D. Luis de Noronha, 32-A (Junta à Av. de Bernat)
Telefone 77895
SERVE DIARIAMENTE OS DELICIOSOS PRATOS CARACTERÍSTICOS ALENTEJANOS

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Tel. 790211 (M/ 15 anos)
aos sábados e domingos
JANTARES DANÇANTES
e/ conjunto privativo
(Encerrado às 3.ªs-feiras)

RESTAURANTE VIRIATO
RESTAURANTE CERVEJARIA SNACK-BAR COZINHA PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 55-57
(Aberto até às 2 h.)
Telefone 530758

NOVO RESTAURANTE E SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM AZEITÃO
ESTRADA LISBOA-SETÚBAL
Tel. 228244
LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa



Propriedade de
Renasença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
Ind. Tel. DIBOA. Telex 1369
Lisboa 2 — Portugal

tempo

**INFORMAÇÃO
DO SERVIÇO
METEOROLÓGICO
NACIONAL**

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS — Em Portugal continental o céu estava limpo por acção de uma massa de ar tropical continental e o vento era fraco predominante de Leste.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Fonte Boa e Alvalade, 36,5; mínima: Penhas da Saúde, 13,5.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS — Porto, 26; Penhas Douradas, 22; Coimbra, 26; Portalegre, 27; Lisboa, 23; Faro, 23; Funchal, 22.

TEMPERATURAS OBSERVADAS AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 23; na água do mar: 18.

**PREVISÃO GERAL
ATÉ AS 24 HORAS
DE AMANHÃ**

Continuação do tempo quente com céu limpo e vento geralmente fraco. Durante a tarde e princípio da noite possibilidade de vento norte moderado, no litoral oeste.

Amãhã
Ocaso às 20 e 26
Nascer às 6 e 55



Amãhã Dia 27 Dia 3 Dia 11

MARÉS:

PREIA-MAR: Dia 19 — 7 e 44 (3,6 m); 20 e 04 (3,7 m); Dia 20 — 8 e 30 (3,5 m); 21 e 0 (3,5 m); Dia 21 — 9 e 38 (3,4 m); 22 e 18 (3,3 m).
BAIXA-MAR: Dia 19 — 1 e 22 (1,1 m); 13 e 40 (1,3 m); Dia 20 — 2 e 07 (1,3 m); 4 e 30 (1,5 m); Dia 21 — 3 e 08 (1,5 m); 15 e 50 (1,6 m).

EM POUCAS LINHAS

★ TRUDEAU EM FRANÇA

PARIS, 19 — (A. N. I.) — O primeiro ministro canadiano, Pierre Elliot Trudeau, fez esta manhã uma rápida passagem pelo aeroporto internacional de Orly, em Paris, a caminho da Riviera, onde, segundo a Imprensa canadiana, vai iniciar um período de férias que deverá terminar na Alemanha Ocidental.

★ APELO DO SALVADOR

S. SALVADOR, 19 — (F. P.) — O Governo de S. Salvador pediu á Cruz Vermelha Internacional para proceder a um inquérito ás condições de ódio e terror a que estão sujeitos os salvadorenhos detidos nos campos de concentração das Honduras — anuncia-se nos meios próximos do ministério dos Negócios Estrangeiros.

Os salvadorenhos que conseguiram fugir destes campos declararam que as autoridades hondurenhas tinham ordenado recolhas de sangue «em quantidades desumanas» aos prisioneiros que estão a ser tratados nos hospitais do país.

★ CAMIÕES JAPONESES PARA A U. R. S. S.

TOQUIO, 19 — (A. N. I.) — O Governo russo está a negociar com as fábricas japonesas de automóveis a compra de dois a três mil camiões — anuncia a agência Kyodo.



**MIREILLE MATHIEU:
SETEMBRO NO ALGARVE**

Mireille Mathieu volta a Portugal: no próximo dia 4 de Setembro, acompanhada por um conjunto musical privativo, estará no Hotel Algarve, na sua terceira apresentação ante plateias portuguesas. Nascida a 22 de Julho de 1947 (em Avignon), Mireille Mathieu é considerada como a sucessora de Edith Piaf: o público e a crítica francesa aceitam-na quase por unanimidade. Mireille tem treze irmãos (Monique, Christiane, Marie-France, Régine, Régis, Guy, Roger, Rémy, Jean-Pierre, Simone, Jean-Philippe, Béatrice e Vincent) a quem ajuda, reservando-lhes boa parte dos seus excelentes «cachets». Já percorreu as Américas (duas temporadas) e toda a Europa: actualmente encontra-se na União Soviética.

**DIMINUI EM ITÁLIA
O «DEFICIT»
DA BALANÇA
DE PAGAMENTOS**

ROMA, 19 — (A. N. I.) — O «deficit» da Balança de Pagamentos Italiana sofreu uma ligeira redução no mês de Junho, embora se tenha cifrado em 104,7 biliões de liras (cerca de 4,8 milhões de contos) — anuncia um informador do Banco de Itália.

As estatísticas de Junho elevam o «deficit» da Itália, nos primeiros seis meses, a 561,2 biliões de liras (uns 25 milhões de contos).

Este relatório mensal do Banco de Itália é o primeiro publicado desde que o Governo elevou a taxa de desconto bancário, com o objectivo de evitar a fuga de capitais para mercados estrangeiros, mais compensadores.

Durante o primeiro semestre deste ano, os italianos colocaram no estrangeiro 952 biliões de liras (cerca de 42 milhões de contos), o que constitui um verdadeiro «record».

No mesmo período do ano passado, os capitais

italianos transferidos para o estrangeiro, ascenderam a 416 biliões de liras (18,6 milhões de contos).

**ADVERTÊNCIA
SOVIÉTICA**

(Continuação da 1.ª pág.)

«Pravda» que pelo seu lado, evocando o facto das tropas japonesas terem sido batidas há 30 anos quando irromperam pela Mongólia, escreve: «A derrota infligida aos agressores nipónicos deve servir de aviso muito firme a todos os que tentem violar a liberdade e a independência da Republica Popular da Mongólia, a todos os aventureiros maoístas que desencadearem uma furiosa campanha de ódios e hostilidades contra a U. R. S. S. e a Mongólia».

**VISITA AOS AÇORES E À MADEIRA
DO ADMINISTRADOR
DO BANCO NACIONAL ULTRAMARINO,
DR. BEJA CORTE REAL**

Num avião dos Transportes Aéreos Portugueses, partiu para S. Miguel (Açores), em viagem de serviço, o dr. Abel Beja Corte Real, administrador do Banco Nacional Ultramarino. É acompanhado por sua esposa D. Maria Infante de La Gerda Corte Real e por Fernando Pinto Marino, chefe da repartição da Direcção do Continente e Ilhas.

O dr. Abel Corte Real iniciará, no dia 25, uma pequena digressão pelo arquipélago, com escalas na Terceira, Faial e regresso a S. Miguel.

Desta ilha, seguirá para a capital madeirense, no navio Funchal, que ali é esperado no dia 30.

Provavelmente a bordo do paquete St.ª Maria, o seu regresso a Lisboa está marcado para 3 de Setembro.

Contra o San Lorenzo de Almagro

OUTRO TRIUNFO DE YUSTRICH

BELO HORIZONTE (Minas Gerais, 18. — (A. N. I.) — A equipa do Atlético Mineiro (dirigida por Yustrich) venceu por 2-1 o San Lorenzo de Almagro (da Argentina) e conquistou o troféu em disputa no «Torneio Gigante Internacional»,

em que participaram equipas do Brasil, da Argentina e do Uruguai.

Noutro encontro do torneio, o Cruzeiro, campeão local e do Brasil, bateu o Velez Sarsfield, da Argentina, pela mesma marca de 2-1.

RECAPTURADO O FUGITIVO

PORTO, 19 — Cerca das 15 horas, a P. J. desta cidade, recapturou José Cabal Dias, que fugira a dois agentes daquela corporação, conforme noticiámos na página 12.

O fugitivo foi preso, quando se aproximava de sua casa, afim de tratar

dos pulsos, onde as algemas lhe tinham provocado edemas.

DESLUSTRAGEM A SECO

Garantia absoluta, igualmente em limpeza a seco com acabamentos por alfaiate Bastará ligar a 323422, Rua da Prata, 156, a/l. (único no género).

**GISCARD D'ESTAING
PARTIU
PARA A BEIRA**

LUANDA, 19 — (A. N. I.) — De Angola, onde chegara na véspera, vindo de Lisboa no avião da T. A. P. seguiu ontem para a Cidade da Beira, em Moçambique, acompanhado de sua esposa, o ministro francês das Finanças e chefe do Partido Republicano Independente, Valéry Giscard d'Estaing. Aproveitando as férias, o dirigente daquela facção gaulista encontra-se no Ultramar português, em visita particular, de carácter turístico.

**SALÃO DE VERÃO
DA S. N. B. A.**

A exemplo de anos anteriores, a Sociedade Nacional de Belas-Artes inaugura amanhã á tarde, o Salão de Verão, exposição retrospectiva da temporada para a qual as galerias de arte de Lisboa, promotoras de modernidade e atentas aos valores vivos do nosso meio artístico, seleccionaram uma expressiva panorâmica da actividade deste ano. Foram convidadas, para tal efeito, as conhecidas galerias Bucholz, Gravura, Interior, Quadrante e «111», participando igualmente a galeria de arte moderna da própria S. N. B. A.

CAMPO PEQUENO
QUINTA-FEIRA
21 DE AGOSTO AS 22 HORAS



**SENSACIONAL COMPETIÇÃO LUSO-ESPANHOLA
DE TOUREIO A CAVALO**

**MANUEL CONDE
F. ANDRADE SALGUEIRO**

**ANGEL PERALTA
RAFAEL PERALTA**

FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM
comandados por José Manuel do Souto Barreiros

6-TOIROS DE CABRAL DE ASCENSÃO E TOMÁS DA COSTA-6
Telef.s 771819, 761539, 321712 e 30769

AINDA A PROPÓSITO DE UM FILME SEM HISTÓRIA E HISTÓRIAS SUBSEQUENTES

por José António Pinho Fonseca

Aqui há tempos Gilberto Sancho, M. Giraldez e M. Queirós Ribeiro escreveram o que lhes deu na real gana sobre um filme cuja personagem central era Dylan, «um autor e intérprete que pode ser medido pelas asneiras que dele se têm dito» (1)

Em primeiro lugar quero definir uma posição, o que me parece absolutamente pertinente: é que para se conhecer Dylan (no nosso caso) necessário se torna conhecer-se-lhe a obra ou seja, os seus álbuns.

Não é assim G. Sancho? Tu queres acentuar aquilo que nos ficou de Dylan. Ora o filme não te permite ficar com nada a não ser com o desejo de conhecer a obra de Dylan. Depois divagas, detens-te em cenas sem qualquer significado como a do copo (como rolo reagiras tu em iguais circunstâncias?) ou naquela em que Dylan é entrevistado por um repórter da BBC — (África e aproveitamento para te dizer que Dylan começou a con-

tar tradicionais dos negros norte-americanos, sendo o seu 1.º álbum quase totalmente preenchido com esses tradicionais como por ex.º «The House of the Rising Sun», «In my time of dying», «Peggy-O», aos quais deu um tratamento musical de acordo com as tradições brancas, na esteira de Woody Guthrie, de sempre o mestre de Dylan). Mas continuas, escrevinhas, e escrevinhas... «um aspecto marca bem o comportamento social (?) de Dylan. Trata-se de um indivíduo que se limita a recolher uma série de dados do quotidiano e depois a transpô-los para as suas canções (...) Quer dizer, tu, sem o queres, dás a Dylan uma dimensão maior, dás-lhe a sua verdadeira dimensão: a de Artista. Pois que é o Artista senão aquele indivíduo que articula as realidades do quotidiano sintetizando-as a nível das representações mentais superiores?

É isso que Dylan faz. E fá-lo com evidente simplicidade, simplicidade essa que é apanágio da tradição cultural de um povo, o seu povo. E Dylan aparece com um humor acre, uma cadência, não o direi «entoante» mas perturbadora, um inconformismo por vezes surrealista como acontece no seu expoente máximo, o álbum «Highway 61 Revisited» e muito em especial em duas ou três das suas obras capitais contidas nesse álbum: «Like a Rolling Stone», «Ballad of a thin man» e «Desolation Row». De «Desolation Row» disse Dylan que faria o hino nacional dos U. S. se algum dia fosse eleito presidente.

Continuas a divagar e espantas-te da aceitação que Dylan encontra na Inglaterra e conclus com um chavão de todo o tamanho: «...Dylan é um cantor de e para a juventude», olha pá eu até acho que não. Mas se assim é só tenho a lamentar os adultos.

Depois de novas e profundíssimas lucubrações, Dylan aparece-te «como símbolo de uma juventude que se sabe alienada e que deseja a todo o custo a sua desalienação». Ah esta tendência tão burguesa de criar mitos, símbolos, fétiches! Também a tal juventude de que tanto falas, não me parece alienada em luta pela desalienação. Parece-me que o que há é uma juventude mal enquadrada num mundo burguês (ouviste, no filme, «the times they are a-changing»?) feito pelos adultos e revoltada contra esse mundo mal'lo seu saber de experiência feito. Daí ser uma juventude que luta por se não alienar num ambiente convidativo à alienação. Consideravelmente diferente do que escreveste, como vês.

Ora o que nos interessa em Dylan é a sua experiência do quotidiano. Que nos é descrita nas suas canções, compiladas nos

(Continua na 3.ª página)

SUB por FERNANDO C. SANTOS

(PRÉMIO FÓSFORO FERRERO)

A SERRA ERA AZUL

por M. Fernanda Martins

escrever era imperioso porque a serra crescia quente quente e havia aquele bocado de céu que se abria vermelho e era preciso agarrar, tu também a querias prender no preto e branco da tua objectiva. Oh mas não vês que assim ela cristalizaria? não meu amor francamente não concordo com essa ideia da fotografia. já experimentaste sobre um papel branco contar do verde-negro da serra de umas águas-

-furtadas com telhado e paredes de vidro onde à noite se pudesse saber da chuva e do amor? e na terra andava-se descalço para a sentir quente e dura outras vezes molhada e invariavelmente surgiam os morangos que eram acres e frescos e que nós comíamos porque nos sabiam a mas, vês meu amor como só a fotografia não nos dá que no rosto da serra há silêncio ao entardecer?

Cegarrega dos Infernos

por Maria Amélia Santos

O céu avermelhado do lado do mar, anunciava estiagem. Um cheiro forte, misto de selva derretida e terra queimada pelo sol subia com pesadume. Os grilos, alucinados, cricrilavam depressa, cada vez mais depressa, qual cegarrega dos infernos.

A mulher olhou as mãos estercosas do catraio e uma fúria desmedida trepou por ela acima até rebentar num berro raivoso:

— Vai lavar as mãos porco, vadilhócol!

O catraio encolheu-se como se lhe tivessem batido e raspou no chão os pés sujos de terra. A mulher cerrou os lábios quase com rozeirno e varreu o lajedo desabridamente.

— Mãe, a «Malhada» está a morrer — disse o catraio.

A mulher suspirou. Se os os pastos e secas as nascentes o gado trilha e, deitado nos eidos

amodorrado, mugia triste o dia inteiro. Gentes e animais apeteclavam, desejavam, ansiavam a chuva. Mesmo um cigálho de morrinha seria ben-vindo.

— Mãe, se a «Malhada» morrer o bezerro morre também?

A mulher benzeu-se e beijou o polegar. Para longe o agouro! Se o bezerro morresse como haviam de pagar ao senhorio? O milho secara á mingua de água, o vinho atempara e o acerto das contas já vinha perto.

— Mãe, o pai disse que se a «Malhada» morrer a terra não dá prá gente viver.

A mulher abanou a cabeça. Não, a terra, aquela mesma terra que, em lama agarrada aos pés ou, em dias ventosos, feita poeira, entra nas casas parecendo querer subjugar-las como

subjuga as criaturas, não dá para viver. Só para morrer.

— Mãe, o pai disse que vai prá França se a «Malhada» morrer.

Maldita cisma que se lhe metera no bestunfo! Começou a malucar naquilo e qualquer dia dá uma cabeçada. A França é para os solteiros. Não deviam deixar os casados ir para a estranha. E demais, sem sequer conhecer as letras como haveria de se desembaraçar nessas terras de estranhas falas?

— Mãe, se a «Malhada» morrer e o pai for prá França...

— Cala-te praí com a França. Bem basta o que basta.

Lá fora o leste, o vento dos sete dias levantou-se fazendo rumorejar o arvoredo. Os grilos calaram-se por momentos para logo recomeçarem a cegarrega dos infernos.



Diário de Lisboa
juvent
N. 635 DOS JOVENS PARA TODOS

UM DIA QUENTE DE AGOSTO

por JOSÉ SOLANO DE ALMEIDA

Um dia quente de Agosto. Manhã. Hora da chegada do comboio. Sobre a gare, de pé, a barba por fazer, sacos e máquinas fotográficas aos ombros, uma sensação desagradável na garganta, enquanto que a sua volta a gare se entregava ao movimento habitual de pessoas e bagagens, igual ao movimento de tantas e tantas outras gares que já conhecera por esse mundo fora. O comboio devia estar mesmo a chegar pois já se notava por todo o lado aquele nervosismo característico que antecede sempre a chegada ou a partida de um comboio. Dormira muito mal nessa noite e ao pequeno almoço apenas conseguira comer uma omeleta e beber um ralo de um café muito escuro e amargo. Na noite anterior nem sequer jantara pois os restaurantes fecham todos muito cedo naquelas cidades de província e depois também porque estafara uma data de dinheiro em bebidas a tal ponto que por várias vezes tivera necessidade de deitar os dedos às goelas para se sentir um pouco mais aliviado

daquela incómoda sensação de peso que sentia no peito, no estômago e que lhe revolvía as entranhas, embora sentisse depois um nojo tremendo por aquela baba espessa e pegajosa que lhe saía da boca e daquele nauseante cheiro a azedo, mas depois quando vinha para a rua sentia-se melhor e engolia com sofreguidão golfadas e golfadas de ar. Chegava sempre nesses momentos à conclusão que tinha de deixar de beber, talvez não completamente, mas pelo menos daquela maneira. E ainda por cima na maioria das vezes não sentia assim grande prazer na bebida. Pois de um modo geral bebia só para fazer companhia ou para não ficar mal visto pois uma mania que os outros tipos tinham era de ver se um tipo se estava a baldar ou não e se não bebêssemos a mesma coisa os tipos ficavam sempre de trombas e desatavam com pladas estupidas que muitas vezes dava mesmo vontade de lhes saltar para a cara...

— Não, não vale a pena vires à gare porque tens de pagar bilhete (e apontava para a máquina). O melhor é despedirmo-nos já... A mala era pesadíssima e levá-la até à carruagem foi um problema dos diabos. Enquanto a transportava ia conjecturando no seu conteúdo e se aquilo seriam tudo vestidos, sapatos e bugigangas do género: «O diabo das mulheres se não andarem com uma «boutique» atrás não se sentem gente...» Dai a pouco o homenzinho do chapéu vermelho apitou e um concerto de sons agudos perfuraram-lhe os ouvidos ao mesmo tempo que o comboio se pôs a deslizar na gare.

— Quando chegares quem te vai ajudar a transportar a mala? — perguntou ele.

— Cá não arranjaréi, tá descansado... Felicidade, hem?... E chegava a ponta dos dedos esticados à boca que sorria enquanto que dos olhos corriam lágrimas que ele não podia ver porque o comboio já já a sair da gare e desapareceu depois da curva que se seguia logo à estação. A gare ficou novamente silenciosa, apenas com a chiadeira característica

das carretas dos bagageiros.

Cá fora os táxis entregavam-se à sua afadogada caça ao freguês. E a medida que atravessava a praça fronteiriça à estação começou a sentir dentro de si uma sensação estranha que parecia aumentar a pouco e pouco. Olhou para o sol que feria a brancura das casas que circundavam a praça e pensou que talvez fosse do calor. Mas daí a pouco aquela sensação de abandono e solidão que tantas vezes o assaltavam acabaram por se apoderar dele. E sentiu medo, pois vivera tão intensamente todos aqueles dias que já não se sentia com coragem de voltar aos seus tempos antigos: «Tudo depende das relações humanas, tudo: a felicidade, o prazer de viver, de amar, de odiar...» Agora um comboio levava-lhe grande parte da felicidade que ele conseguira obter durante todos aqueles dias e abandonara-o à voracidade das recordações, àquele mundo fictício onde a imaginação impera e onde apenas podemos desfrutar de pequenos prazeres

momentâneos, nada comparáveis à imensa felicidade de todos aqueles dias de sol e de amor, entregue àquele saudosismo que ele tanto odiava mas que sempre o assaltava em momentos como aquele.

Tomou o caminho de regresso ao hotel, devagar. Tinha ainda um dia inteiro à sua frente sem nada que fazer, ou pior, sem disposição para fazer nada. No bar do hotel pediu um «brandy» como podia ter pedido outra porcaria qualquer e só depois de o beber e de sentir o estômago em brasa é que se lembrou de que estava quase em jejum e de que não gostava daquela mistela e então pediu um café e esvaziou o primeiro maço do dia! Pousou a enorme máquina fotográfica em cima do balcão — o que despertou a curiosidade do «barman» para a enorme teleobjectiva — e desatou a rabiscar uma data de notas num canhenho todo amarfanhado. Depois de as ler achou que era um poema! O «barman» perguntou qualquer coisa e ele não percebeu se era sobre ele se era sobre a máquina que o «barman» queria ser informado e resmungou qualquer coisa que ao outro soou como «correspondente de guerra» ou qualquer coisa parecida o que fez com que o outro balbuciasse qualquer coisa como «tão novo!...» e desatasse a conjecturar sobre onde é que havia uma guerra para andarem por ali correspondentes e tudo isto enquanto servia um «whisky» duplo a um enorme americano de enorme charuto que parecia conversar animadamente com um horrendo «bulldog» que se babava pelos cantos da enorme bocarra o que lhe fez lembrar a sua noite anterior debruçado sobre uma pia a deitar uma baba amarga e de cheiro nauseante. E naquele momento sentiu-se tão miserável que lhe apeteceu chorar ali mesmo ao balcão do bar e só não o fez porque o «barman» continuava a olhar maravilhado para a sua teleobjectiva e ele não queria de maneira nenhuma desfazer a boa impressão que já tinha causado. Por isso limitou-se a pedir outro café.

O FUTURO DO ESTRUTURALISMO

por RUY-HELDER

(PRÉMIO FÓSFORO FERRERO)

1. Porque é que eu acredito no valor do estruturalismo? Simplesmente porque «não é um método novo (mas) é a consciência desperta e inquietada do saber moderno», como escreveu Foucault. O estruturalismo insere-se na problemática das teorias de Copérnico, Darwin, Marx e Freud: todos eles, cada um dentro dos seus esquemas e dos seus limites, revolucionaram o pensamento contemporâneo, muito elivado de irrealismo estéril; todos eles descentralizaram — e por isso desmitizaram — o que era mais querido ao homem: a sua posição de centro do universo, o orgulho de pertencer a uma espécie biológica superior, as ideias do predomínio do espiritual sobre o material e do comando da consciência sobre as potências chamadas inferiores.

O estruturalismo veio justamente enfileirar na nova problematização de todo o conhecimento que se tem vindo a observar sobretudo após a primeira guerra mundial: deu-se novo incremento à perspec-

tiva sociológica, aprofundou-se a consciência individual, renovaram-se as bases que serviam de fundamento às ciências, assistiu-se a flagrante crise dos valores tradicionais. Agora preferimos o autêntico, ainda que limitado, ao grandioso mas utópico. Agora dispensamos as teorias feitas, as teses mastigadas, as conclusões definidas, as posições legadas. Agora exige-se — exigimos — um conhecimento seguro, tendo por fundamento a investigação, até ao seu próprio seio, das estruturas que subjazem à realidade observável.

2. Mas aceito o estruturalismo? Sim, mas não totalmente. O método estruturalista é perfeitamente válido e propõe-nos um universo significativo, interpretável. É válido, mas incompleto pois esquece deliberadamente a face consciente e vivida do homem para sobrevalorizar a face inconsciente, «telecomandada» pelo «sistema». Incompleto ainda porque subordina injustamente as coisas às palavras (Foucault) e recusa o

valor da História e a possibilidade do sentido religioso (a Religião será apenas uma deformação de estruturas?)...

O fulcro da questão está, porém, no HOMEM. Tornou-se «slogan» publicitário falar na «morte do homem»... Lévi-Strauss, para evitar «instalar-se no eu», conclui que o pensamento é a actividade de um inconsciente combinatório que se serve de mecanismos biológicos e psicológicos, cujo funcionamento nos é revelado pouco a pouco pela linguística e pela psicanálise. Foucault considera o humanismo «uma maneira de resolver... problemas impossíveis de resolver». Por isso «a nossa tarefa é a de nos libertarmos definitivamente do humanismo (... que proclama reivindicações abstractas), separadas do mundo científico e técnico, que, esse sim, é o nosso mundo real».

3. Já alguém escreveu que «estruturalizar» é um verbo intransitivo e sem futuro. Sinceramente não posso concordar. Mas, por outro lado, também não

vou afirmar que o estruturalismo jamais terá fim. Sempre gostei da sentença de Lacan: «o estruturalismo durará o que duram as rosas, os simbolismos e os Parnasos: uma época literária, o que não quer dizer que ela não seja fecunda».

Sim! É fecundo, apesar dos seus limites, o labor intelectual de Claude Lévi-Strauss, de Foucault, de Lacan, de Barthes, de Althusser, como tinha sido fecunda a actividade de Saussure, de Mauss, de Jakobson e de tantos outros. E o futuro da avalanche estruturalista está assegurado, pelo menos em alguns dos seus princípios básicos, porque se fundamentam em dois mestres imorredoiros que, para além das deficiências — erros até — inerentes à situação de qualquer vanguardista, deixaram uma mensagem autenticamente perene. Refiro-me é claro a Freud e a Marx. As suas doutrinas, talvez mais pelo seu simbolismo que pelo seu conteúdo material, manter-se-ão de pé ainda por muitas gerações...

P O E M A

por M. SEQUEIRA AFONSO

na tarde que se esvai por entre os dedos
o teu corpo súbitamente percorrido
— talvez armas ou barcos ou poemas
ou um pensamento apenas pressentido

TEXTO INAUGURADO

por VÍTOR OLIVEIRA JORGE

de momento falo dessa solidão outra, que podia não ser. certamente não para dizer qualquer verdade e morrer após, todos os papéis em ordem. o rigor da maior exaltação, eis o que julgo mover-me. estou ante a disposição dos poderosos, e verifico não terem face. secretamente recomponho-lhes as pessoalíssimas razões, desejo-lhes o mais ensilêncio. de momento falo pelo grande gosto de inaugurar da mais tranquila insolência.

RECEPÇÃO

CRÍTICA

AOS

TRABALHOS RECEBIDOS

por ALICE VASSALO PEREIRA

J. E. ALVES (Lisboa) — Por enquanto os teus poemas mostram as tuas boas intenções e não as tuas possíveis qualidades poéticas. A poesia não tem nada a ver com demagogia. (Neste caso: rima mas não é verdade). Procura, pois, ser objectivo, mais lúcido, se possível. E evita o lugar-comum e as grandes tiradas que podem gritar muito mas nada significam — lembro-me daqueles teus dois versos

*«deiro no esquecimento
o vócuo das horas vazias»*

ou ainda

*«não critico
não desculpo
— aniquilo!»*

Vá, tenta ver as coisas tanto quanto possível a frio. E não te exaltes. A ordem é necessária mesmo no delírio. Antero o disse.

FÁTIMA (Lisboa) — Do princípio ao fim o teu conto é um amontoado de frases feitas, ouvidas e re-ouvidas, desde os tempos da «Tutinegra do Moinho»... Ao acaso cito algumas passagens dele:

«Os arbustos que rodeavam aquela antiga casa de aspecto triste e sombrio estavam cobertos por um grande lençol branco.»
(...) (...)

«Foi numa manhã em que o Sol não brilhou, que Miguel partiu em busca de fortuna deixando quatro corações saudosos.»
(...) (...)

«Lá no fundo, na aldeia, um homem alto, magro, pobremente vestido, com uma espessa barba que cobria o rosto cavado, aproximava-se lentamente da grande casa.»

E etc., etc., etc. Não há em todo o conto uma palavra — uma única! — que seja original, que seja o que for. É tudo falso, postiço, bafiento.

Por que não tentas escrever sobre assuntos que conheças, que façam parte do teu dia-a-dia? Talvez pudesses obter melhores resultados. Mas com este estilo de foto-novela não me parece que o teu futuro esteja na literatura. O que, de resto, não é tragédia nenhuma.

M. O. A. FERREIRA (Albergaria-a-Velha) — Não tenho bola de cristal nem sei adivinhar o futuro nos

astros. Tens 12 anos. Se isto que mandaste fosse uma redacção escolar eu diria que era fraca, muito fraca mesmo, sem qualquer interesse. Isto era o que eu diria se fosse tua professora e isto fosse uma redacção escolar. Mas não é o caso. Portanto não sei dizer-te se um dia serás escritora, pelo simples facto de que isto não é nada: «Oliveira de Azeiméis, terra dos encantos, terra das procissões, terra do futebol, terra de tudo...» Continua a estudar, continua a estudar que é o melhor para ti.

A. L. F. (Sobral de Monte Agraço) — Antes de mais, peço-lhe um favor: não queira fazer da sua filha uma criança prodígio. Não comece a gabar tão cedo os dotes poéticos que julga que ela possui — e que ela pode perfeitamente não possuir. Deixe-a gozar livremente os seus nove anos e não comece já a pensar tão a sério na sua «sensibilidade poética». O poema que me mandou é extremamente falso — e o senhor, mais que ninguém, deve ter consciência disso. Note que eu não pretendo dizer, com isto, que o poema não tenha sido escrito pela sua filha: ela pode tê-lo escrito de um modo absolutamente maquinal, com todos aqueles lacrimosos lugares-comuns que ela pode estar habituada a ouvir (na Telefonia, nos céguinhos, na boca doutras pessoas). Mas tente ver as coisas a frio e responda-me se uma criança de nove anos poderá sentir coisas como estas:

*«Minha mãe já morreu
já está com Deus
Mas eu coitadinha
Continuo pobrezinha
Quem me dera a mim morrer
tr para o pé do Senhor
E passar-me esta infinita dor»*

De nenhuma maneira se podem aceitar versos como estes e uma vez que a sua filha dedica o poema «aos meus pais que tanto gosto» nem sequer percebo muito bem o seu sentido... Mas uma coisa lhe digo: se a minha filha algum dia me escrevesse «quem me dera a mim morrer» garanto-lhe que não ficava tão contente e tão desocupada como o senhor parece ter ficado...

MATHY (Lisboa) — Quando te deixares de poemas (???) aos «beatniks» e elegias ao Brian Jones, poderemos talvez conversar a sério. Por agora é inútil.

(PRÉMIO FÓSFORO FERRERO)

PRESO AO DESTINO

por ADÃO FERNANDO FERREIRA DA SILVA



AINDA A PROPÓSITO DE UM FILME SEM HISTÓRIA (CONTINUAÇÃO)

(Continuação da 1.ª pág.)

seus álbuns Canções essas que analisadas não deixarão de nos mostrar as contradições radicais de base da sociedade que o gerou e condicionou. Isso é que verdadeiramente interessa. O filme de Pennebaker limita-se (e aí sim residem as limitações a que lá para o fim aludes) a mostrar-nos o acessório: o seu quotidiano. Da sua experiência deu-nos pedaços truncados (exceptuasse esse admirável «Subterranean howesick blues» que abriu o filme).

Além disso Sancho e Giraldes, Dylan não é nenhum símbolo. Dylan, como os Beatles, como os Stones, é a projecção de muitos milhares de jovens apanhados nas telas duma sociedade em que o Homem é mercadoria que se compra á razão de 8 horas por dia e que se deixa de comprar quando deixa de interessar isto é, quando não puder produzir. Disse que Dylan é a projecção de muitos milhares de jovens porque ele triunfou á escala de mil-

tidões. E dá-se assim uma transferência afectiva porquanto jovens como eles (nós), com afinidades ideológicas com as deles (nossas) triunfaram, impuseram-se ao mundo, aos adultos, ao saber de experiência feito. É isso Giraldes. Não é deus. Nem ninguém o quer fazer deus. Também gostava, oh Giraldes, que me explicasses o que é isso de canção-protesto. Tenho ouvido falar, falar, falar e ainda não sei. Será moda?

E aqui chegados a roca fia mais fino. É que Manuel Queirós Rubeiro de- pois de umas geniais considerações conta, com suprema infelicidade, a parábola - do - vendedor - de laranjas. Onde tu queres chegar — que raio de mania esta de escrever nas entrelinhas! — parece-me eu saber. Mas erraste a pontaria. Pá, não é para te desanimar mas olha que há-de ser bem difícil voltarmos ao tempo dos «génios». Por génio — entre-aspas entendo um indivíduo que viveu na miséria durante toda a vida e passados uns tempos da sua morte... Enfim, pá,

persiste que quem persiste sempre alcança. Pois é pá, é uma chatice isto de o nosso talento só ser reconhecido no grupo de café, mas que é que se lhe há-de fazer!

Também não percebo lá muito bem com é que duma só penada colocas Dylan, Donovans, etc. «numa pandilha de comilões (...) feitos uns com os outros a ver se nos levavam... oh Diabo! Então estamos a ser levados, hem? sempre admiramos muito aqueles espertalhões que os há por toda a parte, tu sabes, aqueles a quem cá... cá a mim nunca ninguém me fez (az, ará) o ninho atrás da orelha! Normalmente me dá dória de gerações é lá criada (no ninho sito atrás da orelha) mas isso é lá com eles (com os tais espertalhões).

Permite-me que te diga que, a Dylan, chamar-se-lhe génio é um exagero. Dizer que é a figura mais importante da música popular é um acto da mais elementar justiça.

(1) Sito no «Em órbita».

POEMA

por ALBERTO RAPOSO

O cantor pede a atenção do público para mais um número de palavras cruzadas em

Este público inconsciente que não sabe inglês e pede bis

PANORAMA

LIVROS, MUITOS LIVROS

■, para finalizar, temos o *mare magnum* das edições. De tudo e tudo se edita e lança no mercado. Claro que o facto é mais um fruto dos processos de comercialização que a concorrência implícita e explícita. Cada edição lançada é uma tentativa de obtenção do lucro que a anterior não conseguiu. E isto, que é verdadeiro logo à segunda edição realizada, passa a ser a partir dela a alma do negócio. E daí até à alienação das preocupações sociais e culturais não vai distância nenhuma.

■ certo que precisamos de livros, de muitos livros. Mas de bons livros. De obras que situem o homem, justamente, perante os seus problemas e que lhes abram os caminhos para a solução humanamente digna, deles. E que sejam ao mesmo tempo acessíveis a todos aqueles que se quiserem ler. E preciso que o livro, o bom livro chegue a todas as mãos simples, natural e fácil como a água que se bebe todos os dias e que se torna a procurar todos os dias porque todos os dias é necessária.

Francisco Dias da Costa — «República», 1/7/68.

SE NÓS SOMOS REALMENTE MAUS,
O MUNDO DOS BRINQUEDOS REFLECTE APENAS A NOSSA MALDADE

● SANTO AMARO (Fos Cda) — Devido à professora desta freguesia haver entrado em regime de licença, por doença, com vista à aposentação, as crianças ficaram privadas do ensino, e já depois das férias de Natal.

«O Século»

DAS FOTOGRAFIAS À LEGENDAS

CONTRASTE — Numa habitação, cuja entrada é reveladora das péssimas condições de vida no interior, um azulejo à porta com a inscrição «a minha casa é o meu mundo», possui um significado ao mesmo tempo comovedor e acusador.

SOLUÇÕES — Criar casas e bairros onde eles são necessários e não deixar que se criem novos aglomerados de enxotes, dispostos a esmo, de que as localidades da cintura de Lisboa são terrível exemplo.

CARÊNCIA HABITACIONAL — Mais de 2 milhões e meio de portugueses precisam de uma casa nova.

O SOL QUE NÃO AQUECE — A solução do problema habitacional depende fundamentalmente da execução de uma política de distribuição de rendimento integrada num plano de desenvolvimento económico e social.

CONSTRUIR, SIM, MAS COMO? — Não se pode deixar ao livre arbítrio dos particulares e aos acasos de uma indústria não planificada a resolução de um problema crucial para o País.

SE FOSSE ALGUÉM...

Se Simone de Oliveira fosse alguém neste País a quem tivéssemos de imputar responsabilidades pelo que diz e pelo que faz, sim senhor, teríamos de exigir justificações. Mas não. Como é cançonetista para entreter entre o intervalo de dois chás, apenas sorrimos e lamentamos a tristeza musical ligeira que nos rodeia, do à-vontade e irresponsabilidade com que se fazem afirmações em público.

Simone diz (1) que quer sobretudo dar uma oportunidade aos novos compositores para surgirem em primeiro plano, com melodias válidas.

Achamos bem. Lugar aos novos — que os deve haver para aí com talento — para se dar um pouco de descanso aos nobregas e sousas, aos jerónimos braganças e C.

E continua Simone a falar, agora a propósito do Prémio TV da Canção:

O que mais estranho é a lista de inexperientes a quem os compositores entregaram a defesa das suas composições. A ideia de proporcionar aos novos uma grande oportunidade é de aplaudir. A mim, quando comecei, também foi benéfico esse apoio. Mas há um mínimo de condições, para essa oportunidade ser dada.

Embatucamos. Simone é um poço de contradições. Um autêntico festival de não saber o que está a dizer. Simone diz que se deve dar oportunidade aos novos compositores. Mas a oportunidade que é válida para estes já o não deve ser para os intérpretes. E que no tempo dela é que era bom, eram necessários muitos esforços, tinha de se suar, sorrir muito, tirar cursos de estética, almoçar com os produtores e gerentes. Deduzimos tudo isto das suas declarações a lembrar os velhos tempos. E agora para ralva da cançonetista a TV abre as portas a qualquer, só porque houve a sorte (ou o acaso) de uma canção ter ficado na peneta após a escolha do júri.

Que desastre. Simone! Que pena você não se dedicar apenas a cantar. E que cada vez que bota palavra em entrevista é para borrar a pouca pintura decente que faz na canção. E daqui aconselhamo-la a nunca montar a cavalo sem perceber um pouco de equitação.

(1) Declarações ao «Diário de Lisboa», 26/1/69.

Segundo os dados tornados públicos pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), é a seguinte a percentagem de analfabetismo na América Latina:

Argentina (1960)	8,6
Bolívia (1950)	67,9
Brasil (1960)	39
Colômbia (1964)	27,1
Costa Rica (1963)	15,6
Chile (1960)	16,4
Equador (1962)	32,5
S. Salvador (1961)	51
Guatemala (1964)	62,1
Haiti (1950)	89,5
Honduras (1961)	55
México (1960)	34,6
Nicarágua (1963)	50,2
Panamá (1960)	28,3
Paraguai (1962)	25,7
Peru (1961)	38,9
República Dominicana (1960)	35,5
Trindade e Tobago (1960)	11,3
Uruguai (1963)	9,7
Venezuela (1967)	28,5

O NOVO CINEMA BRASILEIRO, O INTERCÂMBIO LUSO-BRASILEIRO

«Periódicamente, ouve-se falar da amizade e do intercâmbio luso-brasileiro.

Mas tudo se resume a palavras. Apenas palavras. Palavras sem significado e tanto mais vazias de qualquer sentido quanto de mais alto são pronunciadas. A gente ouve-as duzias de vezes. Nos discursos. A propósito das nossas relações com o Brasil.

Unem Portugal ao Brasil íntimos laços de família e de amizade, a mesma língua, quase o mesmo sangue. Toda a gente o sabe. A alto nível, falam governantes, embaixadores, chefes de delegações e enviados especiais, dessa amizade e desses laços. E do intercâmbio cultural e comercial que é preciso estreitar, aumentar, impulsionar. Todos nos dizem que o Atlântico, que nos separa geograficamente não deve apartar as nossas culturas, dificultar a troca dos nossos produtos (da terra, da indústria ou do espírito), impedir um melhor conhecimento das nossas mútuas características, das nossas particularidades e dos nossos específicos problemas; um melhor conhecimento da fisionomia e do modo de ser dos povos português e brasileiro. Palavras que estarão certíssimas se corresponderem a qualquer realidade se se não perdessem logo a seguir ao momento mais ou menos solene, mais ou ou menos de circunstância, em que são pronunciadas.

Tomemos o cinema por exemplo.

(...) O cinema brasileiro é falado em todo o mundo.

«Só Portugal o não conhece...»

— Alves da Costa, «O Comércio do Porto», 16/6/69.

«Uma crónica de Enrique Brazo, publicada no n.º 1074 da revista espanhola «Nuevos Fotogramas» não deixa de surpreender o leitor português: realizou-se em Madrid uma Semana do Cinema Brasileiro, patrocinada pela Associação Universitária Brasileira, com a colaboração da Embaixada do Brasil, do Instituto de Cultura Hispânica, da Casa do Brasil e do Cineclub Universitário da Casa do Brasil. (...).

Afortunados espanhóis que têm mais sorte do que os seus vizinhos lusitanos, orgulhosos por descobrir o Brasil mas ignorante do que é o cinema novo brasileiro... (...) Como se compreende a aproximação cultural entre Portugal e Brasil se o cinema estiver ausente de tal programa?» — Vasco Granja, «Vida Mundial», 20/6/69.

Das duas transcrições quantas perguntas apetece fazer. Quantos porquês. Quanto pasmo. Quanto tudo... Elas são por demais evidentes. E as evidências não se demonstram apenas se interrogam:

— Então por cá também não existem Embaixadas do Brasil e até Cineclubes e Casas do Brasil e não sabemos que mais?

— Ou estamos irremediavelmente condenados a não mais ver a realidade (ainda que não seja bonita) brasileira através do cinema. Do seu novo cinema, claro!

— Para quando «Terra em Transe» e «António das Mortes» de Glauber Rocha; «O Justiciero» de Nelson Pereira dos Santos; «O Desafio» de Paulo César Saraceni; «Os Fuzis» de Ruy Guerra, entre outros?

— Para quando o Novo Cinema Brasileiro?

«Os últimos tempos de Johnson na Casa Branca: — Vários amigos íntimos do presidente designados para cargos importantes» — «O Comércio do Porto», 9/10/68.

O PREÇO DA GUERRA

Do total de 28 285 baixas americanas no Vietnam, cerca de 1500 militares perderam a vida em operações aéreas contra o Vietnam do Norte. Éo que se conclui das estatísticas do Pentágono segundo as quais o número de feridos que tiveram de ser hospitalizados elevou-se a 94 981 (cerca de 2600 provenientes de operações aéreas). A tonelagem total das bombas lançadas desde o início das operações aéreas elevavam-se em 1 de Outubro a 2 825 824 toneladas.

Não é possível calcular o custo da guerra aérea contra o Vietnam, já que o Departamento da Defesa se limita a indicar totais globais referentes ao conjunto das operações. Estes têm vindo sempre a aumentar. Assim, em milhões de contos teremos:

1965 — 3,09; 1966 — 174; 1967 — 603; 1968 — 735 (em relação ao ano fiscal que terminou em Junho); 1969 — (previsões) 849.

● A LINGUAGEM falada, sa mesma adolescência, e até já a escrita, por que melhora e enlouquece alguns jovens é feita com os silvos da música a se exclusivamente por mo-nossílabos e interjeições, que tem o som e o ritmo que lembram os gritos gentílicos que os mais velhos não entendem e que se casa perfeitamente com o gosto do animalesco des- (—Deputado Arlindo Soares na Assembleia Nacional).

CINEMA PARA CRIANÇAS

Pelo «Boletim da União de Grêmios dos Espectáculos» n.º 158 (Março-Abril 69) soubemos que foram estreados 341 filmes, quatro dos quais portugueses, e as classificações obedeceram ao seguinte critério:

- Maiores de 6 anos: 6 filmes.
- Maiores de 12 anos: 145 filmes.
- Maiores de 17 anos: 190 filmes.

Aqui (cinema), como na televisão, com em outras manifestações artísticas dedicadas às crianças — esses homens em potência, essa matéria-prima, o nosso futuro, a nossa aposta, continuam a ser votados ao abandono. Incompreensivelmente.

E hoje referimos o caso específico do cinema para crianças em que exibidores e distribuidores e senhores que se seguem ou antecedem, não olham às necessidades que a criança implicitamente tem de procura, de descoberta, de saber, de invenção. Nada se lhes dá. Ou melhor: seis filmes durante os 365 dias de 1968. E até seis filmes que pedagogicamente pudemos duvidar. E até porque sabemos que «lá fora», sim «lá fora» não é menosprezar o «lá dentro», é apenas um ajustar de realidades, de verdades, isso «lá fora» até existem festivais de filmes para crianças. Lembramos Gijón, onde um manancial de filmes poderiam (deveriam) ser presentes à criança portuguesa. E isto não era pedir muito. Era obrigação. Era um dever para com o futuro.



VENÇA O SEU
ESGOTAMENTO

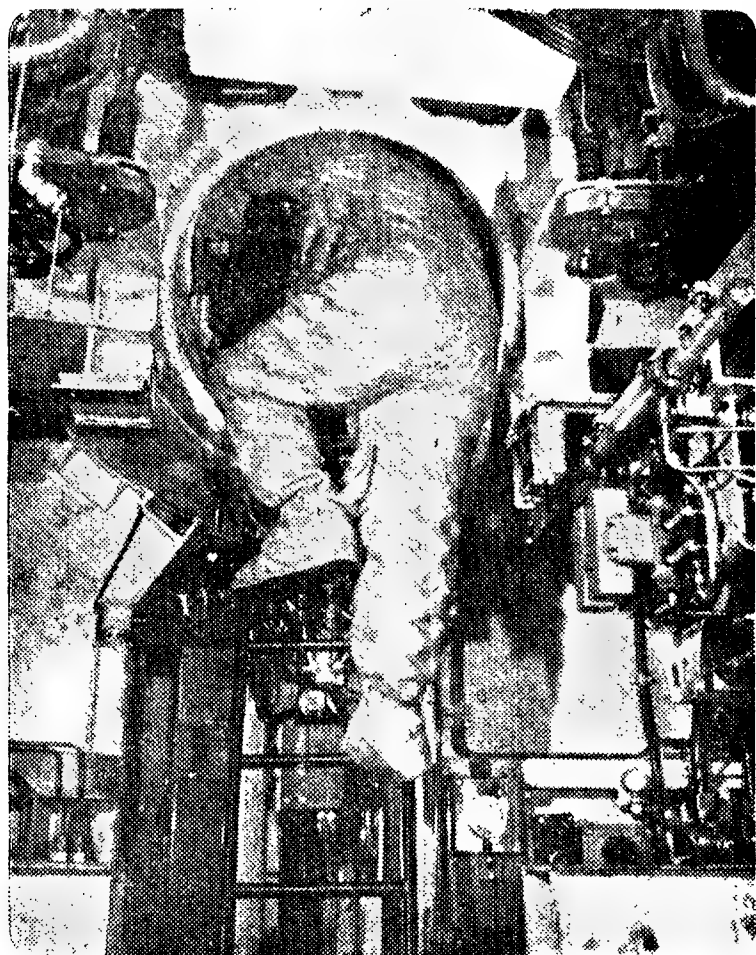
O INTENSO RITMO DA VIDA MODERNA EXIGE UM TRABALHO E UM ESFORÇO EXCESSIVOS, O QUE FREQUENTEMENTE ORIGINA UM DESEQUILÍBRIO DO SISTEMA NERVOSO E A FALTA DE ENERGIAS PARA A LUTA COTIDIANA. ANTES DE CHEGAR A TAL EXTREMO, CONSULTE O SEU MÉDICO E PREVINA-SE, TOMANDO FÓSFORO FERRERO.

EXIJA SEMPRE O LEGÍTIMO

Fósforo Ferrero

A VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS

OS HOMENS DA LUA



ESCREVERAM



**A LUA É UMA
PRECIOSIDADE
MAS DÊEM-ME A TERRA**

Michael Collins nasceu em Roma, filho de pais norte-americanos e, como os seus companheiros do histórico voo, em 1930. Foi piloto de ensaios da Força Aérea e é astronauta desde 1963, tendo sido piloto dos voos «Gêmeos» e um dos homens a passear no espaço. É casado com Patricia Collins e pai de três filhos.

Michael Collins

O computador UNIVAC 494 de tempo real pode processar o equivalente a uma novela em cada segundo ou ler uma enciclopédia num só minuto.

Naturalmente que um só destes computadores seria suficiente para qualquer empresa; todavia, a N. A. S. A. tem para cima de 100 computadores UNIVAC de potência equivalente, espalhados pelo mundo, num trabalho de apoio aos astronautas do Projecto Apollo.

E precisa de todos eles! Para se conseguir levar o homem à Lua, houve que analisar quantidades fantásticas de informação, em qualquer das fases de pré-lançamento, lançamento, entrada em órbita e regresso à Terra das cápsulas APOLLO.

Todos estes dados são encaminhados da cápsula, onde quer que ela se encontre, para as estações de terra ou para os navios de pesquisa e, daqui, para compu-

tadores UNIVAC 494, colocados no Centro de Controle de Comunicações, o GODDARD SPACE FLIGHT CENTER.

As informações são, depois, transferidas para outro UNIVAC 494 na Missão de Controle, em Houston.

As instruções de controlo, que decorrem das decisões e prioridades tomadas pelos computadores centrais (vários UNIVAC 1108, entre outros) em face da informação recebida, são, então, enviadas aos astronautas ou directamente aos próprios órgãos de comando da cápsula.

Este é, obviamente, um trabalho de importância vital, mas, para um sistema UNIVAC de tempo real, é apenas mais um trabalho.

Lógicamente, a sua empresa não necessita de um conjunto de computadores desta envergadura. Mas há outros computadores, como os da linha 9000, cuja con-

figuração se adaptará exactamente às suas necessidades a preços que certamente o surpreenderão e com os quais seria de muita utilidade «conversar».

Sim, porque nós podemos falar com eles desde que aprendamos a sua linguagem, o que, aliás, não é muito difícil.

Procure-nos, pois teremos muito gosto em conversar consigo sobre o assunto. Tranquillize-se, a nossa linguagem não é a do computador.

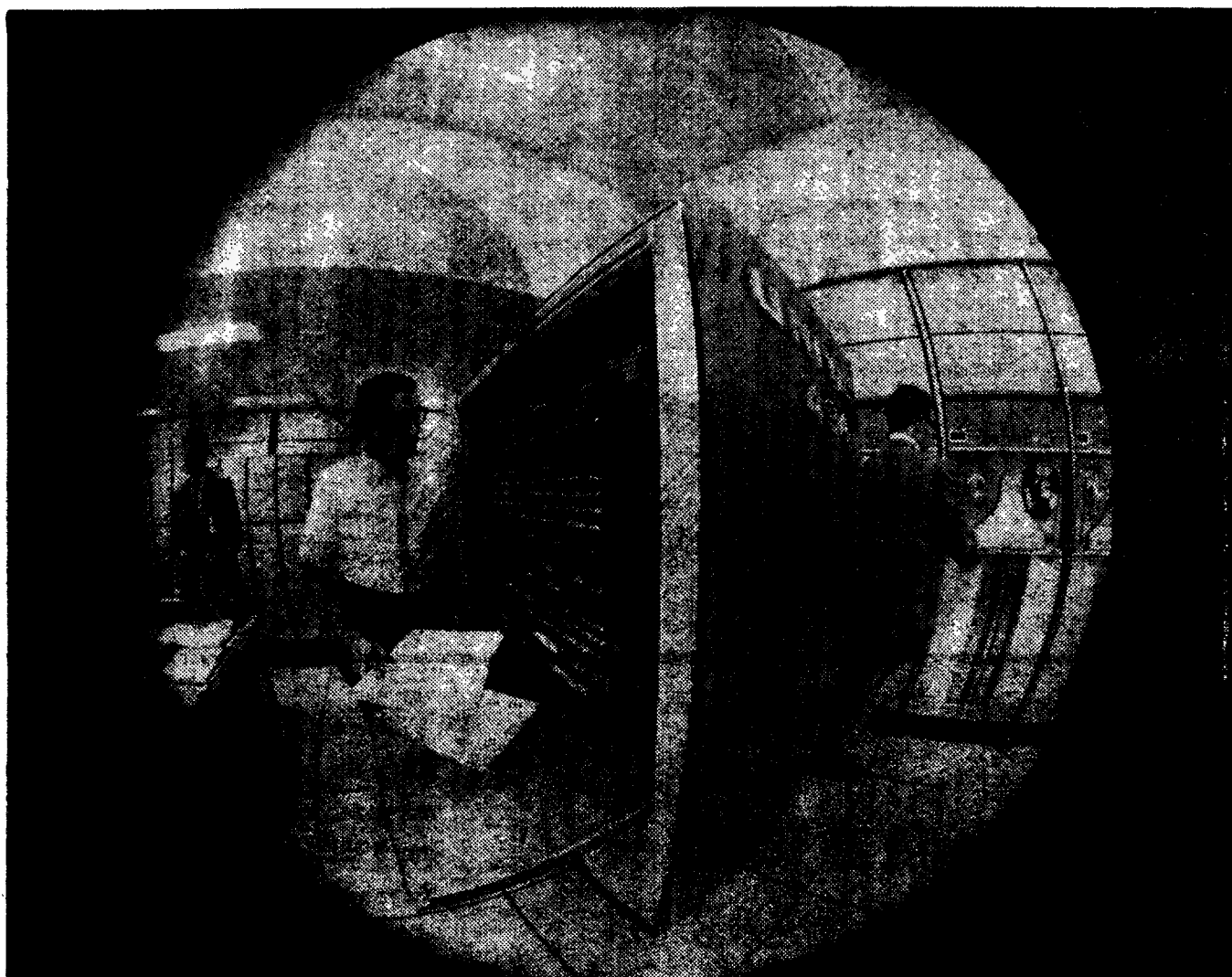
UNIVAC

SOLOR — Av. da República, 56-A
LISBOA

Telef. 778700 e 767057/8/9

101 COMPUTADORES

A base do Projecto Apollo. UNIVAC, evidentemente



A LUA É UMA PRECIOSIDADE MAS DÊEM-ME A TERRA

Meter oito dias e perto de 500 000 milhas em poucas colunas de prosa impressa é gigantesca tarefa. Vi muitas coisas que os olhos humanos raramente têm o privilégio de ver. Mas de tudo quanto vi o mais maravilhoso foi ter diante dos meus olhos a «Águia» a vir da superfície da Lua. Nessa altura fiquei realmente entusiasmado, pois, pela primeira vez, era evidente que eles tinham cumprido a missão. Tinham alunado e tinham conseguido regressar.

Era um lindo, um claro, dia lunar, se tal coisa existe. A Lua não parecia sinistra nem terrível, como pode parecer, sob angulos solares muito baixos. Mas nesse dia, com um ângulo solar alto, a Lua era um lugar alegre, como alegre era a nossa situação, porque o LEM vinha a caminho, e cada vez estava maior, mais brilhante, mais ofuscante e porque estava a bater precisamente no sítio onde devia bater. Tinham terminado todas as fases críticas do «rendez-vous» e o que agora tínhamos a fazer era acostar e voltar à pátria.

É claro que o computador me tinha estado a dizer que tudo ia bem, mas isso era uma mensagem demasiado impessoal. Não há nada que possa substituir a sensação de estarmos a olhar para fora e vermos realmente a «Águia» fixada no ponto exacto, como se fosse um comboio deslizando pelos carris.

Neil procedeu às manobras iniciais para ficar precisamente junto da minha nave e apontar a sua nave para o ponto exacto de acoplagem. Vigiei a acostagem a uma distância de seis a dez metros. Para mim era muito mais fácil que para ele, pois Armstrong tinha que olhar por cima da cabeça, através de uma pequena janela, e eu estava a olhar mesmo em frente, através de uma janela maior.

PRESOS POR «CLIPS»

O processo de acoplagem inicia-se quando os dois veículos se tocam e o «fofinho» do LEM se introduz na abertura do módulo de comando. Nessa altura, ficam

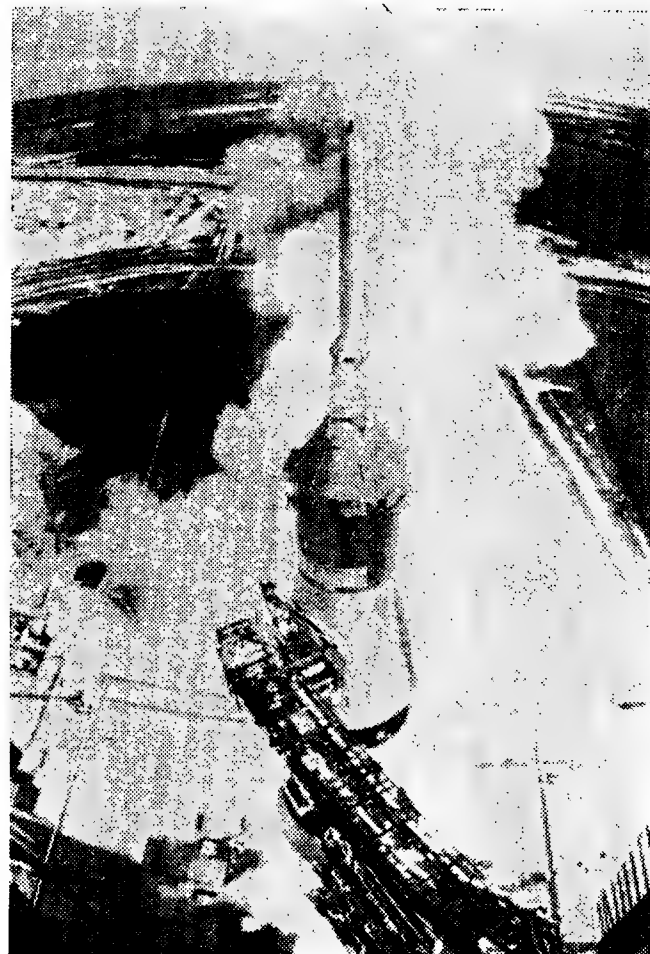
presos um ao outro, por minúsculos ganchos e é quase como se esses dois veículos (um de 30 000 libras de peso e o outro de 5000) ficassem presos por simples «clips». É uma ténue ligação. Para a firmar, tem que se disparar uma pequena botija de gás, que vai activar um êmbolo, o qual, literalmente, liga os veículos por sucção. Nesse momento, os primeiros ganchos dispararam mecânicamente e as naves ficam presas uma à outra por doze ganchos fortíssimos, resistentes como chaves-inglesas. Está terminada a difícil acostagem.

Precisamente quando eu estava a carregar a botija de gás, sentimos uma oscilação anormal no eixo de direcção. Passámos 8 ou 10 segundos verdadeiramente inseguros, e, nessa altura, pensei de verdade que tínhamos esgotado as possibilidades de chegar ao fim da manobra e que eu teria de soltar o LEM, voltar atrás e recomeçar a manobra de acostagem, outra vez do princípio. Podia fazê-lo, porque havia combustível bastante. Ouvi dizer que eu exclamei então: «O diabo desta coisa, soltou-se!» Não me lembro de ter dito isso, mas está na gravação das comunicações, e, por isso, devo mesmo tê-lo dito.

SAUDAÇÃO NO TÚNEL

Seja como for, imediatamente tomei providências para corrigir o ângulo e Neil fez o mesmo na «Águia». Repusemos ambos os veículos numa posição de alinhamento. Entretanto o sistema automático de acoplagem entrava em funcionamento, e ouvimos um violento «bang» característico: os 12 ganchos estavam a entrar. E pronto! estávamos acoplados, tinha acabado a manobra.

A primeira coisa que eu tinha agora a fazer era desobstruir o túnel e acondicionar devidamente os instrumentos da acoplagem. Depois flutuei a caminho do túnel para os saudar. Estava a vê-los, a ver os seus olhos, brilhantes e redondos, como pérolas, lá em cima no LEM. É horrível, mas já não me lembro qual deles foi o primeiro a regressar à «Colúmbia» comigo. Encon-



Ele aí vai; com o rugido dos seus motores o «Saturno V» atrai o Homem para a mais extraordinária viagem do século

trei-os a ambos no túnel e apertámos as mãos com muita força e foi tudo. Estava contente por os ver e eles confessaram como se sentiam felizes por estarem de volta. Passaram-me as caixas das rochas e eu peguei-lhes como se elas estivessem abarrotadas de jóias raras, o que, em certo sentido, não deixava de ser verdade.

Troquei-as pelas minhas velhas latas vazias de hidróxido de lítio (latas de purificação de ar levadas a bordo da nave espacial, na base de um por um) e nunca me senti tão contente por ver o hidróxido de lítio a ir e as caixas de rochas a vir. Pareciam uma coisa que qualquer pessoa esperaria ver atirada para um canto de uma caixa forte bancária. Estava radiante com a ideia de que tínhamos não só cumprido a missão de levar homens à Lua como ainda por cima retirávamos o fantástico dividendo de vir com coisas de extremo valor científico.

UMA FRÁGIL CADEIA

O voo foi em geral magnífico. Fiquei um tanto surpreso com o voo inicial no Saturno V. Os primeiros 15 segundos foram maus de passar. Suponho que os Saturnos são, de certo modo, como as pessoas. Não há dois que sejam exactamente iguais. O nosso parecia muito «agitado». Era como

Continua na página 5

J. PIMENTA, S. A. R. L.



Vista parcial da Reboleira construída por J. PIMENTA, S. A. R. L.

FOI INICIADA A 3.^a FASE DA REBOLEIRA E COM ELA A CONSTRUÇÃO DA PISCINA E ZONA DESPORTIVA. MAIS 1000 FOGOS VÃO SER CONSTRUÍDOS.

SE PREFERIR A LINHA DE CASCAIS, TEMOS AGORA UMA MELHOR E MAIOR GAMA DE APARTAMENTOS MOBILADOS EM PAÇO DE ARCOS.

EM PLENA VILA DE CASCAIS OFERECEMOS-LHE REQUINTADOS APARTAMENTOS COM VISTA PANORÂMICA SOBRE O MAR E SERRA DE SINTRA

VISITE O APARTAMENTO-TIPO DE CASCAIS, JÁ MOBILADO, EM EXPOSIÇÃO POR DE TRÁS DO HOTEL BAÍA

190 CONTOS RENDEM-LHE 1187\$50 MENSAIS (ADMINISTRANDO DIRECTAMENTE ESTE RENDIMENTO PODE SUBIR PARA 1437\$50, SUPERIOR A 9%)

3000 CLIENTES DAR-LHE-ÃO AS MELHORES REFERÊNCIAS

Propriedades à venda em: Reboleira, Amadora, Venda Nova, Paço de Arcos, Parede, Cascais, Lisboa, e brevemente Queluz

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º Esq. — Telefones 4 56 43/4 78 43

QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22

REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70

NUNCA AVISTEI A «ÁGUIA» POUSADA NA SUPERFÍCIE LUNAR

uma senhora nervosa a guiar o carro por uma estreita travessa, incapaz de decidir se há-de cortar à direita, se há-de cortar à esquerda. Mas sabe que tem de cortar para uma direcção ou talvez para a outra. E assim fica com as rodas aos solavancos para a frente e para trás, para trás e para a frente. Espero que, quando examinar os dados do voo, venha a descobrir que fui eu que exagerei um pedaço, levado pela perfeita noção que tinha da tensão desse momento. Seja como for, o que eu senti foi isso. Fiquei muito contente quando eles disseram «tower dear» porque era bom saber que não andava por ali nenhuma estrutura

Um voo como este depende de uma cadeia de eventos, extremamente longa, frágil. O mau funcionamento de um dos milhares de peças da máquina, em qualquer ponto do caminho, podia arruinar tudo o mais. Apesar de eu ter grande confiança em cada peça individual da engrenagem, sentia-me um pouco pessimista a respeito das nossas possibilidades de cumprimento cabal da missão. Pensava em que uma cadeia tão longa e tão tênue como esta, teria que ter um elo frágil. Podem crer: antes do voo levei muito tempo preocupado com esse elo. Seria eu o elo frágil? Teria o meu treino descurado alguma informação vital? Ou

alarmava. A verdade é que às vezes até prefiro estar só.

Eu sabia que havia muitas coisas que podiam correr mal no LEM e que algumas delas podiam exigir de mim um grande trabalho de correcção, mas não me sentia nada apreensivo com isso. No «Colúmbia» eu tinha uma boa casa. A sua arquitectura assemelha-se à de uma catedral em miniatura, em que o túnel seria o campanário. Tínhamos que nos preparar para uma possível transferência extranave se não conseguíssemos acostar devidamente. Por isso tirei o divã do meio, fechei-o e arrumei-o debaixo do divã da esquerda. E assim arranjei uma coxia, que me dava mais espaço do que me era necessário e pude andar de um lado para o outro na minha minicatedral, estatelando-me na nave ou no transepto, quando não tinha cuidado.

Nunca consegui avistar a «Águia» pouxada na superfície lunar, por isso não vi se o LEM reflectia a luz e se eu seria capaz de os avistar a eles. Mas lá em baixo via uma gigantesca superfície. De horizonte a horizonte levam-se apenas 6 minutos e meio. A maior parte desse tempo não é útil, porque ficamos em ângulo tão oblíquo que não vemos nada. O período de tempo em que estamos mesmo na perpendicular ou quase na perpendicular reduz-se a cerca de 2 minutos e meio. Eu estava a olhar através do sextante, que é um poderoso instrumento mas que tem um estreito campo de visão e, por isso, durante esse período de dois minutos e meio eu ficava apenas a esquadriñar uma estreita faixa de «terreno» lunar. A missão de «contrôle» ia-me transmitindo as suas mais justas estimativas da localização do LEM e eu tinha um mapa marcado com quadrados tracejados. Mas a cada passagem eu só podia observar e procurar um ou dois quadrados, de uma milha quadrada, no máximo. Eles estavam a dar-me indicações que variavam de 8 a 10 quadrados tracejados e nunca os vi.

NAO OS VI NA LUA

Quando o LEM está na superfície lunar, está sempre apontado para qualquer ponto da Terra, e Neil e Buzz podiam sempre falar para a Terra. Mas eu estava a girar a toda a velocidade, para cá e para lá, e

Continue na página 7



O último aceno à Terra à partida para a fantástica viagem

enquanto aquela coisa ia voando aos soluços e solavancos. Não fez tanto barulho como eu esperava e não houve indicação de qualquer deficiência. Passados cerca de 15 segundos tudo acalmou e o segundo andar foi tão sereno como o superfície de um espelho. Parecia uma coisa etérea. Não podíamos acreditar que atrás de nós havia aqueles engenhos em chamas.

UMA MINICATEDRAL À VOLTA DA LUA

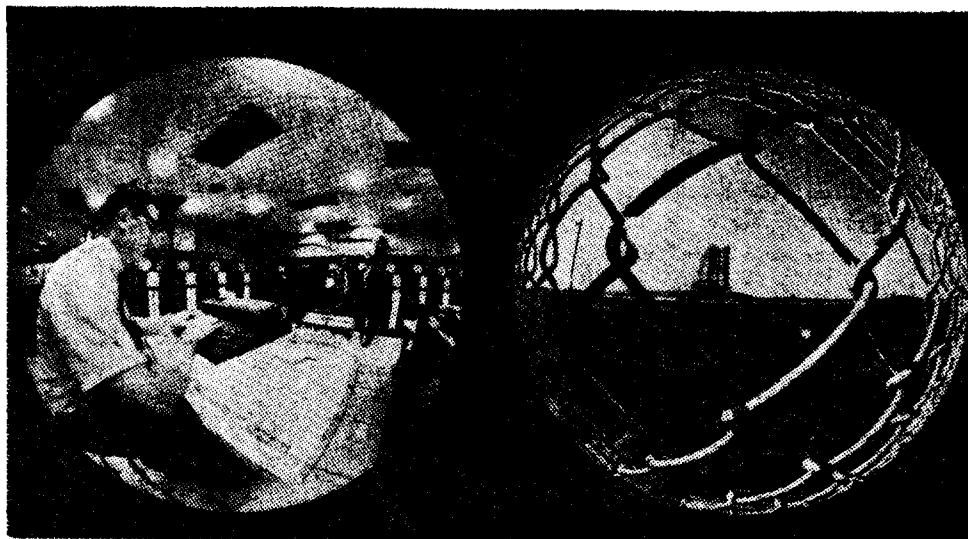
No terceiro andar, tivemos uma sensação mais normal de foguetão. Sentíamos uma vibração ou zumbido de uma frequência média muito suave.

teria eu sido convenientemente adestrado, mas desatento?

No dia do lançamento, estava certo de que tinha dado todos os passos racionais necessários à minha preparação, e confiava em que os milhares dos outros responsáveis pelo programa tinham feito o mesmo. E fizeram, porque a perfeição foi total a todos os escalões.

As pessoas continuam a perguntar-me se eu me sentia sózinho, lá em cima na «Colúmbia», enquanto Neil e Buzz estiveram na Lua. Não sentia. Durante 17 anos andei sózinho a pilotar aviões e a ideia de estar só num objecto voador em nada me

Projecto Apollo



Um computador GE-635 em acção durante a contagem decrescente

Resultado da estreita colaboração do Governo e da Indústria particular dos Estados Unidos, o projecto Apollo constitui um expoente de imaginação e de perícia técnica. Elementos básicos da equipa de trabalhos, milhares de empregados da General Electric tiveram a satisfação de contribuir para a realização do gigantesco empreendimento.

De facto, mais de 6000 empregados da General Electric orgulham-se de participar no êxito do projecto Apollo.

Desde o lançamento da nave à sua amarração no Pacífico, milhares de empregados da General Electric participaram no histórico acontecimento.

A participação da General Electric no projecto abrange os mais variados campos, desde o complexo controle das operações por computadores GE, ao equipamento de televisão e aparelhagem de medida e registadora, aos sistemas de radiografias por emissão de neutrões, aos indispensáveis e característicos capacetes espaciais em Lexan,

e à instalação do gigantesco foguetão Saturno, com os seus 36 andares.

Durante a contagem final decrescente, empregados da GE em Cabo Kennedy operaram continuamente em computadores GE-635, efectuando mais de 3.000 operações fundamentais de controle.

Para além destas tarefas de controle e de verificação, o computador encarregou-se do processamento das informações obtidas durante o voo.

Para cobertura pela televisão foram utilizadas câmaras GE modelo PE-250, a cores.

As lâmpadas lunares foram especialmente concebidas e fabricadas pela GE e os capacetes espaciais foram cobertos com uma camada de Lexan, um polícarbonato desenvolvido pela GE. Até os helicópteros que auxiliaram os astronautas à sua chegada tinham motores de propulsão GE, modelo T58, e o porta-aviões Yorktown era locomovido por turbinas GE.

Tendo aceite estas várias incumbências da NASA e do Governo dos Estados Unidos, teve a GENERAL ELECTRIC de desenvolver e de criar novas técnicas e produtos capazes de garantir o êxito do projecto Apollo. O sistema envolvia milhões de componentes, dos quais nem um só podia falhar. A aparelhagem eléctrica continha mais de 10.000 painéis e os 25.000 cabos e condutores eléctricos que a compunham seriam suficientes para tecer uma rede à volta do nosso planeta.

Este e muitos outros exemplos de minúcia e de perícia traduzem bem o esforço desenvolvido pela indústria americana, com papel relevante para a GENERAL ELECTRIC que se orgulha do êxito do projecto, certa de que os conhecimentos, materiais e produtos criados para a conquista da Lua, em breve serão aplicados a outros fins mais terrenos, para Bem da Humanidade.

...O PREÇO FIXO GE

As mesas ficam mais embelezadas e enriquecidas com a pequena aparelhagem doméstica GE. Prenda ideal para as datas festivas!

contra a corrida dos descontos...

...contra a corrida dos descontos...

Misturadores — 1300\$00

Batedeiras — 400\$00

Grelhadores — 950\$00

Cafeteiras — 800\$00

Tabuleiros — 1200\$00

Torradeiras — 560\$00

QUE BELO PLANETA É A TERRA

depois de cada revolução de 2 horas ficava na face oculta da Lua, donde não podia falar com ninguém, por mais de 40 minutos. E então, logo que eu chegava à vista do mundo — curiosa maneira de falar —, mas logo que chegava à vista do mundo, podia falar com o mundo. Ainda não estava à vista do LEM, porque ele estava acima do horizonte. Por isso, em cada uma das passagens pela face descoberta, eu tinha cerca de uma hora e 15 minutos, durante a qual podia falar com o mundo, mas só tinha 6 ou 7 minutos para falar directamente com o LEM. De cada vez que eu voltava da face oculta, perguntava para Terra:

— Que disseram eles?

Fui também uma das poucas pessoas que não os viram a caminhar na Lua, porque «Colúmbia» não tinha aparelho de televisão. Consegui ver finalmente os filmes do passeio na Lua, no barco de recolha.

Antes do voo, eu perguntava a mim mesmo se seria capaz de dormir. Fui, pelo menos dormi muito bem. Na noite em que eles estiveram na Lua passei cinco horas a dormir, enquanto as comunicações estiveram paradas. Eu sabia que as pessoas de Terra estavam a controlar todos os meus sistemas e sabia que a sua vigilância era firme e segura. Se eu tivesse problemas com a nave espacial, nem que fossem do valor de um tostão poderia estar apreensivo. Mas não tinha problemas. Por isso fechei os olhos e adormeci.

O BIGODE E A QUARENTENA

O meu bigode parece que interessa às pessoas. Não é a primeira vez que o deixo crescer, mas é a primeira vez que o levo para casa. Cada vez que deixo crescer o bigode, lembro-me da primeira vez em que isso aconteceu. Resolvi arranjar uma coisa com que passar o tempo, durante uma época de Natal, muito longa, que eu passei a assistir a um bombardeiro a jacto F-86 na rota do Atlântico Norte, entre a Califórnia e a França. Passei o Natal em Goosebay, Labrador, e o Ano Novo, em Bluie West I, Gronelândia. O tempo estava incrivelmente mau e causava atrasos de mais de uma semana, de cada vez. O meu jacto supersónico fazia uma média de 3-milhas por hora. Em muitos sentidos, essa viagem pareceu-me mais traumatizante que a ida à Lua.

Mas, voltando ao meu bigode, este de agora é decepcionante. Cresce em todas as

direcções e dá imensa comichão. Talvez precise de pomada. Tinha em mente uma coisa parecida com Tom Dewey, não que eu tenha quaisquer aspirações políticas, mas está a sair muito mais no género Fu Manchu ou Pancho Villa. Não sei bem quanto tempo o deixarei ficar. Dois dos meus filhos não gostam dele e a minha mulher não se pronuncia. Por agora tenho 10 votos a favor, mas ainda julgo que um dia posso perder a votação e lá tenho que o rapar.

O período de quarentena foi um tanto maçador. Gostámos realmente de saber que os ratos continuaram de saúde e não foram contaminados por micróbios lunares. Cá por dentro eu estava na disposição de lhes aplicar a respiração boca a boca ou qualquer outra coisa que os mantivesse vivos.

Sempre esperei que, depois da primeira alunagem se decidisse que a quarentena é desnecessária, mas compreendo que vá continuar ainda por mais três ou quatro alunagens, pelo menos.

A LUA MUDA DE COR

Vista a 60 milhas, a Lua muda de cor com a mudança do ângulo solar. À medida que a rodeamos, vamos tendo alvorada, meio-dia, crepúsculo e noite. E o ciclo repete-se a cada revolução. Quando chegamos à área de alvorada e crepúsculo, quando o sol cai oblíquo na superfície lunar, num ângulo rasante, é um mundo cinzento de verdade.

Os cinzentos vão desde o puro preto, passando pelo carvão, depois pelo azul-acinzentado até ao cinzento-claro. Foi isso o que disse a tripulação da Apollo 8. A da Apollo 10 pensou que a Lua era castanha. Como eles se referiam ao «meio-dia» lunar, quando o sol está num ângulo alto, têm razão: é castanha. Passa de cinzento a castanho, preto e depois cinzento outra vez: assim evitamos contradizer as outras tripulações.

No meu voo espacial anterior, Gemini 10 estava tão atarefado que nem sequer podia deter-me no espantoso facto de estar fora da nave, flutuando na ponta de uma corda. A minha atenção estava 100 por cento concentrada na tarefa que tinha a cumprir. Desta vez, durante os momentos mais sossegados do voo, eu podia realmente pensar no que estava a viver.

Uma coisa é estar a centenas de milhares de milhas de casa e outra coisa é estar a centenas de milhas de casa. Os meus pen-

samentos iam muitas vezes para minha casa. Pensava bastante na minha família, mas, além disso, pensava no planeta Terra e no magnífico lugar que ele é, e em como parece tranquilo visto a grande distância. Pensava em como seria bom voltar ao planeta Terra e ver a água azul em vez de ver esse mundo profundamente estéril e vazio por onde eu estava a girar. Há planetas e planetas. Só vi dois planetas mas não há comparação possível entre eles. A Lua é um lugar fascinante e estou certo de que, geologicamente, é uma preciosidade. Mas dêem-me antes a Terra.

QUE BELO PLANETA É A TERRA?

Espero que uma das consequências do programa espacial seja o de utilizarmos a nossa tecnologia para preservação e protecção do nosso planeta. Espero que as pessoas fiquem a saber como é maravilhoso o lugar que têm e que elas deixem de o conspurcar. Temos imensa sorte em possuírmos o ar para respirar e o oceano para recebermos nas nossas mãos e deitarmos por cima das nossas cabeças. É uma tragédia e um crime hediondo conspurcar e poluir as águas, de tal modo que deitá-las por cima das nossas cabeças deixe de ser um prazer.

Prefiro as pessoas às máquinas, mas há momentos em que os objectos frios e inanimados merecem o afecto, a consideração e a estima, geralmente reservados aos seres de carne e osso. O dia 24 de Julho foi um desses momentos e «Colúmbia» uma dessas máquinas. Tinha-nos levado através de um vazio negro e hostil para um planeta estranho, e tinha-nos trazido de volta depositando-nos serenamente, quase afectuosamente nas mais azuis das águas azuis. Não parecia justo abandonarmos sem cerimónia a sua carcaça, ressequida, esventrada e só, sem ao menos tentarmos, de certo modo, assinalá-la, distingui-la das outras máquinas.

Nessa noite, voltei a bordo, de esferográfica em punho, postei-me em frente do painel de navegação, contemplando a vazia extensão das suas paredes cinzentas. Não consegui encontrar palavras suficientemente eloquentes para descreverem as minhas emoções, mas, por fim, escrevi: «Nave espacial 107, dita Apollo 11, cognominada «Colúmbia». A melhor nave para regressar à Terra. Deus a abençoe».

Michael Collins

**SABE
QUE USA DIÁRIAMENTE A TÉCNICA QUE LEVOU
O HOMEM À LUA?**

A resposta está nos pneus MABOR do seu carro

Accionando a cápsula Apolo 11 com o motor SPS, a Aerojet General comprovou, uma vez mais, a sua avançada técnica. E essa mesma técnica está ao serviço nos pneus MABOR que equipam o seu carro. Porque a Aerojet e a MABOR, associadas

da General, compartilham dos resultados das suas investigações e progresso científico. Viaje com a segurança de saber o seu carro equipado com pneus concebidos por uma empresa que tomou parte na conquista da Lua. Prefira a técnica MABOR.



CIÊNCIA E TÉCNICA AO SERVIÇO DA SEGURANÇA